



SILAS QUEIROZ

*Jesus, o Filho
de Deus*

Os Sinais e Ensinos de Cristo
no Evangelho de João

Jesus, o Filho de Deus

Os Sinais e Ensinos de Cristo
no Evangelho de João

SILAS QUEIROZ

Jesus, o Filho de Deus

Os Sinais e Ensinos de Cristo
no Evangelho de João

1ª Edição



CPAD

Rio de Janeiro
2022

Todos os direitos reservados. Copyright © 2022 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na *web* e outros), sem permissão expressa da Editora.

Preparação dos originais: Cristiane Alves
Revisão: Daniele Pereira e Miquéias Nascimento
Conversão para ebook: Cumbuca Studio

Adaptação da capa, projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

CDD: 240 Moral cristã e teologia devocional
e-ISBN:

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso *site*: <http://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2022

Sumário

Introdução

Capítulo 1: Conhecendo o Evangelho de João

Capítulo 2: João Batista Preparando o Caminho

Capítulo 3: O Primeiro Sinal: Água em Vinho

Capítulo 4: Você Precisa Nascer de Novo

Capítulo 5: O Segundo Sinal: a Cura do Filho do Oficial

Capítulo 6: O Terceiro Sinal: o Paralítico de Betesda

Capítulo 7: O Quarto Sinal: a Multiplicação dos Pães e Peixes

Capítulo 8: O Quinto Sinal: Jesus Anda sobre o Mar

Capítulo 9: O Sexto Sinal: a Cura de um Cego de Nascimento

Capítulo 10: Jesus, o Bom Pastor

Capítulo 11: O Sétimo Sinal: Jesus Ressuscita Lázaro

Capítulo 12: Jesus Vence a Morte

Capítulo 13: Para que Creiais que Jesus É o Filho de Deus

Introdução

No fim do primeiro século da era cristã, ainda vivia em Éfeso um ancião, de nome João, pastor da Igreja na Ásia, com uma grande comunidade de fiéis sob a sua supervisão.¹ Esse João, filho de Zebedeu, quando jovem, fora chamado por Jesus para segui-lo e fazer parte do grupo dos Doze, que, depois, passaria a ser o Colégio Apostólico. Esse João não apenas compôs o grupo dos Doze, como também, nesse grupo, integrou o círculo mais próximo de Jesus, junto com Pedro e Tiago. Mais do que isso, nesse privilegiado núcleo era o mais íntimo, o discípulo amado, que se inclinava sobre o peito do Mestre. Agora, já velho, amadurecido na fé e cheio de convicções espirituais, decide escrever o quarto Evangelho. Esse mesmo João escreveu três Epístolas (1, 2 e 3 João) e o Apocalipse, exilado na Ilha de Patmos por ordem do imperador Domiciano (51-96 d.C.). Depois de Paulo, João, o apóstolo do amor, é o autor mais prolífico do Novo Testamento.

O seu conhecimento da Pessoa de Cristo tinha-se aprofundado e também se consolidado ao longo do tempo, como, aliás, acontecera com todos os discípulos de Jesus, que, progressivamente, foram apreendendo as revelações espirituais que antes não compreendiam. A sua vida piedosa e as suas muitas reflexões sobre os fatos que testemunhara na sua vivência com o Mestre, bem

como os ensinamentos que ouvira diretamente dos lábios do Salvador, resultaram em uma visão mais abrangente do significado e propósito do ministério de Cristo, comparando-se com o que já havia sido registrado pelos três primeiros evangelistas: Mateus, Marcos e Lucas, cujos Evangelhos já circulavam há mais de vinte anos.² Ficamos a considerar o quanto João pode ter rememorado com Maria, a mãe de Jesus, parte das experiências espirituais que viveu com o Mestre, já que privou da sua companhia contínua por algum tempo, desde o dia da crucificação de Cristo (Jo 19.27).

Agora, diante de um cenário cristão em que a doutrina mais atacada era a que pregava a divindade de Jesus, João viu a necessidade de escrever o seu Evangelho. Mateus escrevera para os judeus, fazendo a apresentação do Messias, o Filho de Davi, expondo a sua genealogia a partir de Abraão (Mt 1.1).³ Marcos escreveu para os romanos, apresentando a Jesus como o Filho de Deus e o Messias, o Servo Sofredor.⁴ Lucas foi endereçado a certo Teófilo⁵ e alcançou o mundo gentílico de língua grega, apresentando Jesus como Salvador-Divino-Humano. Finalmente, João, concitado pelos pastores das igrejas da Ásia e dirigido pelo Espírito Santo, escreve um Evangelho que enfatiza não a humanidade de Jesus, mas a divindade, para refutar as heresias do seu tempo e todas aquelas que viessem — e como vieram! — surgir ao longo da História da Igreja. Não que Mateus, Marcos e Lucas (os sinóticos)⁶ não tenham apresentado a Jesus como o Filho de Deus, porque

também nos seus escritos é essa a sua identidade⁷, mas em João essa verdade é ressaltada de forma especial, justamente por ser mais teológico.

Em resumo, duas eram as principais confrontações feitas pelos hereges naqueles dias, ambas igualmente perigosas: a primeira negava que o homem Jesus fosse também plenamente Deus, ou seja, negava a divindade de Cristo; a segunda dizia que Jesus não era verdadeiro homem, isto é, que fosse carne, negando a sua humanidade.⁸ Para alguns desses heréticos, Cristo teria se manifestado apenas em uma aparência de ser humano, mas que seria um espírito, uma emanção de Deus. Eram os gnósticos, cujas heresias podem ter sido a principal motivação para João escrever o seu Evangelho. Heresiarcas gnósticos, como certo Cerinto, estavam em cena naqueles dias, e os seus falsos ensinamentos, fortemente influenciados pelo dualismo platônico, precisavam ser refutados.

Nesse cenário, o ancião João, cheio do Espírito Santo, o Espírito da Verdade, vive o que Jesus prenunciara: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (Jo 14.26). Sob essa inspiração, João escreve o seu Evangelho falando do Jesus Homem não a partir da encarnação, como fizeram Mateus e Lucas, mas, retomando à eternidade passada, expõe a revelação do Verbo eterno, que, no princípio, era Deus e estava com Deus, sendo também preexistente e Criador de todas as coisas (Jo

1.1-3). Em João, Jesus é apresentado como o Deus encarnado, habitando com os homens.⁹

Os Sinais Cristológicos

Feita a apresentação de Cristo como o Deus Eterno, João narrará sete milagres que Jesus realizou, dentre muitos outros, nos quais o apóstolo não identifica apenas operações miraculosas, como produto da fé dos necessitados ou para manifestar a compaixão de Cristo, como analisa D. A. Carson,¹⁰ mas, acima de tudo, atos messiânicos para provar a sua divindade e trazer fé à existência — não uma fé apenas nos milagres, mas fé nEle como Cristo, o Salvador, ou seja, uma fé pessoal e relacional. Assim, em João, esses milagres são mais do que *dunamis* (manifestações de poder) ou *teros* (maravilhas); são *semeion*, sinais, marcas, provas, indicações da divindade de Cristo. Um entendimento espiritual mais ampliado, portanto, do significado e propósito dos milagres fica explícito no Evangelho de João: Jesus, o Nazareno, operou sinais especialmente para revelar-se como o Messias divino, o Filho de Deus encarnado, cujo poder não encontrava quaisquer limites. Daí a seleção de sinais feita por João apresentar Jesus operando maravilhas que desafiavam todo e qualquer limite, inclusive a morte, já depois de quatro dias. Os sete sinais cristológicos são: a transformação da água em vinho (2.1-11); a cura do filho de um

oficial do rei (4.43-54), a cura de um paralítico de Betesda (5.1-15), a multiplicação de pães e peixes (6.1-15), Jesus andando sobre as águas do mar da Galileia (6.16-21), a cura de um cego de nascença (9.1-41) e a ressurreição de Lázaro (11.1-45).

No quarto Evangelho, a narrativa desses sinais é entremeada com sete sermões e sete declarações cristológicas,¹¹ ou seja, João não apenas fazia a narrativa do evento, mas apresentava o seu sentido teológico a partir das palavras de Cristo, para que a comunidade joanina e os cristãos de todos os tempos cressem que Jesus é o Filho de Deus e, crendo, tenham vida no seu nome. Em João, não encontramos as parábolas de Jesus e muitos dos discursos e narrativas vistos nos sinóticos. Mais de 90% do conteúdo de João é exclusivo, isto é, não aparece em Mateus, Marcos ou Lucas, principalmente porque o Evangelho joanino faz rápida referência à fase do ministério de Jesus na Galileia — que durou cerca de um ano —, enquanto nos sinóticos, há farto registro dos fatos ocorridos na região. João, por sua vez, volta-se mais para os eventos acontecidos no Sul, ou seja, na Judeia, e especialmente em Jerusalém, bem antes da fase galilaica, constante dos sinóticos.¹² Também é exclusivo de João o registro do ministério de Cristo entre os samaritanos (Jo 4.1-42). Isso faz de João um Evangelho singular, inclusive quanto ao período coberto por suas narrativas, cronologicamente mais completo que o visto nos sinóticos. Com João, é possível ver que o ministério de Jesus teve duração superior

a três anos, e não de somente pouco mais de um ano, como é possível inferir das narrativas de Mateus, Marcos e Lucas. Sobre isso, Eusébio de Cesareia faz relevante registro:

Ora, depois que Marcos e Lucas haviam publicado seus Evangelhos, dizem que João, que durante todo esse tempo estivera proclamando o evangelho sem escrevê-lo, finalmente passou a escrevê-lo na seguinte ocasião. Os três Evangelhos previamente escritos, foram distribuídos entre todos, e também passado a ele. Dizem que ele os aceitou, dando testemunho de sua veracidade; mas que só faltava à narrativa o relato das primeiras coisas realizadas por Cristo e no início do evangelho. E essa era a verdade. Pois é evidente que os outros três evangelistas somente escreveram os atos de nosso Senhor realizados depois de um ano da prisão de João Batista, indicando isso no início da história deles.

[...]

O apóstolo, portanto, em seu Evangelho, apresenta os atos de Jesus antes de Batista ser aprisionado [...]. É provável, portanto, que por esses motivos João tenha se silenciado quanto à genealogia de nosso Senhor, porque fora escrita por Mateus e Lucas, tendo então começado com a doutrina da divindade, como parte reservada para ele pelo Espírito divino, como que para um superior. Que isso baste a respeito do Evangelho de João.¹³

João e a Cristologia Ortodoxa

Os escritos de João e de Paulo exerceram grande influência nas controvérsias, debates e concílios dos primeiros séculos da era cristã. O Evangelho de João foi uma fonte fundamental para a definição da Cristologia ortodoxa quanto à divindade, posição e papel de Cristo na Trindade. O Credo Niceno (325 d.C.) afirma que o Filho é da mesma essência ou substância (*homooúsios*) que o Pai, o que confere com a declaração de Jesus registrada por João

(5.16-23; 10.30; 14.9,10).¹⁴ Também o estudo das duas naturezas de Cristo, a divina e a humana, tem nos escritos joaninos fonte segura. O apóstolo destaca a natureza divina coexistindo perfeitamente com a natureza humana, em uma só Pessoa. É o mistério da encarnação, a união hipostática de que trata a teologia.¹⁵ Em João, isso aparece já no prólogo (Jo 1.1,2,14). De igual forma, as inequívocas manifestações da plena divindade de Cristo no Evangelho de João contribuem para solidificar o correto entendimento acerca da *kenósis*, ou autoesvaziamento do Filho de Deus, e o que isso significa, ou seja, no que consistiu esse autoesvaziamento.

Não resta dúvida do propósito específico da revelação contida no Evangelho de João, que em nada contradiz os sinóticos, mas os complementa. Como diz Matthew Henry: “[João] nos transmite mais sobre o mistério daquilo de que os demais evangelistas nos dão a história. [...] prossegue até a perfeição (Hb 6.1) [...] conduzindo-nos mais para dentro do véu.”¹⁶

Todos somos convidados a entrar no Lugar Santíssimo, conduzidos pelo Espírito Santo, e contemplar a glória do Filho de Deus, cheio de graça e de verdade.

¹ João estava entre os apóstolos e discípulos de Cristo que, sobrevivendo às perseguições nas quais muitos foram martirizados, deixaram a Judeia e foram espalhados por todo o mundo, como narra Eusébio de Cesareia (263-340 d.C.): “De acordo com a tradição, coube a Tomé, por sorte, a região da Pártia; André recebeu a Síria; e João, a Ásia, onde permaneceu por um tempo, e

morreu em Éfeso” (CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 79).

- ² As datas dos Evangelhos são aproximadas e não exatas: Mateus foi escrito por volta do ano 60 d.C.; Marcos entre 55 e 65 d.C. (muitos estudiosos defendem que Marcos pode ter sido o primeiro Evangelho a ser escrito); Lucas é datado de 60 a 63 d.C. Quanto a João, a data mais provável para a escrita fica entre 80-95 d.C.
- ³ Em Mateus, Jesus é o Messias e Rei, predito pelos profetas do Antigo Testamento.
- ⁴ Marcos é considerado como um Evangelho de ação, pois enfatiza mais o que Jesus fez do que ensinou. É possível que tenha sido o primeiro dos quatro Evangelhos a ser escrito (*Bíblia de Estudo Pentecostal*, CPAD, p. 1459).
- ⁵ Segundo A. T. Robertson, “O nome significa ‘amigo de Deus’, ou ‘querido por Deus’. Ele já poderia ser um crente. Provavelmente, era um gentio. Ramsay afirma que ‘excelentíssimo era um título como ‘Vossa Excelência’, e mostra que ele tinha um cargo, talvez fosse um fidalgo”. (ROBERTSON, A. T. *Comentário Lucas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 26).
- ⁶ “Termo que se usa para descrever os primeiros três Evangelhos, cujo esboço e visão geral são comuns – daí a palavra ‘sinópticos’, ou seja, que têm uma visão comum – e que de certo modo contrastam com o quarto evangelho” (GONZÁLEZ, Justo. *Breve Dicionário de Teologia*. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 305).
- ⁷ Alguns textos: Mt 1.23; 3.16,17; 4.3; 7.21; 8.29; 11.27; 16.16; Mc 1.1,10,11; 3.11,12; Lc 1.35,43; 2.10,11,49; 3.21,22; 4.41; 22.67-71.
- ⁸ Esta síntese do pensamento herético coaduna com a dualidade que vigia nas escolas de Alexandria e Antioquia quanto aos dois ramos hermenêuticos, mencionados pelo teólogo David R. Nichols: “Nos tempos dos pais da Igreja, existiam diferenças, nas duas ramificações da Igreja, quanto ao modo de interpretar as Escrituras. A escola de Alexandria enfatizava a abordagem alegórica. Esses cristãos apegavam-se à defesa da divindade de Cristo, às vezes, deixando sua plena humanidade em segundo plano. A escola de Antioquia enfatizava a abordagem literal à interpretação das Escrituras. Defendiam bem a doutrina da humanidade de Cristo, mas, às vezes, o faziam às custas da sua plena divindade.” (HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 316).
- ⁹ Nas suas Epístolas, João faz a mesma refutação quanto à negativa da encarnação do Filho, expondo os falsos profetas e enganadores que negavam que Cristo tivesse vindo em carne (1 Jo 4.1-3; 2 Jo 7).
- ¹⁰ CARSON, D. A. *O Comentário de João*. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 53.

- ¹¹ Jesus revelou-se como o “Eu Sou”, a mesma identidade com que o Deus de Israel apresentou-se a Moisés (Êx 3.14). Com essas declarações, Ele estava revelando-se igual ao Pai. As sete declarações são: “Eu sou o pão da vida” (6.35,48), “Eu sou a luz do mundo” (8.12), “Eu sou a porta” (10.7,9), “Eu sou o bom Pastor” (10.11,14), “Eu sou a ressurreição e a vida” (11.25), “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (14.6) e “Eu sou a videira verdadeira” (15.1).
- ¹² João registra fatos acontecidos na Galileia no começo do ministério de Jesus, que não aparecem nos sinóticos, como o milagre em Caná e a cura do filho de um oficial do rei (respectivamente, antes e depois de sua primeira viagem a Jerusalém), enquanto os sinóticos vão registrar fatos do ministério de Jesus na Galileia depois de Ele já ter feito duas viagens à Judeia, conforme João 2.13 e 5.1. Outra ida de Jesus a Judeia, por ocasião da Festa dos Tabernáculos, também é registro exclusivo de João (7.1,10). Em decorrência da referência à “festa dos judeus” em João 5.1, que muitos estudiosos consideram tratar-se da Páscoa, entende-se que Jesus tenha passado três Páscoas em Jerusalém, sendo a última a que antecedeu sua prisão e crucificação.
- ¹³ CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 102,103.
- ¹⁴ “Cremos em um só Deus, Pai Onipotente, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, o Unigênito do Pai, que é da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito, de uma só substância (*homooúsios*) com o Pai, por meio de quem todas as coisas vieram a existir, as coisas que estão no céu e as coisas que estão na terra, que por nós, homens, e por nossa salvação desceu e foi feito carne, e se fez homem, sofreu, e ressuscitou no terceiro dia, subiu aos céus, e virá para julgar os vivos e os mortos” (Credo Niceno – 325 d.C.) (v. citação à p. 218 da *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, CPAD, 2017).
- ¹⁵ O termo grego *Hypostasis*, significa pessoa, e *Ousia*, significa natureza. A união das duas naturezas, divina e humana, em uma só Pessoa: *hipostasis*. Reunidos no Concílio de Calcedônia (451 d.C.), os teólogos cristãos comprometidos com a ortodoxia bíblica firmaram: “Fiéis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar que nosso Senhor Jesus Cristo é o mesmo e único Filho, perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo substancial ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; em todas as coisas semelhante a nós, exceto no pecado, gerado, segundo a divindade, antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da Virgem Maria, a portadora de Deus [*Theotókos*]. Um Só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, inseparáveis e indivisíveis. A distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as

propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor [...]”. (Apêndice da *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, CPAD, 2017, p. 220).

- ¹⁶ Matthew Henry diz ainda: “Alguns dos antigos observam que os outros evangelistas escreveram mais sobre *ta somatika* – os aspectos *corpóreos* de Cristo, mas João escreve sobre *ta pneumática* – os aspectos *espirituais* do Evangelho, sua vida e alma.” (HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico. Novo Testamento. Mateus a João*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 743). Essa afirmação remete-nos à conhecida declaração de Clemente de Alexandria, citado por Eusébio de Cesareia (263-340 d.C.) no seu clássico *Histórica Eclesiástica*, que, referindo-se à ordem da escrita dos Evangelhos, afirmou: “Mas João, depois de todos, percebendo que o que dizia respeito ao corpo do evangelho de nosso Salvador estava suficientemente detalhado, incentivado por amigos e chegados e instado pelo Espírito, escreveu um evangelho espiritual” (p. 216).

Conhecendo o Evangelho de João

João 1.1-5; 9-14

O ministério de Jesus foi registrado por quatro diferentes autores: Mateus, Marcos, Lucas e João. Mateus escreveu aos judeus, apresentando Jesus como Messias e Rei. Marcos escreveu aos romanos. No seu Evangelho, Jesus é apresentado como o Filho-Servo. Lucas, por sua vez, escreveu aos gregos. Na sua obra, Jesus é o Salvador Divino-Humano. João escreveu para a igreja. O seu texto tem um caráter universal. Nele Jesus é apresentado como o Filho de Deus. Embora não se conheça com precisão as datas das suas obras, considera-se que os três primeiros Evangelhos foram escritos entre os anos de 55 e 63 d.C.; o quarto, entre 80 e 95 d.C. Dois autores (Mateus e João) foram testemunhas oculares, por terem sido discípulos de Jesus.

João, o evangelista, é o filho de Zebedeu e irmão de Tiago (Mc 1.19), dos primeiros discípulos chamados por Jesus (Mt 4.21). Da leitura de Marcos 15.40 e Mateus 27.55,56, entende-se que era filho de Salomé. Foi o discípulo a quem Jesus encarregou de cuidar de sua mãe e que a recebeu na sua casa (Jo 19.26,27). Isso nos leva a refletir sobre a riqueza de informações que compartilhavam e que

contribuíram para as narrativas que o evangelista fez dos atos do ministério de Jesus, agora com uma visão especial bem mais ampliada. Assim como os demais discípulos, João contemplou Jesus operando milagres, ensinando e pregando às multidões, mas à época ainda não tinha entendimento e fé perfeita na revelação de sua divindade (Lc 24.36-49).

Natural da Galileia, quando escreveu o seu Evangelho, já na velhice, vivia em Éfeso, na Ásia Menor, onde era pastor. Há evidências internas e externas da sua autoria. As evidências externas são os testemunhos praticamente unânimes entre os Pais da Igreja, como Irineu, Eusébio, Tertuliano e Clemente de Alexandria. As evidências internas são as diversas referências que faz de si mesmo, como “o discípulo amado” ou “o discípulo a quem Jesus amava”, aquele que “testifica dessas coisas e as escreveu” (Jo 13.23; 19.26,27; 20.2-9; 21.20-24). É também autor das Epístolas de 1, 2 e 3 João e de Apocalipse, tornando-se o segundo escritor mais prolífico do Novo Testamento, sendo Paulo o primeiro.

Apesar de ser o último dos quatro Evangelhos a ser escrito, o texto joanino é singular em diversos aspectos, inclusive no ineditismo da maior parte de suas narrativas. Noventa por cento do seu conteúdo é único, não encontrado nos demais Evangelhos, que são conhecidos como sinóticos.¹ Mais do que isso, revela a maturidade do apóstolo e o profundo conhecimento espiritual que alcançou ao longo da vida.

O livro tem 21 capítulos. No prólogo, João apresenta Jesus como o Verbo Eterno que foi encarnado. Em seguida, fala do testemunho de João Batista, da apresentação pública que faz de Cristo e dos primeiros discípulos. O capítulo 2 é aberto com o registro do milagre realizado nas bodas de Caná, um dos sete sinais da divindade de Jesus registrados ao longo do livro. Cinco deles são inéditos. Não aparecem nos sinóticos. A estrutura do livro ainda contempla, como narrativas exclusivas, os diálogos de Jesus com Nicodemos e a mulher samaritana (Jo 3.1-21; 4.1-30). Também aparecem somente em João as declarações cristológicas (“Eu Sou”), que serão mencionadas mais adiante, assim como as últimas instruções de Jesus aos discípulos (13.31–16.33) e a oração sacerdotal (17.1-26).

Finalmente, é relevante destacar que somente João registra a primeira fase do ministério de Jesus na Galileia e as suas primeiras viagens à Judeia, especialmente a Jerusalém por ocasião das festas anuais dos judeus. Esse registro não aparece nos sinóticos, que dão ênfase à obra de Cristo entre os galileus na segunda fase do seu ministério e registram a ida de Jesus a Jerusalém já no fim do seu ministério. Assim, é graças a João que podemos concluir que o ministério de Jesus teve a duração de aproximadamente três anos.

Sobre essa distinção de narrativas e a importância dos registros feitos por João, Werner de Boor escreve:

Há uma diferença flagrante no esquema da atuação de Jesus. Nos sinóticos forçosamente temos a impressão de que essa atuação durou

apenas cerca de um ano e transcorreu completamente na Galiléia. Somente uma única vez durante sua atuação pública Jesus vem para a Jerusalém, para uma *passá*² que lhe acarreta a morte.

Em contrapartida, de acordo com o exposto por João, Jesus vai logo no início de sua atuação ao *passá* em Jerusalém (Jo 2.13), atuando ali e na Judéia. Obviamente João também tem conhecimento de uma atuação reiterada de Jesus na Galiléia (Jo 1.43-2.12; 4.43ss; 6.1ss). Contudo, repetidamente (Jo 5.1s; 7.10ss; 10.22ss) Jesus se encontra em Jerusalém para as grandes festas, antes de marchar solenemente para dentro da cidade para o último *passá* (Jo 12.12ss). Os discursos e as controvérsias decisivas com Israel sucedem em Jerusalém. Conforme essa descrição de João, a atuação pública de Jesus deve ter durado cerca de três anos.³

Também por esse prisma verifica-se a extraordinária importância do quarto Evangelho.

Doutrinal, Apologético e Evangelístico

Em todos os tempos, João é o Evangelho mais lido e comentado. Embora haja proeminente indicação de que tenha sido escrito para solidificar a fé da igreja do fim do primeiro século, a obra tem largo emprego apologético⁴ e evangelístico. É desse livro, aliás, que se extrai o texto áureo da Bíblia: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

Justamente a apresentação de Jesus como o Filho de Deus é o propósito central da obra, como proclama o próprio João ao justificar a seleção de sinais miraculosos que faz e registra para o conhecimento de sua comunidade: “Estes, porém, foram escritos

para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.31).

O Filho Encarnado

O Evangelho de João, assim como os demais Evangelhos,⁵ foi escrito no estilo literário de narrativa biográfica.⁶ A diferença, muito clara, é que João enfatiza muito mais a revelação do Filho de Deus encarnado, destacando a divindade de Jesus, enquanto os demais evangelistas, embora também apresentem a Cristo como o Filho de Deus, focam mais na sua humanidade, a começar pela apresentação da sua genealogia, como fizeram Mateus e Lucas (Mt 1.1-17; Lc 3.23-38). Marcos, apesar de não apresentar a genealogia, fala claramente da família de Jesus (Mc 3.31,32; 6.3). O certo é que nenhum deles apresenta uma narrativa tão profunda, como João fez, contemplando a origem divina do Messias e apresentando-o como o Deus da criação. Mateus, Marcos e Lucas trouxeram um registro mais histórico.

Embora a narrativa de João tenha essa profundidade revelacional, ainda assim encontra limitações, o que é comum a todos quantos queiram relatar a existência do Deus Eterno. Não pode o finito falar do Infinito com absoluta precisão. Não pode o terreno registrar a inteira existência do Criador dos céus e da terra, compreendendo “exaustivamente a totalidade de seu caráter e [sua] natureza”.⁷

O máximo que João pôde fazer, assim como Moisés, foi referir-se a um princípio criado, ou seja, ao começo das coisas, do mundo físico, dos animais e do homem. O princípio de que fala o evangelista é o mesmo princípio de que fala o autor do Pentateuco: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Enquanto estivermos limitados a esta habitação, esse será o limite do registro histórico possível, justamente a partir não da plena existência pessoal de Deus, mas daquilo que Ele revelou, incluindo o mundo físico, por Ele criado. Aos romanos, Paulo escreveu sobre essa limitação do conhecimento de Deus, usando a expressão “o que de Deus se pode conhecer” (Rm 1.19).

Comentando essa expressão, diz Matthew Henry:

[isso] implica que há muito que não pode ser conhecido. O ser de Deus pode ser apreendido, mas não pode ser compreendido. Não podemos descobri-lo pela busca puramente humana (Jó 11.7-9). O entendimento finito não pode compreender perfeitamente um ser infinito; mas, bendito seja Deus, há aquilo que pode ser conhecido, o bastante para nos conduzir ao nosso fim principal, glorificá-lo e desfrutar dele; e essas coisas reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos, enquanto coisas secretas não devem ser inquiridas. (Dt 29.29)⁸

Na continuação do seu texto em Romanos 1.20, Paulo refere-se justamente à revelação da divindade por meio da natureza, ao dizer: “Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis”. Quanto ao mais, temos a sua Palavra, que

nos releva a eternidade de Deus e os seus demais atributos, além da sua vontade para a humanidade.

Um Descortínio Especial

É absolutamente extraordinário ver que João não começa a sua narrativa com o nascimento do Jesus homem, mas com a existência eterna do Filho de Deus. Enquanto Moisés refere-se ao princípio da criação (“No princípio, criou Deus os céus e a terra” – Gn 1.1), João parece descortinar ainda mais o véu da eternidade passada, registrando, de maneira ainda mais clara, a existência de Deus antes da criação, quando diz: “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1.1). Uma eloquente exposição da preexistência de Cristo.

Jesus falou desse “antes da criação do mundo” na sua oração sacerdotal (Jo 17.24). É o mesmo “antes da fundação do mundo” de que fala Paulo na sua Epístola de maior profundidade teológica, Efésios: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual [...] nos elegeu nele antes da fundação do mundo” (Ef 1.3,4). Ou seja, na eternidade passada, em um tempo do qual não temos como perscrutar, o Deus Eterno, na sua presciência,⁹ planejou a redenção da humanidade por meio do Filho, que seria encarnado: o Verbo que se fez carne (Jo 1.14; Rm 8.29; 1 Pe 1.2).

O fato de não ter sido possível a João ou a qualquer outro escritor bíblico adentrar à eternidade é justamente mais uma prova da finitude humana diante da grandeza e infinitude de Deus, razão maior para que possamos adorá-lo. Como diz Stanley Horton:

Ainda que vejamos o tempo como uma forma limitada de medição, a plena compreensão da eternidade está além de nosso alcance. Todavia, podemos meditar sobre o aspecto duradouro e intemporal de Deus. E isto nos levará a adorá-lo como o Deus pessoal que estendeu uma “ponte” sobre o abismo que separava a sua essência – infinita e ilimitada, da nossa – finita e limitada.¹⁰

Deus não seria Deus se nós, seres mortais, pudéssemos compreendê-lo e explicá-lo por inteiro, sem qualquer limitação. Isso não significa, contudo, que Ele não se revele o suficiente para ser conhecido e crido, o que faz não somente pelas coisas criadas, mas, para além delas, por meio da Palavra, pelo Espírito, iluminando nossa mente espiritual e fazendo-nos crer na existência de uma eternidade passada, ainda que não plenamente compreensível e explicável. É nesse sentido que temos a clareza da narrativa joanina, que trata da preexistência de Cristo, o Verbo que se encarnou, como a mais plena revelação de Deus, uma revelação pessoal.

Como diz D. A. Carson:

Portanto, é maravilhoso que o título condensador dado a Jesus por João seja “Palavra”. Trata-se de uma escolha brilhante. “No princípio era aquele que é a Palavra”; no início Deus expressou a si mesmo, por assim dizer. E aquela expressão de si mesmo, a própria Palavra de Deus,

identificada com Deus e distinguível dele mesmo, agora se tornou carne, a culminação da esperança profética.¹¹

Isso nos mostra como João apresentou a eternidade de Cristo, valendo-se do maior esforço vernacular possível, ao dizer que “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1.1; grifos nossos). Ou seja, quando ocorreu o princípio conhecível pelo homem por meio da matéria, das coisas criadas, Cristo, o Logos, já existia como e com Deus. À míngua de um recurso gramatical possível para referir-se à preexistência divina com alcance pleno, o evangelista lança mão do verbo **ser** no pretérito imperfeito, indicando a existência antes da criação, sem prejuízo da sua continuidade.¹²

O Logos: Sabedoria e Agência

No grego, *Logos*, a Palavra, expressa o Filho de Deus como o Ser Divino eternamente agindo. French L. Arrington e Roger Stronstad veem o uso dessa expressão como uma associação à sabedoria e agência, existentes antes da criação e envolvidas nela:

A sabedoria era o meio pelo qual Deus criou o mundo (Pv 8.30). Particularmente nas traduções aramaicas chamada *targums*, a palavra aramaica *memra*, traduzida por ‘palavra’, funcionava como a agência pela qual Deus criou o mundo. [...] No Evangelho de João, o Logos é a plena revelação de Deus, da mesma maneira que a lei, proveniente da escrita das Escrituras hebraicas até a sua época, era uma revelação de Deus. [...] Estas ideias de sabedoria, agência e revelação apresentam para o crente uma visão da criação e redenção centradas em Cristo. Não se pode saber o propósito último da criação ou da redenção, nem entender a

existência diária de Deus ou qualquer revelação espiritual, sem passar pelo Logos, o Filho de Deus.¹³

Além da revelação de que a criação foi feita pelo poder da Palavra — o *Logos*, que agora se apresenta encarnado como o Cristo redentor —,¹⁴ João certamente tinha em vista, também, desfazer os sofismas da filosofia grega e as heresias nela inspiradas, as quais já existiam no seu tempo. D. A. Carson sugere que o apóstolo poderia ter como pano de fundo (1) o estoicismo, que considerava que “*logos* era o princípio racional pelo qual tudo existe, a essência da alma humana racional” e, portanto, “não [haveria] outro deus senão o *logos*”; (2) o gnosticismo, que negava a encarnação de Cristo;¹⁵ e (3) os ensinamentos do judeu Fílon, que, “muito influenciado por Platão e seus sucessores, [fazia] uma distinção entre o mundo ideal, que ele chama de ‘o *logos* de Deus’, e o mundo real ou fenomenal que é só a cópia deste.”¹⁶

Não se pode alcançar, em verdade, o que realmente estava no coração do apóstolo. Certamente, ele mesmo não tinha plena compreensão da importância doutrinária, apologética e missionária do seu Evangelho, visto que o poder da revelação nele contida não serviu apenas para desfazer os enganos daquela época, mas também de todos os tempos, os quais já eram conhecidos pelo seu inspirador, o Espírito Santo.¹⁷

O Verbo Coexistente com o Pai

João apresenta a coexistência do Verbo com o Pai ao afirmar: “[...] e o Verbo estava com Deus”, reforçando as revelações já feitas de Jesus como participante de tudo, inclusive da criação, junto com o Pai. Isso também demonstra que o Filho não foi criado, mas que era detentor da mesma eternidade que o Pai, estando sempre com Ele. Ainda no primeiro versículo, o apóstolo afirma a Deidade de Cristo ao dizer: “o Verbo era Deus”, ou seja, tem a mesma substância ou essência do Pai (no grego, *homooúsios to patrí*)¹⁸ — e também do Deus Espírito Santo, que aparece logo adiante na narrativa joanina (Jo 1.32-34).

Essa magistral e profunda declaração é refirmada e detalhada nos versículos seguintes: “Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (1.2,3). João não está apenas dizendo que Cristo estava com o Pai, como um assistente, mas como Deus Criador, em plena agência. A expressão também releva unidade e coexistência com o Pai, ao dizer que “sem ele nada do que foi feito se fez”.

No versículo 10 do mesmo capítulo, João afirma: “o mundo foi feito por ele”. Não são apenas palavras, mas também declarações oriundas de uma precisa revelação da Divindade de Cristo e a sua natureza, ou seja, do caráter divino específico, pleno e perfeito, sem qualquer confusão com as narrativas feitas por outras literaturas sobre qualquer outro deus, fruto do imaginário humano.

Vida e Luz dos Homens

No versículo 4, João fala em vida e luz, expressões que serão muito utilizadas por ele no seu Evangelho, fazendo referência ao Messias. Mais uma vez destacando a profundidade da revelação espiritual por ele recebida, vemos o evangelista apresentando a Cristo não apenas como uma luz manifesta aos homens nos tempos do Novo Testamento, mas também presente e disponível aos homens desde o início da história humana, daí ele ter dito que: “Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens” (1.4). Embora não manifestado para a sua missão salvadora, que somente teria lugar na plenitude dos tempos (Gl 4.4), Cristo, como o Deus Filho, jamais esteve fora de cena, tanto antes quanto depois da criação, atuando com o Pai e oferecendo luz aos homens (Hb 1.1-4; 11.1-40).

São muitas as passagens veterotestamentárias confirmadas no Novo Testamento como referências a Cristo. Compare: Isaías 40.3,4 e Lucas 1.68,69,76; Êxodo 3.14 e João 8.56-58; Jeremias 17.10 e Apocalipse 2.23; Isaías 60.19 e Lucas 2.32; Isaías 6.10 e João 12.37-41; Isaías 8.13,14 e 1 Pedro 2.7,8; Números 21.6,7 e 1 Coríntios 10.9; Salmo 23.1 e João 10.11 e 1 Pedro 5.4..

Agora, no Novo Testamento, a encarnação de Cristo foi um resplandecer da Luz nas trevas, ou seja, no ambiente altamente contaminado pelo homem por intermédio das suas práticas pecaminosas. Tão densas eram as trevas que elas — aqui

personificando os próprios homens — não a compreenderam. O nível de entorpecimento da mente humana foi , e não apenas parcial, como defendia o teólogo católico Tomás de Aquino (1225-1274).¹⁹ A Queda atingiu o homem na totalidade do seu ser e agora somente um processo redentivo perfeito poderia libertá-lo desse estado degradante (Rm 3.23).

Para esse processo, foi traçado um plano eterno, que agora João registra como o resplandecer da Luz, cujo testemunho foi dado por outro João, o Batista: “Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele” (1.6,7).

Veio para o que Era Seu

A expressão contida no versículo 11, ainda do primeiro capítulo, é bastante mencionada como a recusa dos judeus, que não aceitaram o Messias, o Filho de Davi (portanto, da tribo de Judá) (Mt 1.1-16). Mas é certo dizer que, antes de referir-se à recusa pelos “seus”, há a expressão “para o que era seu”, fazendo-nos entender que se trata da manifestação de Cristo para todo o mundo.²⁰ Nesse contexto, estão “os seus”, a comunidade inteira de Israel, que, como nação, não o recebeu, abrindo a oportunidade para que a “todos quantos o receb[essem] [fosse dado] o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que creem no seu nome” (1.12).

Essa distinção entre as expressões e a sua abrangência é muito importante, porque a justiça de Deus revelada nas Escrituras não comporta a doutrina de uma expiação limitada ou uma eleição incondicional.²¹ No contexto da questão específica ora tratada, equivale dizer que a manifestação de Cristo foi feita não somente para alguns, mas para todos, independentemente de raça. Isso significa que tanto judeus como gentios poderiam e podem receber a Cristo e alcançar plena salvação, pois a graça de Deus foi manifestada para todos os homens, como fala Tito (Tt 2.11), um gentio, companheiro de Paulo, um judeu, assim como o eram os demais apóstolos.

A despeito disso, não podemos esquecer o contexto eclesiológico do primeiro século, no qual a igreja nascente era formada majoritariamente por judeus (At 2.1-47). Cumprindo Atos 1.8, a partir do capítulo 8 do texto lucano, vemos o Evangelho alcançando Samaria, pela pregação de Filipe. Com Pedro, as Boas Novas de salvação alcançam os gentios por meio da pregação na casa de Cornélio (At 10.1-48).

Observemos, contudo, que havia não pouca oposição a que o Evangelho fosse pregado fora dos arraiais judaicos. Pedro apresentou resistência pessoal diante da visão que teve, relativa a animais puros e impuros (At 10.9-17), e somente depois de ouvir o Espírito (10.19), aceitou ir à casa de Cornélio, onde reconheceu que Deus não faz acepção de pessoas (10.34,35), ou seja, que não

apenas os judeus poderiam crer e serem salvos, mas também os gentios. Interessa notar que o apóstolo faz expressa referência a João, o batizador de Jesus, como o acontecimento que deflagrou o ministério de Cristo para todas as gentes (10.36-38).

Extraordinária foi a abertura da visão espiritual de Pedro, o que lhe proporcionou pregar com poder aos gentios na casa de Cornélio, no sentido de que “todos os que nele creem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome” (10.43). Essa pregação do Evangelho da graça, refletindo justamente a amplitude registrada por João, o evangelista, resultou na geração de fé no coração dos que a ouviram. Caindo sobre eles o Espírito Santo, falaram em línguas estranhas, como no dia de Pentecostes.

Lucas registra:

E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilhavam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus. (10.44,45,46).²²

Essa experiência na casa de Cornélio, vivida por Pedro e pelos judeus que o acompanhavam, exigiu uma explicação do apóstolo em Jerusalém. Eis a narrativa lucana:

E ouviram os apóstolos e os irmãos que estavam na Judeia que também os gentios tinham recebido a palavra de Deus. E, subindo Pedro a Jerusalém, disputavam com ele os que era da circuncisão, dizendo: Entraste em casa de varões incircuncisos e comeste com eles. Mas Pedro começou a fazer-lhes uma exposição por ordem [...]. (At 11.1-4a)

O apóstolo precisou expor detalhadamente a experiência espiritual que viveu, desde a casa de Simão, o curtidor, em Jope (At 10.5,6; 11.4-15). O resultado foi que o Espírito também convenceu os judeus cristãos de Jerusalém, que: “apaziguaram-se e glorificavam a Deus, dizendo: Na verdade, até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida” (At 11.18).

Outro ponto a ser destacado é que, também naquela ocasião, Pedro faz referência a João Batista, ao dizer que a experiência vivida na casa de Cornélio o fez lembrar das palavras de Jesus sobre ele, quando disse: “João certamente batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo” (At 11.16). Aqui, aliás, se completa a referência expressa sobre o batismo no Espírito Santo, para que nenhuma dúvida reste acerca dessa experiência espiritual distinta da conversão ou novo nascimento.

Mais do que isso, Pedro dá-nos uma preciosa lição teológica no versículo seguinte, quando diz: “Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós, quando cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era, então, eu, para que pudesse resistir a Deus?” (At 11.17). Observemos o exposto registro: (1) do ato de crer; e (2) do recebimento do dom do Espírito, que é o batismo espiritual cuja evidência é o falar em línguas estranhas. Uma clareza extraordinária e muito bem aliançada com a teologia joanina, o que demonstra que não somente Lucas, mas também João têm profundo conteúdo pneumatológico no seu Evangelho.

João e a sua Riqueza Doutrinária

A riqueza doutrinária do Evangelho de João é surpreendente. Apenas nos primeiros 34 versículos do primeiro capítulo do livro, é possível encontrar revelações claras e profundas das principais doutrinas da Bíblia. Além da Cristologia, o texto é fonte para a doutrina da Trindade, a Soteriologia e a Pneumatologia (1.29-34).

A doutrina de Deus, que compreende as três pessoas da Trindade, levaria cerca de três séculos para ser bem entendida e formulada,²³ mas em João já estava, de maneira inequívoca, o registro revelacional das pessoas do Deus Pai, do Deus Filho e do Deus Espírito Santo, com indicação, inclusive, do papel primordial de cada uma delas. João não apenas se refere ao Ser Divino, mas implicitamente apresenta desde logo os seus principais atributos, como a eternidade, a onipotência, a onipresença e a onisciência (1.1-4).

O discípulo amado também sintetizou, em um versículo apenas, a livre e permanente agência de Cristo desde o Éden e por todo o Antigo Testamento até a sua encarnação, quando diz: “Nele, estava a vida e a vida era a luz dos homens” (Jo 1.4). Um dos exemplos de referência a Cristo na história veterotestamentária está na declaração paulina aos coríntios:

Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem; e todos passaram pelo mar, e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, e todos comeram de um mesmo manjar espiritual, e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque

bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo. (1Co 10.1-4)

Quanto à Soteriologia (Doutrina da Salvação), João fala da adoção (1.12), da expiação (1.29) e da regeneração (3.3-6). O seu texto também é fonte para a justiça de Deus e o seu propósito de salvar a toda a humanidade, a expiação ilimitada e a eleição condicional (3.14-19), isso para ficar somente no exame dos capítulos 1, 2 e 3.

No campo da Pneumatologia, além de falar expressamente do batismo no Espírito Santo (1.33), João expõe a função do Espírito na obra de convencimento do pecador (16.8-11) e na regeneração (3.3-8; 20.22). De modo especial, trata da obra permanente da Terceira Pessoa da Trindade no interior dos crentes (7.37-39), como o Consolador, o Espírito da verdade (14.16,17). Mais do que isso, detalha o seu papel de ensinar e lembrar os ensinamentos do Mestre (14.26), testificar de Cristo e glorificá-lo (15.13,26).

Quanto à Cristologia, além da rica fonte de doutrina vista no prólogo do livro, João seleciona sinais miraculosos, que indicam a divindade de Cristo. São eles: a transformação da água em vinho (2.1-11), a cura do filho de um oficial do rei (4.43-54), a cura de um paralisado de Betesda (5.1-15), a multiplicação de pães e peixes (6.1-15), Jesus andando sobre as águas do Mar da Galileia (6.16-21), a cura de um cego de nascença (9.1-41) e a ressurreição de Lázaro (11.1-45). Muitos outros não estão escritos, e, conforme disse João

(em hipérbole), se tudo o que Jesus fez fosse escrito “nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem” (21.25).

João também registra a revelação da divindade de Cristo por intermédio de sete sermões e sete declarações cristológicas, nas quais Jesus apresenta-se como o “EU SOU”, o mesmo Deus que se manifestou a Moisés como “o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó” (Êx 3.14,15). Sim, Jesus é o mesmo Deus dos patriarcas. Em João, esse Deus Único e Eterno revela-se nas figuras do “pão da vida” (6.35), da “luz do mundo” (8.12), da “porta” (10.9), do “bom Pastor” (10.11,14), da “ressurreição e a vida” (11.25), do “caminho, e a verdade, e a vida” (14.6) e da “videira” (15.1,5).

Por tudo isso, João é esse Evangelho espiritual, fonte riquíssima de doutrina, que serviu para solidificar a fé dos crentes da comunidade joanina, expurgar as heresias do seu tempo e dos séculos seguintes, além de continuar ecoando como uma magistral obra para a edificação da igreja, além do emprego apologético e o extraordinário valor evangelístico.

¹ Mateus, Marcos e Lucas são chamados de sinóticos pela semelhança que possuem. Foram escritos a partir de uma perspectiva ou visão semelhante, ou seja, de uma mesma ótica ou ponto de vista. De origem grega, o termo Sinótico é formado pela função de *sin*, que significa “junto com” e *otico*, “visão”. Também está relacionado com a complementaridade que existe entre suas narrativas, permitindo, em conjunto, uma visão geral dos mesmos fatos.

² O autor refere-se à festa da Páscoa.

- 3 BOOR, Werner de. *Evangelho de João I. Comentário. Esperança*. 1.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p. 19,20.
- 4 Derivado do termo grego *apologia* (defesa), a apologética tem raízes principalmente na área forense, no contexto grego. No campo da teologia, geralmente é apresentada como a disciplina que trata da “defesa da fé”, sendo mais adequado, contudo, referir-se à apologética cristã como a defesa das “verdades referentes a Deus e à fé cristã” (ANDRADE, Claudionor Corrêa de. 8.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 48).
- 5 O uso da expressão “Evangelhos”, no plural, tem a ver com a pluralidade dos registros do Evangelho de Jesus Cristo. Assim, é somente um Evangelho, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, escrito por quatro autores distintos, os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João. Evangelho, do grego *evangelion*, “originalmente denotava recompensa por dar boas novas; mais tarde, a ideia de recompensa caiu e a palavra passou a representar as próprias ‘boas novas’”. (*Dicionário Vine*, 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 629).
- 6 Considera-se o estilo biográfico pela narrativa que os livros fazem da vida de Jesus, embora as obras não contemplem, a rigor, um caráter biográfico completo.
- 7 “O Deus onipotente não pode ser plenamente compreendido pelo ser humano (Jó 11.7), mas revelou-se em diferentes ocasiões e de várias maneiras. Isso indica que é da sua vontade que o conheçamos e tenhamos um correto relacionamento consigo (Jo 1.18; 5.20; 17.3; At 14.17; Rm 1.18-20). Isso não significa, porém, que podemos compreender completa e exaustivamente a totalidade do caráter e da natureza de Deus (Rm 1.18-20; 2.14,15). Assim, da mesma forma como se revela, Ele também se oculta: ‘Verdadeiramente, tu és o Deus que te ocultas, o Deus de Israel, o Salvador’ (Is 45.15)” (HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática. Uma Perspectiva Pentecostal*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 129).
- 8 HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Novo Testamento. Mateus a João*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 312.
- 9 ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. 8.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 242. “Do lat. *praescientia*, ciência inata. Atributo metafísico e incomunicável de Deus, através do qual Ele sabe tudo de antemão e se faz sempre presente no tempo e no espaço (1Sm 2.3; 1Jo 3.20)”.
- 10 *Op. cit.*, p. 131.
- 11 CARSON, D. A. *O Comentário de João*. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 96.
- 12 “O verbo ‘era’ (gr. *en*, pretérito imperfeito de *eimi*, ‘ser’) aparece três vezes nesse versículo e, mediante todo o versículo, o apóstolo transmite a ideia de que nem Deus, nem o Verbo (gr. *Logos*), tem começo; sempre existiram em

conjunto, e assim continua” (HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática. Uma Perspectiva Pentecostal*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 160).

- 13 ARRINGTON, French L. e STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal, Vol.1*. 4.ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2009, p. 495/496.
- 14 Sobre a expressão “Logos”, Matthew Henry observa: “[...] a segunda pessoa da Trindade é, adequadamente, chamada ‘o Verbo’ (ou ‘a Palavra’), pois Ele é o primogênito do Pai, a eterna e essencial sabedoria que o Senhor possuía, assim como a alma gera pensamento, no princípio dos seus caminhos. ([...]) E assim, Cristo é o Verbo, pois, por meio dele, Deus falou-nos nestes últimos dias (Hb 1.1), e nos instruiu para que o escutássemos, Mateus 17.5. Ele nos fez conhecida a mente de Deus, assim como a palavra ou o discurso de um homem dá a conhecer seus pensamentos até o ponto em que ele o desejar; e não além dele”. (HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Novo Testamento. Mateus a João*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 744).
- 15 Mais sobre gnosticismo no Capítulo 13.
- 16 *Op. cit.*, p. 114,115
- 17 São exemplos de heresias que surgiram para atacar a genuína fé cristã entre o segundo e o quarto século: o **docetismo**, que, influenciado pela filosofia gnóstica, negava a realidade da humanidade de Cristo, e, conseqüentemente, o seu sofrimento e morte, que teriam sido aparentes; o **ebionismo**, que dizia que somente o Pai era Deus e que Jesus era mero homem, gerado por José e Maria; o **arianismo**, que, dentre outros falsos ensinamentos, pregava que o Filho não é verdadeiramente Deus, mas apenas uma criação perfeita do Pai. Outras correntes heréticas do mesmo período foram o apolinarianismo, o monarquianismo, o nestorianismo o eutiquianismo. Sobre isso: HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática. Uma Perspectiva Pentecostal*. 1.ed. Rio de Janeiro. CPAD, 1996, p. 316/321.
- 18 SOARES, Esequias. *A Razão da Nossa Fé*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 41. (V. também: *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 52).
- 19 “De acordo com Tomás de Aquino, a habilidade da humanidade em raciocinar era a ‘imagem de Deus’ na qual a humanidade fora criada (Gênesis 1.26). Sua confiança extrema na razão humana estava baseada na crença de que a Queda corrompeu só a vontade da humanidade, e não seus poderes de raciocínio.” (PALMER, Michael D. *Panorama do Pensamento Cristão*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 126.)
- 20 “Veio para o que era seu [seu próprio lugar, a Terra que criara], e os seus [o seu próprio povo, Israel] não o receberam” (HORTON, p. 309). “Não somente ao mundo, que era seu, mas ao povo de Israel, que era particularmente seu, acima de todos os povos” (HENRY, p. 747).

- ²¹ Sobre esse tema, a excelente obra *Arminianismo – A Mecânica da Salvação*, do pastor Silas Daniel, publicada pela CPAD, v.g., p. 423/455.
- ²² Observemos a clareza do texto bíblico: a expressão “dom do Espírito Santo”, a mesma vista em Atos 1.38, é associada aqui, sem nenhuma dúvida, ao falar em línguas estranhas pelo recebimento do Espírito Santo como ato batismo, ou seja, o batismo no Espírito Santo, como experiência posterior e distinta à conversão, ou seja, ao dom da fé para salvação. Para retirar ainda qualquer outra dúvida, o próprio apóstolo Pedro, além da narrativa feita nas palavras de Lucas, diz: “Pode alguém, porventura, recusar a água, para que não sejam batizados estes que também receberão, como nós, o Espírito Santo?” (v. 47).
- ²³ Tertuliano de Cartago (160-230) foi o primeiro a empregar o termo “Trindade”, doutrina que seria sistematizada ao longo dos concílios ecumênicos, a começar pelo de Niceia em 325 d.C.

2

João Batista Preparando o Caminho

João 1.6-14

Neste capítulo, falaremos sobre João Batista, o precursor de Jesus, ou seja, aquele que foi enviado para anunciar a chegada do Messias. Destacaremos o cuidado de João, o evangelista, em apresentar João Batista já informando que não era este a “Luz verdadeira”, ou seja, o Filho de Deus, mas apenas alguém que daria testemunho dela (Jo 1.8). Aliás, João Batista havia sido preparado por Deus de forma tão extraordinária que, já naqueles dias, estava convicto da deidade de Cristo, tanto que o apresenta como o “Filho unigênito, que está no seio do Pai” (1.18). O pregador do deserto também anuncia, com muita clareza, a chegada de uma Nova Aliança, diferente daquela feita por meio de Moisés: “Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (1.17).

Todo esse extraordinário conhecimento espiritual é fruto do que João Batista aprendeu na escola do Espírito Santo, na qual foi matriculado ainda antes do seu nascimento. Por isso, ele estava

pronto, convicto e resoluto do seu ministério em relação ao Messias, o Filho de Deus encarnado.

“Um Homem Enviado de Deus”

Fazendo jus ao caráter espiritual do seu Evangelho, o apóstolo João traz para o cenário da sua narrativa outro João, o Batista, de forma bastante peculiar. Ele não apresenta a sua origem humana, falando do seu nascimento, e sim o identifica como “um homem enviado de Deus, cujo nome era João” (1.6).¹ Isso mostra, indubitavelmente, que o mais importante na vida do Batista não era o seu nome ou origem familiar, mas o fato de ter sido enviado por Deus para uma missão tão nobre, que era justamente preparar o caminho do Messias.

O contraste, todavia, é bastante evidente entre ele, João Batista, e o Messias. Enquanto o Verbo “era Deus”, Eterno e Criador de todas as coisas (1.3), João Batista era apenas um “enviado de Deus”, ou seja, um ministro do próprio Verbo. Enquanto o Verbo já estava no princípio e era preexistente a ele, João teve um papel extremamente transitório, retratado na expressão “houve um homem”. De fato, João Batista logo sairia de cena, decapitado a mando de Herodes a pedido da filha de Herodias, justamente em consequência da sua coragem e fidelidade a Deus no ministério profético (Mt 14.1-12; Mc 6.14-29; Lc 3.19,20; 9.7-9).

O registro joanino sobre João, o Batista, é bem expresso ao dizer que “Não era ele a luz”. Acredita-se que tenha havido, especificamente, o propósito de refutar uma falsa crença surgida naqueles dias, de que João Batista seria “a revelação final de Deus à humanidade, e que os cristãos haviam erroneamente elevado Jesus a essa posição”,² probabilidade que se reforça pelo fato de que, em Éfeso, aparecem discípulos que haviam sido batizados somente no batismo de João (At 19.1-7). D. A. Carson observa, contudo, que isso, por si só, seja suficiente para a conclusão prefalada, ou seja, de que esses discípulos “tenham de fato se oposto às declarações dos cristãos”.³

Tendo ou não em mente algum grupo específico, o texto joanino não tem caráter aleatório, como não o tem parte alguma das Escrituras. Werner de Boor considera que “não é de admirar que havia comunidades do Batista na época dos apóstolos, as quais não devem ser tido insignificantes. Seus vestígios são encontrados em Atos 18.24s em personagens como Apolo e em Atos 19.1-7 ‘nos discípulos’ em Éfeso...”⁴. Consideremos também o fato de que, quando Herodes ouviu falar de Jesus, acreditou que seria João Batista, que tinha ressuscitado (Mt 14.1,2). Na verdade, havia muitos que tinham semelhante crença sobre a ressurreição do Batista (Lc 9.7). Não é possível saber, portanto, a que ponto poderia ter chegado uma provável veneração ao precursor do Messias.

Diante disso, F. F. Bruce também sinaliza para a existência de um propósito específico para a afirmação joanina sobre João Batista não ser a luz:

Ao destacar que João não era a luz, mas testemunha dela, o evangelista pode ter tido em mente um grupo de pessoas ainda existente quando o evangelho foi escrito, que consideravam João seu fundador e o veneravam como alguém através de quem Deus tinha feito sua última revelação à humanidade, como o último e maior dos profetas. Sabemos muito pouco desse grupo, se é que ele existiu; porém algumas ênfases do evangelho teriam um sentido especial se o evangelista conhecesse pessoas assim.⁵

De qualquer sorte, não é possível sequer estabelecer qualquer comparação entre João Batista e o Verbo, pois o finito não pode ser comparado ao Eterno. Todavia, pela nobreza da sua missão e o seu caráter, João Batista foi considerado o maior dentre os nascidos de mulher (Lc 7.28). A mais ninguém foi dada a tarefa de ser o precursor do Messias, testificar da Luz, para que todos cressem por ele (1.7). Isso certamente impactava a vida de João Batista, com extraordinárias experiências espirituais ao longo de toda a sua vida, como ocorrera quando estava ainda no ventre da sua mãe (Lc 1.41).

Nenhum dos quatro evangelistas descreve a vida de João Batista entre o seu nascimento e o aparecimento no deserto da Judeia, pregando e batizando as multidões. Não nos cabe, portanto, especular como ele tenha vivido, embora as suas características indiquem ter tido uma vida ascética⁶ (Mt 11.18,19; Lc 7.33), ainda que vivendo no seio familiar, pois, quando aparece ao mundo, é

identificado como alguém de hábitos incomuns: vestia-se de pelos de camelo, usava um cinto de couro em torno dos seus lombos e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre (Mt 3.4).

O Verbo, o Pregador e a Pregação

O profetismo na Bíblia sempre fez parte da ação de Deus na revelação da sua vontade e propósitos para a humanidade.⁷ O próprio Deus sempre agiu por meio da fala. Toda a criação é resultado das suas ordens verbais. Agora, Cristo é apresentado como o Verbo, também indicando um Deus que age e intervém em favor do homem que criou. Em Deus não há inação ou inércia (Jo 5.17).

Ele não só age diretamente por intermédio da expressão verbal, como também se vale de arautos ou profetas para anunciar os seus planos, decretos, promessas e juízos. Esse Deus que sempre fala — e de muitas maneiras, como diz o escritor aos hebreus (Hb 1.1,2)⁸ — vai, mais uma vez, valer-se de um profeta (e que profeta!). Agora, para o maior de todos os anúncios: a chegada do Messias prometido.

Acerca dele, diz João, o evangelista: “Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas veio para que testificasse da luz” (Jo 1.6-8). É indiscutível

que vejamos que João Batista não era um autointitulado pregador, e sim um homem enviado de Deus.

É por demais relevante que o discípulo amado tenha feito esse claro registro acerca do ministério de João, o Batista, um pregador autêntico, com quem muito temos a aprender em tempos de tanto carreirismo, especialmente na área da pregação. Como diz Ciro Zibordi:

Se andasse na terra hoje, o precursor de Cristo seria um pregador simples, e não uma celebridade evangélica. Tal como sua pregação, seu estilo de vida era muito singelo, próprio de um homem que vivia no deserto. Em uma época de extrema simplicidade na maneira de vestir-se, ele superava as expectativas.⁹

Não podemos brincar e nem deixar que brinquem com a pregação, em nossos púlpitos ou quaisquer outros espaços vinculados à igreja. E, se quiserem banalizar esse ofício divino por intermédio de meios privados, ainda assim precisamos exercer a disciplina com aqueles que estejam sob liderança espiritual.

A imprescindibilidade da pregação não nos permite hesitar. Não há como negociar princípios ou valores sob pena de perdermos a única ferramenta eficaz para a produção de fé salvífica. Como disse Paulo, “a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10.17). No caso em estudo, o evangelista João trata justamente dessa essencialidade da mensagem, quando diz: “Este veio para testemunho para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele” (Jo 1.7).

A expressão “cressem por ele” não deixa dúvida alguma de quão importante e imperativa era a pregação de João Batista, sendo ele um indispensável canal da mensagem e da geração de fé nos ouvintes. Seria por ele — como, de fato, fora — que as multidões identificariam e creriam em Jesus para o início do seu ministério.

Era ele não apenas uma voz, mas “a voz”, como registrou Isaías¹⁰ no capítulo 40 do seu livro: “Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo a vereda a nosso Deus” (Is 40.3). O próprio João Batista, de maneira humilde e sem maiores pretensões, viria identificar-se como essa voz, quando quiseram saber quem era ele, para difundir o seu nome: “Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías” (Jo 1.23). O fato de ser “a voz” demonstra que ele e nenhum outro foi escolhido para essa missão. Deus tem um propósito específico com cada um de nós, mas isso não torna ninguém maior do que outro.

O pregador precisa reconhecer o seu lugar com toda a humildade. Precisa saber que ele é apenas um semeador, muitas vezes anônimo. O pregador é somente “aquele que leva a preciosa semente” (Sl 126.6). Se isso for feito com a motivação e o espírito corretos (“andando e chorando”), o retorno será, “sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos”.

Poucos momentos certamente são tão gloriosos na vida do servo de Deus quanto aqueles em que expõe a Palavra com um coração

puro, enternecido, sem nenhuma pretensão de buscar glória para si mesmo. É por isso que a autêntica evangelização pessoal é tão gratificante, porque nele não há meios de engrandecimento nem de reconhecimento público. É o evangelista, como testemunha de Jesus, falando ao pecador, em linguagem simples e direta.

Nesses tempos em que vivemos, o que menos se vê é evangelização pessoal, ou mesmo quem queira pregar em lugares inóspitos, como o deserto onde João Batista estava. Ora, ali não era o centro populacional da Judeia; as ruas cheias de Jerusalém, onde tudo o que acontecia logo virava notícia. João tinha esse estilo, de pregador do deserto, sem aparato, estritamente fiel ao seu chamado.

Não se pode negar a importância de utilizar-se também dos grandes meios de divulgação do evangelho, com objetivo de alcançar grandes massas. Esse não é o problema em si. A questão, repita-se, é a motivação interior, o que está no coração. Mas a falta dessa disposição humilde, às vezes, é muito evidente quando se seleciona públicos e lugares. Isso é ignominioso.

Exemplos Negativos

Lembro-me de quando recebi o telefonema de um amigo pastor, que havia recebido na sua igreja um pregador de renome nacional e que estaria livre naquela noite, disposto a pregar em alguma igreja.

Contudo, esse pregador precisaria saber de antemão quanto seria a oferta, senão iria ficar no hotel, descansando. Diante dessa condição, não hesitei em responder que seria melhor, então, que o irmão ficasse mesmo no hotel, descansando.

É natural que, se viesse de forma espontânea, seria bem recebido, seria levado para jantar e receberia, sim, alguma oferta. Não sei se de acordo com a sua expectativa, mas aceitar esse tipo de exigência é concordar que a pregação seja mercadejada e incentivar condutas que não demonstram piedade e disposição altruísta de servir ao Reino de Deus.

Em outros casos, nota-se o exibicionismo e a nítida pretensão de estar em evidência. A busca por “agenda” para “mostrar o trabalho”. No afã de construírem carreiras, não são poucos os que enviam a si mesmos, deixando as suas próprias congregações — quando as têm —, lançando-se a um ritmo frenético, que costuma produzir frustrações, além de muitas tragédias, pela falta de uma vida de vigilância, submissão, piedade, devoção e compromisso com uma igreja local e, acima de tudo, com Deus.

Cabe aos líderes locais que tenham vigilância e não se mostrem tão ávidos a novidades, cedendo os púlpitos das suas igrejas (às vezes, semanalmente) para pregadores itinerantes que se autoenviam, por vezes, em detrimento daqueles que esperam em Deus, servindo no templo. Isso é desmotivador e, ao longo do tempo, produz uma geração de pregadores não identificados com os

verdadeiros valores da fé e da vida cristã bíblica. Além de, por outro lado, produzir um fosso de desânimo, desesperança e desestímulo no ministério local.

Não podem faltar em nossos púlpitos mensagens essencialmente bíblicas, tanto para produzir edificação nos crentes, como também para gerar fé salvadora no coração dos incrédulos. Somente assim podemos ter igrejas saudáveis e sólidas, comprometidas com a verdade do evangelho e a sua pureza, e não atraídas pelas novidades do mundo evangélico, priorizando quantidade em vez de qualidade.

Um Pregador Autêntico

Em João Batista, vemos um pregador autêntico e direto, que não deixava que o foco ficasse nele, mas indicava o alvo da sua mensagem: “Eu batizo com água, mas, no meio de vós, está um a quem vós não conheceis. Este é aquele que vem após mim, que foi antes de mim, do qual eu não sou digno de desatar as correias das sandálias” (Jo 1.26,27).

Assim como João, o discípulo amado, o Batista sabia muito bem que estava anunciando a chegada do Filho de Deus encarnado. Embora Jesus tenha nascido depois dele,¹¹ esse grande profeta identificava-o corretamente como o Eterno, “que foi antes de mim”,

cuja missão era muito superior, pois ali estava “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (v. 29).

O resultado da pregação de João Batista e a sua apresentação de Cristo foi realmente poderosa, fazendo com que Jesus começasse a ser seguido pelos seus discípulos (v. 37), que transmitiram a mesma mensagem a outros, contribuindo para a formação do que viria a ser o colégio apostólico (vv. 40-42).

Autoridade para Pregar

João Batista já havia alcançado fama¹² e respeitabilidade o suficiente para poder apresentar o Messias ao mundo. O ganho de tais credenciais somente foi possível pela característica austera e poderosa da sua mensagem, corroborada por uma vida exemplar, irrepreensível. João Batista tinha autoridade para pregar. Além disso, todo o servo de Deus — e, especialmente, os líderes — precisam estar revestidos de graça e poder, com autoridade para transmitir a verdade do Evangelho.

Escrevendo a Timóteo, Paulo refere-se justamente a um caráter irrepreensível, como uma das credenciais indispensáveis para o líder espiritual (1 Tm 3.2). Noutro ponto, diz que precisa ser aprovado, “como obreiro que não tem de que se envergonhar” (2 Tm 2.15). Isso demonstra que, em toda área da vida, precisamos viver

de forma transparente a fim de estarmos prontos para cumprir o propósito de Deus, seja este qual for.

João Batista alcançou um estágio na sua história em que tinha aptidão para pregar justamente porque cultivou uma vida santa, separada das práticas pecaminosas daquela época. Caso contrário, não teria tido credibilidade para transmitir a sua mensagem, atraindo multidões que vinham não somente para ouvi-lo, mas também para ser batizadas por ele. Mateus registra que “ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judeia, e toda a província adjacente ao Jordão; e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados” (Mt 3.5,6).

É importante que, como cristãos, independentemente de nossa idade, tenhamos uma vida de comunhão com Deus e com a sua igreja, por meio dos santos com os quais congregamos, a fim de termos autoridade para, com nossa vida e palavras, darmos testemunho de Jesus com toda credibilidade. O jovem, por exemplo, não pode descuidar do seu comportamento sadio, mesmo que sofra incompreensões e até seja ridicularizado, aceitando o padrão que Deus indicar a ele para viver, pois não sabe exatamente qual o plano de Deus para a sua vida.

Deus criou cada um com um propósito específico, para o qual é sempre indispensável uma vida de santidade. Nem todos temos os mesmos dons (Rm 12.6-8), mas todos temos algum dom ou alguns dons, porque não há membro do Corpo sem serventia específica

(Rm 12.4,5; 1 Co 12.7). E todos somos membros do Corpo de Cristo e precisamos funcionar para o seu pleno crescimento (Ef 4.16).

Então, assim como João Batista, é preciso buscar compreender o propósito de Deus para nossa vida. Esperar o tempo certo de executar a missão que nos for dada por Ele, aceitando inteiramente as suas características e, inclusive, a sua duração, como fez João Batista, cujo ministério não foi longo, mas altamente expressivo e com resultados eternos. O segredo não é realizar o que queremos, mas o que Deus quer, porque Ele, e não nós, sabe o que é mais importante, e nem sempre o mais importante é o que dura mais tempo e aparece mais. Deus sempre tem os seus mistérios.

Uma Mensagem Cristocêntrica

Quando Jesus apareceu no deserto da Judeia, onde João batizava, não ficou difícil apresentá-lo às multidões, porque Ele, o Cristo, era o centro da mensagem daquele autêntico pregador. A frase “Este era aquele de quem eu dizia” demonstra o quanto João Batista já havia pregado acerca do Messias, da sua vinda e missão. Agora, era somente o apontá-lo aos seus ouvintes. Essa é uma característica que deve prevalecer na pregação: a apresentação prévia de Cristo mediante nossa vida e palavras, até que, no momento da experiência do encontro com Ele, seja bem perceptível e inequívoco o reconhecimento.

Isso nos lembra a pregação de Filipe ao eunuco no caminho entre Jerusalém e Gaza (At 8.26). O evangelista, seguindo expressa orientação do Espírito (8.29), subiu ao carro daquele etíope, superintendente dos negócios da rainha Candace, e expôs-lhe as Escrituras, anunciando a Jesus (8.32-35). O resultado foi extraordinário: o eunuco, vendo água, desejou logo ser batizado, demonstrando já haver crido de todo o coração que Jesus Cristo é o Filho de Deus (8.35-38). Precisamos, portanto, orar mais a fim de que o Espírito nos guie e nos dê mensagens cristocêntricas, que sejam de fácil entendimento e espiritualmente esclarecedoras, que fale da pessoa de Jesus e da sua obra, e não confiada em evidências científicas ou arrazoados filosóficos, que não são hábeis a produzir fé salvífica.

Foi assim com João Batista. Ele anunciava o Messias como o Cristo, o Filho de Deus, Eterno, Preexistente, Todo-Poderoso. Isso está exposto no teor da sua pregação: “Este era aquele de quem dizia: o que vem depois de mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu” (Jo 1.15). O Batista dizia mais: “E todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça” (1.16).¹³

Observemos que João Batista expunha com clareza a deidade de Cristo. Ora, tendo ele, o Batista, nascido antes de Jesus (Lc 1.26-36), como, pois, dizia agora que aquele homem, o Messias, já existia antes dele? Jesus estava vindo depois dele, mas era antes dele. Mais do que isso, era alguém que tinha a plenitude da graça

que a humanidade precisava, e essa graça manifestava a todos (Jo 1.12; Tt 2.11).

A mensagem cristocêntrica de João contrasta diretamente com o sistema religioso até então vigente e no qual ainda criam os judeus, que era aquele estabelecido por Moisés. A expressão “a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (1.17) era um indicativo claro da ruptura com o sistema mosaico que os próprios judeus haviam quebrado, exigindo que uma melhor e perfeita aliança fosse oferecida a todos os homens (Jo 3.16; Rm 1.16; 3.21-29). Embora à época essa mensagem não tivesse sido compreendida em toda a sua extensão, mostra-nos como é maravilhoso perceber a extraordinária clareza da exposição do evangelho da graça, sem barreiras de qualquer natureza.

Não é por menos que um dos textos mais citados acerca da amplitude da mensagem neotestamentária é justamente João 1.11,12: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus: aos que creem no seu nome”. E o arremate, para demonstrar que a eleição não era mais por estirpe, vem com o versículo 13, tratando da origem espiritual dessa graça universal:¹⁴ “os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus”.

Como já vimos no primeiro capítulo, mesmo depois da descida do Espírito Santo, os crentes de Jerusalém, inclusive os apóstolos,

tiveram dificuldade de compreender e aceitar que a salvação pudesse alcançar os gentios e o dom do Espírito pudesse ser derramado sobre eles. Não somente Pedro, mas especialmente Paulo, encontraria duras resistências dos judeus, no que redundaria, ao fim de tudo, no motivo da sua prisão em Jerusalém e julgamento em Roma (At 21.17-40; 25.10-12; 28.11-14).

Uma Visão Política e Temporal

Embora não tenham recebido a Jesus, os judeus nutriam a expectativa da vinda do Messias. Ocorre, todavia, que a visão que tinham de um libertador estava reduzida ao aspecto político e temporal. Israel não tinha razão alguma para isso, porque os profetas haviam predito, de forma sobeja, a vinda de um Salvador Eterno, justamente pela falência e reprovação do sistema religioso judeu. E a tônica do seu ministério seria o sofrimento como um caminho necessário para a glória. O maior exemplo profético nesse sentido é o capítulo 53 de Isaías, que apresenta o Messias sofredor, “desprezado e o mais indigno entre os homens, homem de dores, experimentado nos trabalhos” (Is 53.3).

Embora proclamasse um Reino eterno (Is 9.6), estava bastante claro nas Escrituras que o Reino do Messias nada teria a ver com o papel político e militar de um monarca, que devolveria aos judeus o orgulho de terem a liberdade restaurada na sua própria terra nos

moldes do sistema por eles desejado no fim dos dias dos juízes (1 Sm 8.1-22). Essa oportunidade já tivera um fragoroso fracasso, principalmente pelo envolvimento com a idolatria, o que resultou nos cativos sob a Assíria (Israel) e a Babilônia (Judá). Agora era chegado o Reino dos céus, que proclamava e proclama um governo eterno, de natureza espiritual, não apenas para os judeus, mas também para os gentios.

É oportuno que digamos que engano semelhante aos contemporâneos de Jesus verifica-se hoje entre muitos cristãos, que têm uma visão reducionista do Reino messiânico, imaginando ser preciso conquistar as estruturas humanas, que incluem: economia, política, educação, mídia e entretenimento (além de família e religião).

Você já deve ter ouvido falar na *Teologia do Domínio* ou do *Reino Já*. Jhonny Enlow, autor do livro *A Profecia das Sete Montanhas*, é, atualmente, um dos propagadores dessa “mensagem profética” que tem atraído muita gente. Já pregou algumas vezes no Brasil.¹⁵ A sua mensagem apresenta uma visão triunfalista da igreja na terra, estimulando os seus ouvintes a acreditar na implantação do Reino de Deus por meio de engenhos humanos como a política, a conquista de posições e espaços na arena pública, retirando o senso de urgência da pregação do evangelho ante o iminente retorno de Cristo.

Um pouco mais sutil é o conceito de Cosmovisão Cristã, também amplamente difundido no Brasil nas últimas décadas. É mais sutil porque não está calcado em uma escatologia pós-milenista, como a Teologia do Domínio, mas não deixa de ser pernicioso à fé pentecostal e à sua prática, uma vez que também foi construído a partir de premissas escatológicas equivocadas, distintas da que professamos, ou seja, são fruto de uma visão amilenista. O grande mote que defendem os seus propagadores é a necessidade de “redimir a cultura”, um discurso que encanta e pode enganar facilmente.¹⁶

O pastor César Moisés dá testemunho de como embarcou nessa ideia e que entendimento passou a ter depois disso:

Sem entendimento algum das implicações do que significava ver o ‘cristianismo’ como uma *visão de mundo* [...], como uma ‘cosmovisão’ que deve redimir a cultura, embarquei na tarefa e fui me tornando adepto de uma prática em que a transformação do mundo prescinde de qualquer intervenção miraculosa e sobrenatural.

[...]

Conquanto concorde com a ideia de que temos uma tarefa de transformação, é importante entender como ela deve ser feita. Não tenho dúvidas de que pessoas transformadas pelo Evangelho podem, e certamente fazem toda a diferença onde estão inseridas. Elas não forçam as outras a verem o mundo em sua perspectiva, mas dão testemunho prático, em um mundo perdido, de como viver de forma ética em meio ao turbilhão do pecado.¹⁷

A mesma expectativa de conquista das estruturas temporais nutrida pelos judeus dos dias de Jesus, quando viam em João Batista a possível manifestação de alguém com poderes

extraordinários para destruir os inimigos de Israel, como fez Elias, citado pelos próprios enviados dos sacerdotes e levitas (1.21). Sabedor de que essa era a ânsia dos judeus, um Messias com poderes para livrá-los do jugo romano, João diz-lhes logo: “Eu não sou o Cristo” (1.20).

Com a insistência dos enviados de Jerusalém, ele simplesmente responde: “Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías” (1.23). Essa simplicidade deve ter incomodado aqueles judeus emissários, como, de resto, sempre trouxe incômodo o ministério de Jesus, pelo seu caráter de resignação, simplicidade e profunda humildade.

Pregadores de Prosperidade

Há hoje os que insistem em negar a vida comum e desapegada de Jesus (Mt 8.20), buscando enfatizar que Ele tenha tido uma vida opulenta, para justificar a sua própria opulência. São os pregadores adeptos da teologia da prosperidade. Dizem, por exemplo, que Jesus tinha uma “casa de praia”, valendo-se da expressão de que Ele foi morar em Cafarnaum, próximo ao mar da Galileia, que, apesar desse nome, é um lago (Mt 13.1), numa região absolutamente simples, que nada espelha o que se vende como “casa de praia” atualmente.

É evidente que Deus, sendo o dono da prata e do ouro (Ag 2.8), pode dar riqueza a quem Ele quiser, e obtê-la não constitui pecado. Como disse Paulo: “O amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males” (1 Tm 6.10). O dinheiro em si é bênção de Deus, desde que não façamos dele nosso próprio deus: “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus a Mamom”¹⁸ (Mt 6.24).

Quanto a João Batista, além da sua aparência simples, o reconhecimento de quem realmente era foi fundamental para o êxito da sua missão e do seu sucesso espiritual, pois soube identificar-se como somente “a voz do que clama no deserto”, ou seja, um pregador que chamava as multidões ao arrependimento diante da iminente chegada do Messias e do juízo eterno de Deus.

Um Batismo Superior

A atitude de João Batista, de batizar as multidões, intrigou os fariseus egressos de Jerusalém, da parte dos sacerdotes e levitas. Perguntaram-lhe: “Por que batizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?” (1.25). Foi a oportunidade que o pregador do deserto precisava para anunciar um batismo superior, um batismo “com o Espírito Santo” (1.33).

O caráter pneumatológico da pregação de João Batista é absolutamente eloquente, o que corrobora muito com a exposição que todo o Evangelho de João da pessoa e da obra do Espírito Santo, não somente em uma visão cristológica, mas também soteriológica e eclesiológica. Sim, o apóstolo trata com muita profundidade da divindade de Jesus, como expõe sólidos fundamentos sobre a doutrina da salvação, como no episódio com Nicodemos; da doutrina da igreja, especialmente quando dá instruções aos discípulos (Jo 15—17) e quando os comissiona ao cuidado das suas ovelhas (Jo 21.1-25).

Como já assinalado, a Pneumatologia está absolutamente presente desde o começo do livro. Isso também é muito real na história de João Batista desde as experiências dos seus pais Zacarias e Isabel, conforme a narrativa de Lucas (Lc 1.15,41,67). Primeiro, o anjo diz a Zacarias que o menino que nasceria — João, o Batista — seria cheio do Espírito Santo desde o ventre (Lc 1.15). Depois, Isabel é cheia do Espírito Santo ao receber a visita de Maria (1.41). Finalmente, Zacarias foi cheio do Espírito Santo logo após o nascimento do menino e verbalizou isso por meio de um cântico profético (1.67). Estas são experiências espirituais inequívocas, que sempre estiveram presentes na vida das pessoas que viveram em comunhão com Deus, o que persiste até nossos dias, dentro do padrão neotestamentário.

Esse padrão neotestamentário tem como marca principal o batismo com o Espírito Santo.¹⁹ É justamente desse batismo superior que fala João Batista, em comparação com o batismo em águas, que era por ele praticado: “Eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo” (1.33). Mateus registra a declaração de João Batista com a expressão “e com fogo” (Mt 3.11), o que também aparece na narrativa de Lucas (Lc 3.16).

Trata-se de uma inequívoca alusão à experiência do Pentecostes, quando todos os crentes reunidos no cenáculo receberiam o poder do Espírito Santo, em uma efusão que contou com um forte som (“como de um vento impetuoso”, At 2.2) e com simbolismo do fogo: “línguas repartidas como de fogo” (2.3), o que corrobora com a profecia de Joel, destacada por Pedro, e que também traz referência ao fogo (At 2.19; Jl 2.28).

Como já frisado, não são, portanto, apenas as narrativas lucanas que são cheias de fundamentos da teologia pentecostal. A declaração de João Batista registra por João, o evangelista, também traz profundas revelações sobre a pessoa do Espírito Santo e a sua obra, no que se inclui, indiscutivelmente, o batismo no Espírito Santo como uma experiência distinta da conversão. Um enchimento de poder que não pode ser confundido com a primeira experiência, que é a do novo nascimento, que também é operada pelo Espírito

Santo, como veremos no capítulo 4, ao estudarmos o encontro de Nicodemos com Jesus (Jo 3.1-21).

O Cordeiro de Deus

Essa expressão tinha um grande significado para os judeus, que conheciam bem o sacrifício levítico e as suas leis. Não foi usada por acaso por João Batista. Quando apresenta Jesus como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (1.29,35), João destaca o contraste que a Nova Aliança teria em relação à Antiga Aliança. No concerto levítico, o sacrifício de um cordeiro precisava ser repetido anualmente e, ainda assim, não tinha poder para tirar, mas apenas cobrir os pecados dos ofertantes.

Nos dias de Jesus, havia uma profunda exploração da religiosidade judaica, com o templo sendo usado como mercado de animais e casa de câmbio. Logo adiante, o próprio apóstolo João vai narrar a ação de Jesus para purificar o Templo, em outra passagem na qual Ele identifica-se claramente como o Filho de Deus.

Diz-nos o apóstolo: “E estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém. E achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambiadores assentados” (Jo 2.13,14).

Há muito tempo, a perversão dos sacrifícios havia feito que o culto judaico perdesse o seu real sentido. Havia verdadeira exploração

comercial no âmbito do Templo. Jesus reagiu a essa profanação, fruto do deprimente estado espiritual dos judeus:

E, tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo, bem como os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas, e disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes e não façais da casa de meu Pai casa de vendas. (Jo 2.15,16)

Foi justamente naquela ocasião que Jesus, em consonância com a declaração de João Batista acerca de ser Ele o Cordeiro de Deus, disse: “Derribai este templo, e em três dias o levantarei” (2.19). O próprio evangelista João insere no texto a sua interpretação: “[...] ele falava do templo do seu corpo” (1.21), ou seja, de que não mais animais em ofertas repetidas, mas Ele mesmo, em oferta única e suficiente, seria entregue como um cordeiro, o Cordeiro de Deus, capaz de com o seu sacrifício fazer a expiação de toda a humanidade.

Essa declaração do Mestre seria entendida pelos discípulos somente depois da sua ressurreição, quando se lembraram dela e “creram na Escritura e na palavra que Jesus tinha dito” (2.22). Era Ele, de fato, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, acerca do qual mais tarde falaria o apóstolo Pedro:

[...] não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o preciso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado. (1 Pe 1.18,19)

O escritor aos Hebreus falaria desse sacrifício perfeito em diversas passagens da sua obra, destacando que:

- (1) o Filho fez por si mesmo a purificação de nossos pecados (1.3);
- (2) não pelo sangue de bodes e bezeros, mas pelo seu próprio sangue, efetuando uma eterna redenção (9.12);
- (3) a oferta suficiente foi feita uma vez para tirar os pecados de muitos (9.28);
- (4) é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados (10.4);
- (5) a oblação do corpo de Jesus Cristo foi feita uma vez, e Ele está assentado para sempre à destra de Deus, visto que o seu sacrifício aperfeiçoou para sempre os que são santificados (10.10-14);
- (6) o sangue de Cristo dá-nos ousadia para entrar no Santuário, pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou (10.19,20) e
- (7) Ele é o Mediador de uma nova aliança; o único, portanto (12.24).

Encerrando a Missão

Você já deve ter ouvido falar que “o importante não é como se começa, mas, sim, como se termina”. Alguns vão além e dizem: “Não importa como se começa. O importante é como se termina”.

Na verdade, Salomão disse que “Melhor é o fim das coisas do que o princípio delas” (Ec 7.8). Embora não possamos desprezar o começo das coisas, verdade é que o fim de tudo é o determinante. Enquanto erros do começo podem ser corrigidos, no fim de tudo não há mais o que se corrigir.

Na Bíblia, temos exemplos (i) de quem começou mal e terminou bem (Raabe é um desses casos — Hb 11.31), e (ii) de quem começou bem e terminou mal (Saul — 1 Sm 10.1-6; 31.1-4). Também temos exemplos (iii) que quem viveu a vida toda de forma incorrigível (Caim — 1 Jo 3.11,12; Gn 4.5-7) e (iv) de quem soube conservar-se fiel até o fim (Hb 11.32-40). Esse é o caso também de João Batista. Conquanto saibamos que não tenha sido perfeito — nenhum ser humano o é —, vemos que esse profeta corajoso soube começar e terminar bem a sua missão.

No capítulo 3.22-36, encontramos outro testemunho de João Batista, agora batizando em um lugar identificado como Enom, junto a Salim. O texto permite-nos entender que era um lugar alternativo que o batizador sempre usava, pois o evangelista diz: “João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas”. Como sabemos, o rio Jordão fica bastante escasso de água em muitos lugares no período da seca. Aliás, esse rio, embora sempre tenha tido uma importância extraordinária para a nação de Israel, não é de muita expressão quanto ao tamanho do seu canal e o volume de água. Destaca-se a importância do rio Jordão pelo local

que nasce e como corta o território de Israel por inteiro, passando pelo mar da Galileia e indo desaguar no mar Morto.

Foi ali que João Batista recebeu a notícia do progresso do ministério de Jesus. Foi uma informação um pouco distorcida, porque disseram ao pregador do deserto que Jesus estava batizando as multidões, enquanto, conforme esclarece João, o evangelista, “Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos” (Jo 4.2).²⁰ O que nos importa considerar aqui, contudo, é que o precursor do Messias estava bem consciente da transitoriedade da sua missão, aproveitando para reforçar a Divindade de Jesus e a sua alegria em ser amigo do Esposo (3.27-36). A expressão “já essa minha alegria está cumprida” é o que nos faz entender, uma vez mais, a profundidade da revelação que João Batista havia recebido, como enviado de Deus.

Pela sequência da narrativa exposta por João, não temos motivos para não atribuir ao próprio João Batista as declarações seguintes, que falam da origem e da soberania do Messias (“Aquele que vem de cima é sobre todos” — 3.31), da sua estreita relação com o Pai (“O Pai ama o Filho e todas as coisas entregou nas suas mãos” — 3.35) e da imperatividade e indispensabilidade de crer nEle para a vida eterna (3.36).

Foi ali, nessa mesma ocasião, que João expressou a sua profunda resignação ante o Filho de Deus (“É necessário que ele cresça e que eu diminua” — 3.30), deixando um extraordinário exemplo para

todos os cristãos, no sentido de que somente somos verdadeiros seguidores e servos de Cristo se vivermos para propagar a grandeza dEle; para glorificá-lo pelo poder do Espírito em nós (Jo 16.14).

Apesar dessa convicção e prontidão, João Batista também era sujeito a fraquezas e dúvidas. Quando já preso, envia dois discípulos dele a pedir confirmação de Jesus sobre o seu messiado: “És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro?” (Mt 11.3). “As dúvidas de João, aqui, provavelmente era resultado do seu prolongado aprisionamento e seu desapontamento por ainda não ter ocorrido um ‘batismo de fogo’”.²¹ Jesus respondeu a João Batista enviando-lhe notícias dos sinais que vinha operando: “Os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho” (Mt 11.5). Ou seja, o próprio Jesus indicou que tais milagres eram sinais miraculosos que certificavam a sua divindade, sendo seguidos da mensagem do Evangelho.

Sobre a experiência de João Batista, aprendemos que mesmo homens de profunda fé e convicção são sujeitos a passar por provas e crises espirituais. Se e quando isso acontecer, precisamos ser francos e transparentes e falar com Jesus o que realmente estamos sentindo ou pensando. Não podemos esconder dEle nossas dúvidas ou fraquezas. Isso de nada adiantará. Mas, se formos humildes e

sinceros, Ele certamente nos responderá e renovará nossa fé e esperança.

A mensagem de Jesus certamente revigorou João Batista, que não sairia vivo da prisão. Foi decapitado. Resignado e resoluto, saiu de cena. Já havia encerrado — e muito bem — a sua missão! Um homem do qual o mundo não era digno (Hb 11.38). Ele está entre os mártires que serão laureados por Cristo na eternidade.

-
- ¹ Um dado relevante a ser destacado é que João é o único evangelista que não incorpora o termo “Batista” ao nome de João, descrição que ganhou pelo ato de batizar as multidões. De qualquer sorte, para evitar confusão entre os “Joões”, neste texto o batizador é sempre identificado como João Batista.
 - ² CARSON, D. A. *O Comentário de João*. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 121.
 - ³ Idem.
 - ⁴ BOOR, Werner de. *Evangelho de João I. Comentário. Esperança*. 1.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p. 36.
 - ⁵ BRUCE, F. F. *João. Introdução e Comentário*. 1.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1987, p. 40.
 - ⁶ **N. do E.:** O termo ascética tem a sua origem em uma **doutrina filosófica que acredita na abstenção dos prazeres físicos e psicológicos**, como o caminho para **atingir a perfeição e equilíbrio moral e espiritual**.
 - ⁷ Embora profetismo esteja mais diretamente relacionado ao movimento que visava restaurar o monoteísmo hebreu, indo de Amós a Malaquias (dentro do cânon do Antigo Testamento) e sendo encerrado com João Batista, a designação de profeta na Bíblia é dada desde Abraão (Gn 20.7). Noé também foi um autêntico profeta (2 Pe 2.5). É nesse sentido e com essa abrangência que a expressão é usada no texto.
 - ⁸ “Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo” (Hb 1.1,2).
 - ⁹ ZIBORDI, Ciro Sanches. *João Batista. O Pregador Politicamente Incorreto*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 55.

- ¹⁰ Isaías é considerado como o profeta messiânico. O seu livro, o mais evangelístico do Antigo Testamento, é como uma miniatura da Bíblia, com os seus 66 capítulos. Nesse sentido, o capítulo 40 estaria justamente a inaugurar a fase comparada à Nova Aliança, com as promessas de redenção. E exatamente nesse começo aparece o registro profético de João Batista. Quão extraordinárias são as Escrituras Sagradas!
- ¹¹ Seis meses depois de Isabel já estar grávida é que o anjo Gabriel anuncia a Maria que ela também iria conceber (Lc 1.24-45). Portanto, é indubitável que João Batista nasceu antes de Jesus. Mesmo assim, falando da divindade do Messias, afirma que Ele era antes dele.
- ¹² A fama, em si, corresponde a todo e qualquer reconhecimento público de alguma proporção e não é um mal em si mesma. Pode ter significado positivo. Os Evangelhos falam da fama de Jesus, ou seja, da propagação do seu nome (Mt 4.24,25; Mc 1.28; Lc 4.14). A questão é o propósito da fama, a maneira como ela é buscada e o que pode gerar no coração. Isso pode tornar-se escravizante, como é o caso de quem passa a depender e ajustar o seu humor por visualizações, compartilhamentos ou *likes* nas redes sociais. É preciso guardar o coração e não se entregar ao orgulho e às vaidades desta vida tão passageira. O que mais o mundo quer fazer, inspirado pelo Diabo, é oferecer-nos meios facilitados de obter fama, mas sempre a um altíssimo preço (Mt 4.8-10). A fama, portanto, não deve ser desejada ou buscada. Se qualquer atividade nossa ou mesmo nosso serviço a Deus proporcionar que nosso nome alcance algum reconhecimento público, não nos esqueçamos sempre de sentir e fazer como João Batista: dar a Deus a devida glória e reconhecer nosso lugar ante a grandeza do Todo-Poderoso (Jo 3.30).
- ¹³ Embora haja discussão quanto à autoria de trechos contidos no texto relacionado ao testemunho de João, se seriam palavras do Batista ou do apóstolo, predomina o entendimento de serem originárias dos lábios do primeiro, porque a narrativa é bastante clara. João, o evangelista, principia no versículo 15 falando que apresentaria o testemunho de João, o Batista. E no versículo 19, após as sentenças proferidas entre os versículos 15 e 18, diz: “este é o testemunho de João, quando os judeus mandaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe [perguntarem quem ele era]”.
- ¹⁴ Não podemos confundir a expressão “graça universal” com universalismo absoluto. Conforme observa Stanley Norton: “Os evangélicos, de modo global, rejeitam a doutrina do universalismo absoluto (isto é, o amor divino não permitirá que nenhum ser humano ou mesmo o diabo e os anjos caídos permaneçam eternamente separados dEle). O universalismo postula que a obra salvífica de Cristo abrange todas as pessoas, sem exceção” (HORTON, Stanley. *Op. cit.*, p. 358). Já a Soteriologia bíblica é absolutamente clara ao afirmar que Jesus morreu por todos os homens, mas somente serão salvos os que crerem nEle e permanecerem firmes até o fim (Jo 3.14-16; Mt 24.13). Tenhamos cuidado, portanto, com as heresias, por vezes encobertas em

sutilezas, como é o caso da exposição do “amor” de Deus como uma mensagem liberal, que desconsidera a justiça de Deus e a sua severidade (Rm 11.21-24).

- 15 Outro difusor de mensagem semelhante, que também pregou no Brasil por diversas vezes, foi Myles Munroe, falecido em 2014.
- 16 Em uma apertada síntese, pós-milenismo é um sistema escatológico que defende que já vivemos o “governo milenar” de Cristo, e que a Igreja deve trabalhar para implantar o Reino de Deus na Terra na era atual. O amilenismo nega a existência de um milênio literal. Parte dos que o defendem acreditam na implantação do Reino de Deus por intermédio da conquista das estruturas humanas. Um processo de cristianização. O pentecostalismo clássico segue o pré-milenismo, sistema que defende que as estruturas humanas estão degradadas e em degradação – “O mundo está no maligno” (1 Jo 5.19). Espera o arrebatamento da Igreja, seguido da Grande Tribulação na Terra, enquanto acontece no Céu o Tribunal de Cristo e as Bodas do Cordeiro. Quanto ao Milênio, será o governo pessoal de Cristo na Terra, mas depois do juízo das nações, que ocorrerá no fim da Grande Tribulação. Daí crermos na urgência da pregação do evangelho, e não na conquista de estruturas humanas e uma suposta implantação do Reino de Deus no plano terreno nos dias atuais.
- 17 CARVALHO, César Moisés de. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 25,35.
- 18 “No original é *mamom*, um termo aramaico significando dinheiro ou outros bens terrenos valiosos. Jesus deixou bem claro que uma pessoa não pode ao mesmo tempo servir a Deus e às riquezas. (1) Servir à riqueza é dar-lhe um valor tão alto que: (a) colocamos nela nossa confiança e fé; (b) esperamos da parte dela nossa segurança máxima e felicidade; (c) confiamos que ela garantirá o nosso futuro; e (d) a buscamos mais do que o reino de Deus e sua justiça. (2) Acumular riquezas é um trabalho tão envolvente que logo passa a controlar a mente e a vida da pessoa, até que a glória de Deus deixa de ter a primazia em nosso ser (Lc 16.13 [...])” (BEP, p. 1397).
- 19 Anotamos, mais uma vez, que estão corretas tanto a expressão “batismo com o Espírito Santo” quanto a expressão “batismo no Espírito Santo”, visto que, no original, “a palavra ‘com’ é uma tradução da preposição grega *en* e pode ser traduzida ‘por’, ‘com’ ou ‘em’. Por esse motivo, uma tradução alternativa seria ‘o que batiza no Espírito Santo’, assim como ‘batizar com água’ pode ser melhor traduzido ‘batizar em água’” (BEP, p. 1570).
- 20 É bastante oportuno que reflitamos um pouco acerca do volume de informações que recebemos todos os dias e da necessidade de sermos serenos e seletivos, a fim de não propagarmos inverdades ou meias verdades, que também podem produzir efeitos negativos. Vivemos na era das notícias falsas (*fake news*) e, como cristãos, não podemos ser instrumentos desse

perverso sistema. É preciso ter muito cuidado, especialmente com as redes sociais.

²¹ *Bíblia de Estudo Holman*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 1505.

3

O Primeiro Sinal: Água em Vinho

João 2.1-12

A transformação da água em vinho nas bodas de Caná é o primeiro ato miraculoso realizado por Jesus; um sinal específico para revelar a sua divindade (2.11). Não há qualquer outro registro canônico¹ da realização de milagres de Jesus antes dessa ocorrência, quando Ele já havia sido ungido pelo Espírito Santo e começara o seu ministério (Jo 1.32-34; Mt 3.13-17). Apesar disso, desde os primeiros séculos da era cristã, surgiram inúmeros escritos com a pretensão de narrar supostas ocorrências ausentes dos quatro evangelhos, inclusive do período da infância de Jesus. Muitos trabalharam ardilosamente no que viram como lacunas das narrativas aceitas pelos Pais da Igreja.²

João situa a narrativa do sinal realizado nas bodas de Caná logo após o comissionamento dos primeiros discípulos (1.35-51), indicando isso como marco temporal, ao dizer que a festa de casamento foi realizada “ao terceiro dia” (2.1).³ Maria, a mãe de Jesus, “estava ali”, o que pode indicar uma proximidade especial com a família dos noivos. Talvez “uma amiga da família, ajudando nos bastidores”,⁴ o que é reforçado pelo fato de que foi ela quem

tomou conhecimento imediato da falta de vinho, o que sequer foi percebido, ao que se entende, pelos demais participantes da festa. Nem mesmo o chefe dos serventes ficou sabendo do ocorrido, pois imaginou que o novo vinho havia sido guardado propositadamente pelo noivo (2.9,10).

José não é mencionado, o que sugere que, nessa época, já tivesse morrido, como é opinião comum entre os estudiosos. Quanto a Jesus e os seus discípulos, o texto informa que “foram também convidados” (2.2). Pelo expresso hiato temporal com o texto antecedente (a chamada dos primeiros discípulos), não se trata, ainda, dos doze, mas apenas dos cinco mencionados no texto de João 1.35-51, dentre os quais provavelmente estava o próprio João, que teria ocultado o seu nome (1.40),⁵ sendo, assim considerando, testemunha ocular dos fatos.⁶ A convivência entre Jesus e os discípulos certamente já era notada em público, ao ponto de o convite ter sido dirigido a todos, como que de forma conjunta.

O cenário do milagre é a pequena vila de Caná da Galileia, que recebia essa designação específica por existir outra Caná, na Síria, ao nordeste de Israel. Localizada há cerca de 10 quilômetros da vizinha Nazaré, ficava na Baixa Galileia, região que “possuía a mais famosa e mais fértil planície de todo o país, rico e inesgotável vale de Esdrelon⁷ que conserva até hoje o título de celeiro de Israel”.⁸ Já a Alta Galileia, como o nome sugere, era uma região montanhosa, mais ao norte de Israel.

A ocasião do milagre também é relevante destacar: a primeira fase do ministério de Jesus na Galileia, não registrada pelos sinóticos. Mateus, Marcos e Lucas dedicam-se ao registro da segunda fase do ministério de Cristo na Galileia, depois desse início e das suas primeiras viagens à Judeia, que também estão registradas somente por João. Jesus iniciou o seu ministério, portanto, distante dos olhares dos líderes da nação judaica. E foi justamente na terra dos galileus onde passou maior tempo do seu ministério, sobretudo pela forte hostilidade que sofria em Jerusalém, como veremos em capítulos seguintes.

Mais do que um Milagre, um Sinal

Não podemos perder de vista a singularidade do Evangelho de João, como foi destacado no primeiro capítulo. Singularidade que se expressa, inclusive, na seleção de sete milagres como sinais da divindade de Cristo. Nesse sentido, é imperativo notar que, não por acaso, o substantivo grego usado por João para referir-se a essas operações miraculosas é bem específico, no sentido de serem realmente sinais, ou seja, indicativos especiais e específicos da deidade de Cristo.

Esse objetivo peculiar de João foi cuidadosamente demonstrado por intermédio do emprego de um termo grego próprio para a significativa descrição dos atos miraculosos que escolheu narrar. O

teólogo inglês Stuart Edmund McNair (1867-1959) faz referência a uma explicação que convém considerar:

Há três palavras traduzidas por *milagres* no N.T. A primeira “dunamis” significa simplesmente *manifestação de poder, obra poderosa*; a segunda “semeion” significa *um sinal*, e a terceira “teros” quer dizer *maravilha*. Neste Evangelho a palavra traduzida milagre é sempre “semeion”. A primeira palavra nunca se emprega em João, e a terceira somente em 4.48 (Goodman).⁹

O *Dicionário Vine* dá ao termo *semeion* o significado de “sinal, marca, prova, indicação, indício”.¹⁰ Sobre o sentido especial do emprego dessa expressão por João, French L. Arrington e Roger Stronstad afirmam:

Há muito que os estudiosos discutem o significado do termo sinal (semeion) no Evangelho de João. Uma consideração sobre essa palavra nos ajuda a descobrir como o Evangelho deve ser dirigido e interpretado. Para começar, João tenciona que os “sinais” beneficiem os leitos — significam algo mais que meros milagres. Um sinal diz respeito a um acontecimento extraordinário e especial, chamando a atenção para a atividade salvadora de Jesus e aludindo à sua morte e ressurreição.¹¹

É sob esse prisma, portanto, que devemos olhar para o milagre realizado em Caná, tanto em relação ao propósito de Cristo quanto ao do apóstolo João, que, algumas décadas depois dos demais evangelistas, tinha uma visão da realidade da fé cristã e dos ataques que sofria no seu tempo, especialmente visando negar a divindade de Cristo, como abordado no primeiro capítulo.

Sabemos, ainda, que, além dos sete sinais, João registrou sete sermões cristológicos e sete autodeclarações de Cristo sobre a sua

divindade. Nos capítulos seguintes, abordaremos cada um desses sinais. Quanto aos sermões, estão presentes no diálogo com Nicodemos (Jo 3.1-21), na abordagem à mulher samaritana (4.4-42) e em outras cinco passagens: 5.16-47; 6.37-44; 8.12-30 e 10.1-21. Já as declarações divinas (“Eu Sou”) vemos nas passagens em que Cristo apresenta-se como: “pão da vida” (6.35), “luz do mundo” (8.12), “porta” (10.9), “bom Pastor” (10.11,14), “ressurreição e a vida” (11.25), “caminho, e a verdade, e a vida” (14.6) e “videira” (15.1,5).

Jesus e os Discípulos

Como já afirmado, o mais provável é que, na ocasião das bodas de Caná, Jesus estivesse acompanhado somente dos primeiros cinco discípulos, mencionados por João no capítulo primeiro, dos versículos 35 a 45. O entendimento de que o próprio João tenha testemunhado o milagre de Caná dá-se não apenas pela possibilidade de ele ser o anônimo de João 1.40, mas porque da narrativa feita por Mateus podemos extrair que Tiago e João, filhos de Zebedeu, foram chamados por Jesus logo depois de Pedro e André (Mt 4.18-21). No mesmo sentido, o registro feito por Marcos (Mc 1.16-20). É incontestável, desse modo, que, naqueles dias, Jesus já era identificado juntamente com os seus discípulos, tanto que João registra que “foram convidados também [Ele] e seus

discípulos”, não sendo provável presumir que o convite tenha sido de forma individual, para cada um deles.

Tudo isso nos mostra que, além do propósito de realizar aquele milagre para todas as gerações, Jesus tinha uma finalidade bem presente, que era manifestar a sua glória para os seus primeiros seguidores, tanto que o próprio João afirma que aquela ocorrência serviu para que os discípulos de Jesus cressem nEle (2.11). O fato de Cristo estar principiando ali os seus sinais tinha justamente a intenção de revelar a sua natureza divina aos homens que iriam segui-lo durante todo o seu ministério, embora não tenham alcançado esse entendimento de forma perfeita naquele momento. De qualquer sorte, o sinal serviu para que vissem não apenas um mestre dos judeus, mas alguém com extraordinário poder, muito diferente da classe religiosa do seu tempo. A fé estava sendo gerada neles.

“Não Tem Vinho”

A falta do vinho foi o fator que desencadeou a busca por Jesus. A sua mãe, Maria, logo o procurou não apenas para dar-lhe a informação, mas também para que dEle viesse a solução do problema. Como sabemos que o plano de Deus sempre se desenvolve com perfeição, o que vemos ali é uma mulher impulsionada a deflagrar um processo que viria mostrar-se, em

todos os tempos, como uma oportunidade ímpar de Jesus revelar-se como o Deus Todo-Poderoso, capaz de transformar água em vinho.

A declaração feita por Jesus a Maria faz-nos entender, com clareza, que o relacionamento entre eles não era apenas natural — entre mãe e filho —, mas, acima de tudo, espiritual. Estava ali uma serva de Deus, totalmente consciente da missão que recebera, desde quando disse: “Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1.38). A sua consciência espiritual é revelada no cântico que Lucas registra: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque atentou na humildade de sua serva; pois eis que, desde agora, todas as gerações me chamarão bem-aventurada” (Lc 1.46-48).

Não era pequena, seguramente, a expectativa de Maria para o início e a consecução do ministério de Cristo, tanto que, desde o seu nascimento, tudo o que via e ouvia *guardava em seu coração e as conferia*, ou seja, examinava (Lc 2.19), como quando o menino tinha 12 anos e foi encontrado no Templo, no meio dos doutores, *tratando dos negócios do Pai* (Lc 2.42-51).

Para Myer Pearlman, a iniciativa de Maria ocorreu justamente por acreditar que Jesus tinha poderes suficientes para suprir a necessidade e tirar o hospedeiro do embaraço:

Maria, vendo seu Filho cercado pelos seus discípulos, sente a esperança secreta que nutria em silêncio durante tantos anos irromper em ardor

flamejante, e volta-se a ele, demonstrando uma bela fé em seu poder para ajudar, mesmo na pequena necessidade do momento.¹²

Como homem, Jesus sempre foi sujeito aos pais em tudo (Lc 2.51); entretanto, Maria tinha consciência de que ali não estava somente uma criança, adolescente ou jovem comum, mas o Filho de Deus encarnado para uma grande missão prestes a ser executada. É a essa “hora” que Jesus refere-se quando fala a Maria, em uma comunicação claramente de cunho espiritual, de ambas as partes (Jo 2.4), tanto que, logo em seguida, a sua mãe já orienta os serventes da festa que seguissem as ordens de Jesus, porque, sabia ela, o Deus presente tinha uma solução para o problema do vinho.

A Posição de Maria em Relação a Jesus

Não é demais fazer aqui uma breve referência às distorções feitas pela Igreja Romana em relação ao papel de Maria no projeto divino de redenção da humanidade. Querem dar a ela *status* e poder que nem ela mesma cogitou, admitiu ou reivindicou. Muito pelo contrário! No seu cântico, ela apresenta-se como, de fato, se sentia e era: uma serva do Senhor, necessitada de um Salvador (Lc 1.38,46,47). Agora, aponta para Jesus e diz aos empregados: “Fazei tudo quanto ele vos disser” (Jo 2.5). Esta é a mensagem de todo anunciador do Messias: indicar a Cristo e ressaltar a necessidade de ouvi-lo e obedecê-lo. Observemos que Maria não se apresentou como uma

medianeira. Os empregados ouviram diretamente de Jesus o que precisariam fazer (2.7).

Isso, somado ao conjunto da revelação escriturística, nos demonstra que não há quem possa colocar-se como mediador entre os homens e Cristo. Aliás, a mediação necessária é entre Deus, o Pai, e os homens; e Cristo é o único mediador. Como escreveu Paulo: “Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem, o qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo” (1 Tm 2.5,6).

Embora teólogos católicos busquem negar o culto a Maria, não é possível fazê-lo diante das práticas comuns do catolicismo, na atualidade e na história. Sobre isso, escreve o pastor Abraão de Almeida:

[...] embora Roma papal não dê a Maria o título de deusa, como o fazia Roma imperial às suas divindades maternas, Maria tem sido honrada como tal. Ela é a divindade mais frequentemente invocada, fervorosamente amada, devotadamente adorada, e em quem se deposita mais esperança do que no Deus Pai, no Deus Filho e no Deus Espírito Santo.

Diversos papas têm reconhecido em Maria poderes onipresentes, oniscientes e onipotentes, que são atributos naturais ou morais exclusivamente do Deus Trino. Como exemplo, Gregório XVI, em 1841, ensinou que a Virgem visita o purgatório, todos os sábados, para livrar dele certas almas privilegiadas.

Nas *Glórias de Maria*, de Santo Afonso de Ligório, lê-se:

“Sim, Maria, **tu és onipotente** [...], porque, segundo toda a lei, a Rainha deve gozar os mesmos privilégios que o Rei. Devendo, pois, a mãe ter o mesmo poder que tem o Filho, com razão, Jesus, que é onipotente, fê-la

onipotente; mas com a diferença de ser o Filho onipotente por Sua natureza, e a mãe onipotente por graça”.¹³

Um dos pilares da Reforma Protestante foi justamente o *Solus Christus*, ou seja, *somente Cristo*, visando dissipar qualquer pretensão de elevar-se quem quer que seja ao posto de medianeiro entre Deus e os homens, poder dado exclusivamente àquele que desceu do Céu, aqui encarnou e para lá voltou, glorificado (Lc 24.51; At 1.9-11).

O Bom Vinho: uma Mensagem a Israel

Esse milagre também nos faz lembrar de que Deus estava iniciando a produção de um novo vinho. Havia esgotado todas as possibilidades com a sua vinha, Israel (Is 5.1-7; Jr 2.21) e agora gerava, pela água da Palavra, um vinho novo. A sua igreja surgiria como fruto desse milagre de transformação. E ali estava Maria, a primeira a ter dado obediência ao propósito Eterno quanto ao Salvador e a sua igreja, quando disse: “[...] cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1.38). Agora podia dizer: “Fazei tudo quanto ele vos disser” (Jo 2.5).

Depois de todas as rebeldias de Israel ao longo do Antigo Testamento, incluindo sucessivos movimentos de apostasia e idolatria, agora o trato de Deus com a sua vinha não seria mais cercar, cuidar, adubar... Tudo isso já havia sido feito à espera de uvas boas, mas vieram uvas bravas (Is 5.4). Agora a vinha seria

destruída: “Tirarei a sua sebe, para que sirva de pasto; derribarei a sua parede, para que seja pisada; e a tornarei em deserto; não será podada, nem cavada; mas crescerão nela sarças e espinheiros; e às nuvens darei ordem que não derramem chuva sobre ela” (Is 5.5,6).

Jerusalém foi conquistada diversas vezes. No ano 70 d.C., depois de um cerco que causou fome e um grande morticínio, a cidade sofreu um terrível ataque pelos romanos. Como escreve o pastor Claudionor Corrêa de Andrade:

Jerusalém foi mais uma vez destruída. Seus muros e palácios, novamente derribados e transformados em monturo. A fúria de Roma não conhece limites, e faz questão de ignorar os atos de misericórdia comuns aos demais seres humanos. Nem mesmo a Casa de Deus, ela poupa. O mais sagrado dos símbolos da religião hebraica, a imperial senhora do Tibre e rainha do mundo conspurca com a sanha de seus generais e a vilania de sua soldadesca.¹⁴

Os judeus foram dispersos por todo o mundo. Mesmo com o movimento sionista do século XX, ainda há muita dispersão. Chegará o tempo, contudo, que Israel estará novamente reunido e clamará pelo Salvador, em uma grande conversão nacional, quando “todo o Israel será salvo” (Rm 11.26), não mais como aquela antiga vinha, mas como parte da Igreja do Cordeiro, fruto do mesmo milagre de transformação da água em vinho.¹⁵ O encher as talhas e transformar a água em vinho representava a chegada de um tempo de verdadeira alegria, disponível não somente para Israel, mas também para todos os povos, em um Novo Concerto (Lc 2.10; Jo 1.12; Rm 1.16).

Quando o Vinho Acaba

O milagre das bodas de Caná traz para todos nós uma grande lição espiritual: o perigo de ter Jesus na festa e, ainda assim, não desfrutar dEle como fonte de alegria. Isso pode acontecer em meio à prática religiosa, quando nos acostumamos com liturgias frias, práticas rotineiras, que não expressam mais um profundo sentido de comunhão com Cristo. Pior do que isso, corremos o risco de entreter-nos com “vinhos” desse mundo, fontes de alegrias mundanas, apazíveis aos nossos próprios desejos. Em situações assim, Jesus está no recinto, mas a alegria que nutrimos não vem dEle.

Por mais que pareça dramático, por vezes a única saída é esse “vinho” mundano acabar. Precisamos descobrir a verdade sobre nossas motivações, em uma sondagem ao íntimo do nosso ser, somente alcançada em momentos de profunda reflexão, geralmente vividos durante crises de nossa existência. Se continuarmos vivendo embalados por outras fontes de alegria, jamais conseguiremos apelar para Jesus e esperar dEle e somente dEle um milagre de transformação. Um estado de engano assim comprometeria nossa eternidade.

Precisamos reconhecer que tudo aquilo que as alegrias, que os prazeres e as oportunidades dessa vida podem proporcionar-nos, sejam lícitos ou não, jamais nos satisfazem e são passageiras.

Quando entendemos essa realidade e essa consciência chega, o que devemos fazer? Voltar-nos para Jesus com profunda contrição, ouvi-lo e fazer a sua vontade, e não apenas parcialmente (“Fazei tudo quanto ele vos disser”, Jo 2.5). Se o obedecermos, Ele certamente nos encherá da água, da Palavra e do Espírito, que produz em nós profunda alegria e paz (Jo 4.14).

Não há problema algum em desfrutar de boas oportunidades e alcançar importantes conquistas nas mais diversas áreas da vida — desde que sejam lícitas, é claro. Aliás, Deus tem prazer em fazer-nos prosperar (Sl 1.1-3). O que precisamos saber, entretanto, é que tudo é passageiro nesta terra e que o bom vinho somente Jesus tem.

“Enchei-vos do Espírito”

A despeito das muitas discussões que existem sobre o tipo de vinho mencionado no Novo Testamento (se fermentado ou não), sabemos que qualquer bebida embriagante produz gravíssimas consequências para os que as consomem. Salomão escreveu: “O vinho é escarnecedor, e a bebida forte, alvoroçadora; e a todo aquele que neles errar nunca será sábio” (Pv 20.1); “Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoia suavemente. No seu fim, morderá como a cobra e, como o

basilisco, picará” (Pv. 23.31,32). “[...] não é próprio [...] dos príncipes desejar bebida forte [que é para os] que perecem” (Pv 31.4,6).

Geralmente, os que se dão a muito discutir sobre o tipo de vinho dos tempos bíblicos assim o fazem no afã de sancionar os seus próprios desejos, ou seja, justificar o consumo de bebidas alcoólicas. Não nos esqueçamos, contudo, de que as Escrituras advertem-nos dos males que o vinho causa e desaconselham o seu uso. Não são poucos os exemplos dos que se dão a experimentar bebidas alcoólicas (principalmente o vinho), argumentando que se trata apenas de um ato social, sobre o qual detém controle e, quando menos percebem, estão envolvidos no vício, perdem o proclamado domínio e tornam-se dependentes do sedutor líquido embriagante. Sigamos, pois, os conselhos de Paulo, dados pelo Espírito: “Abstende-vos de toda aparência do mal” (1 Ts 5.22), “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito” (Ef 5.18).

¹ “[Do heb. *Kannesh*, vara de medir; do gr. *kánon* e do lat. *canon*, com o mesmo significado do termo hebraico] Padrão, regra de procedimento, critério, norma. (...) Coleção de livros reconhecidos pela Igreja Cristã como divinamente inspirados por Deus”. (ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. 8.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 74).

² Os apócrifos traziam muitas histórias acerca de Jesus: Ele carregando água numa capa, alongando uma madeira até um comprimento desejado, fazendo um grão de trigo transformar-se em 20 ton, fazendo animais e aves de barro e dando vida a eles, com raiva de um garoto que esbarrou nele na rua e amaldiçoando-o à morte, parentes reclamando e ficando cegos, leprosos sendo curados na água em que Ele tomava banho, transformando pessoas em animais e depois transformando-as de volta, etc. Muita imaginação e *narrativas*

cheias de fantasia, todas rechaçadas pelos Pais da Igreja. (*Comentário da Bíblia de Estudo Dake*, p. 1682).

- ³ Era comum as bodas de casamento serem comemoradas com grandes banquetes, que podiam durar até uma semana (Gn 29.22; Jz 14.10,17).
- ⁴ *Bíblia de Estudo Holman*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 1669.
- ⁵ “Pode ser considerado como certo que João, o escritor do quarto Evangelho, realmente tenha sido o quinto discípulo cujo nome não foi mencionado. Este é o seu estilo, ao longo de seu Evangelho: quando se referia a si próprio, usava perifrases, ou deixava em branco, como aqui, o lugar onde deveria constar o seu nome.” (BRUCE, A. B. *O Treinamento dos Doze*. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 16.
- ⁶ Mesmo que João não tenha sido testemunha do milagre ocorrido nas bodas de Caná, quanto deve ter compartilhado, com Maria, mãe de Jesus, experiências do tempo que conviveram com o Mestre. Lembremo-nos de que ele recebeu-a na sua casa a partir do dia da crucificação (Jo 19.25-27). Foram décadas de convivência, nas quais puderam rememorar os fatos, vendo neles o seu real significado: sinais da divindade de Jesus.
- ⁷ Trata-se do Vale de Jezreel ou Megido, outros nomes bíblicos para a planície da baixa Galileia (Js 15.56; Jz 6.33; 2Cr 35.22; Zc 12.11). Fica localizada entre os montes da Galileia e de Samaria.
- ⁸ CONDE, Emílio. *Tesouro de Conhecimentos Bíblicos*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1990, 309.
- ⁹ McNAIR, Stuart Edmund. *A Bíblia Explicada*. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1983, p. 375.
- ¹⁰ *Dicionário Vine*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 995.
- ¹¹ ARRINGTON, French L. e STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal*. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 501.
- ¹² PEARLMAN, Myer. *João. O Evangelho do Filho de Deus*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 29,30.
- ¹³ Almeida. Abraão de. *História da Igreja Cristã*. 1.ed. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2009, p. 77.
- ¹⁴ ANDRADE. Claudionor Corrêa de. *História de Jerusalém*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 111.
- ¹⁵ Sobre essa unidade, diz João 10.16: “[...] haverá um rebanho e um Pastor”.

4

Você Precisa Nascer de Novo

João 3.1-7

Depois do milagre em Caná, Jesus, a sua mãe, os seus irmãos e os seus discípulos descem a Cafarnaum, onde permanecem “não muitos dias” (Jo 2.12). Aqui, o evangelista já inclui a presença dos irmãos de Jesus, fazendo-nos acreditar que eles também participaram da festa de casamento, já que, naquela época, a moradia da família era em Cafarnaum, e não mais em Nazaré. Conforme comentário da *Bíblia de Estudo Holman*:

Jesus desceu de Caná (na região montanhosa) para Cafarnaum (situada junto ao mar da Galileia). Cafarnaum ficava a aproximadamente a 24 quilômetros a nordeste de Caná e dava para se chegar lá com um dia de caminhada. Cafarnaum serviu como quartel general de Jesus após a prisão de João Batista (Mt 4.12,13; Lc 4.28-31; cp. Mt 9.1). (p. 1669)

De fato, Mateus registra que “Jesus, porém, ouvindo que João estava preso, voltou para a Galileia. E, deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima, nos confins de Zebulom e Naftali” (Mt 4.12,13). Daí a informação do deslocamento de Jesus feito a partir de Caná. Não se sabe o tempo preciso que Jesus permaneceu em Cafarnaum. Aproximando-se a Páscoa, subiu a

Jerusalém, onde se deu o encontro com Nicodemos, após o episódio da primeira purificação do Templo (Jo 2.13-22).

João afirma que, por ocasião dessa sua primeira viagem à capital de Israel, Jesus realizou alguns sinais (2.23), que estão entre os muitos milagres que não foram registrados. Isso explica o fato de Nicodemos já ter iniciado a conversa com Jesus falando dos sinais que Ele fazia: “Rabi, bem sabemos que és mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, de Deus não for com ele” (3.2).

A presença de Jesus já havia despertado a atenção dos religiosos da época, principalmente dos fariseus, que tinham a pretensão de ter o domínio das massas com o verdadeiro patrulhamento que faziam, impondo cargas pesadas aos judeus, as quais eles mesmos não podiam carregar (Mt 23.4). Dentre esses mestres da Lei, estava Nicodemos, em quem foi despertado o interesse de conhecer de perto quem era Jesus.

Príncipe dos Judeus

Nicodemos não era um fariseu comum, mas um “príncipe dos judeus”, indicando que desfrutava de alta posição no grupo e, certamente, representava-a no Sinédrio, o tribunal religioso dos judeus, que *Wycliffe* assim descreve:

Este grupo, composto por 70 ou 71 membros, era a corte legal judaica mais elevada, e era sempre chamada de tribunal (heb. *Bet din*, lit. ‘casa

da justiça') antes da destruição do segundo templo. Uma vez que os casos civis da lei judaica eram arbitrados por um grupo de três juízes escolhidos pelos litigantes, o Sinédrio só se preocupava com o julgamento de indivíduos acusados de infringir as leis judaicas religiosas e criminais. Toda cidade importante tinha uma corte com 23 anciãos. A suprema corte, que tinha o poder de resolver todas as questões que estavam além da habilidade das cortes locais (Mt 10.17; Mc 13.9; provavelmente Mateus 5.22) e dar a correta interpretação da lei judaica, era aquela que se reunia em Jerusalém, na câmara da pedra talhada, nas proximidades da extremidade sudoeste da área do Templo.¹

Emílio Conde traz informações adicionais sobre o Sinédrio: que a sua origem, segundo a tradição rabínica, teria ocorrido no tempo de Neemias, cerca de 410 a.C., do que não há registro nas Escrituras, nem mesmo nos livros Apócrifos e nos escritos dos historiadores judeus; que tinham à sua disposição funcionários e oficiais que executavam as suas resoluções, como prisões ou castigos corporais (Mc 14.65; Jo 7.32); as suas reuniões ocorriam diariamente, exceto aos sábados e dias de festas; que os seus membros tinham como atribuições interpretar a Lei, decidir sobre a qualificação de sacerdotes para ministrar o culto divino, velar pela vida religiosa da nação, julgar acusados de idolatria e impedir as manifestações heréticas e de falsos profetas.

A perversão religiosa, moral e política de Israel levou as suas instituições à degeneração, o que também ocorreu com o Sinédrio. De qualquer sorte, diante do sistema vigente, os membros do Tribunal desfrutavam de prestígio, inclusive porque as suas decisões tinham força de lei e eram reconhecidas pelos romanos em

toda a extensão do território dos judeus, ressalvadas as limitações impostas por Roma, como no caso da imputação da pena de morte, que dependia da execução romana.²

Muito se discute sobre o fato de Nicodemos ter procurado a Jesus de noite, o que pode ter ocorrido por hesitar ser visto pelos seus pares do Sinédrio ou algum dentre os fariseus. Isso, porém, pode ter ocorrido simplesmente pelo fato de que as sessões do Tribunal ocorriam durante o dia. *Wycliffe* diz que “Esta corporação judicial estava permanentemente em sessão, mas não se reunia à noite...”.³ Independentemente do motivo, Nicodemos buscou Jesus à noite, certamente depois de ter informado onde poderia encontrá-lo na cidade.

O Farisaísmo

Os evangelhos mencionam os fariseus por diversas vezes. Mas quem eram esses religiosos que tanto buscavam questionar a Jesus e, na sua grande maioria, rejeitaram-no de forma tão hostil? A origem dos fariseus está relacionada ao surgimento de um movimento que pregava a necessidade de separação dos judeus em relação às influências das culturas de outros povos. Os que situam a sua origem no século V antes de Cristo acreditam que a gênese está ligada a um propósito de “rígida abstenção dos costumes pagãos na época de Esdras e de Neemias” (*Wycliffe*, p.

776). Segundo o *Dicionário VINE*, o termo “fariseus” origina-se de *pharisaios*, que significa “separar”. Para ele, esse partido religioso teria se originado na última metade do século II a.C. Referindo-se aos fariseus e aos saduceus, diz:

Os progenitores imediatos dos dois partidos foram, respectivamente, os hassideus e os helenizantes; estes, os antecedentes dos saduceus, visavam tirar o judaísmo de sua estreiteza e tomar parte nas vantagens da vida e cultura gregas. Os hassideus, transcrição da palavra hebraica *chasidim*, ou seja, ‘os piedosos’, eram uma sociedade de homens zelosos da religião que agiam sob a direção dos escribas, em oposição ao partido helenizante irreligioso; eles tinham escrúpulos em se opor ao sumo sacerdote legítimo mesmo quando ele estava no lado grego. Portanto, os helenizantes eram uma seita política, ao passo que os hassideus, cujo princípio fundamental era a completa separação dos elementos não judaicos, eram o partido estritamente legal, entre os judeus, e, em última instância, o partido mais popular e influente. Em seu zelo pela lei, eles quase a divinizaram, e a atitude deles tornou-se meramente externa, formal e mecânica. Eles punham ênfase, não na retidão da ação, mas em sua justeza formal. Por conseguinte, a oposição a Jesus era inevitável; o Seu modo de vida e Seus ensinamentos eram essencialmente uma condenação do deles...⁴

Logo que o grupo dos fariseus cresceu e ganhou influência e popularidade entre os judeus, o orgulho tomou conta do coração desses líderes que surgiram de um movimento aparentemente cercado de tanta nobreza, que seria manter a pureza do judaísmo, ou da cultura judaica, frente às demais culturas da época, especialmente a grega, que influenciou todo o mundo. Outrossim, em toda a história, nenhuma nação exerceu tanta influência cultural como a Grécia Antiga. Como sói acontecer, a chegada ao poder é uma grande tentação para os homens.

Não é tarefa fácil analisar todas as características tanto dos fariseus como dos saduceus e as suas respectivas distinções, inclusive pela mutação que ocorreu ao longo do tempo. Mas, considerando o recorte histórico feito por *VINE* (acima transcrito), é possível considerar que eram dois grupos situados em campos ideológicos bem distintos, ambos vivendo sob um terrível engano religioso. O primeiro grupo, os saduceus, podem ser considerados como os inclusivistas, que pregavam que o judaísmo precisaria abrir-se para a cultura do seu tempo, participar da vida pública, da política, exercer influência direta nos rumos da sociedade. Por pertencerem à alta classe judaica, certamente viam nisso a possibilidade de estabelecerem-se no topo da pirâmide do poder — daí terem estabelecido a aristocracia.⁵ Surgido dentre as demais classes da nação, especialmente a média baixa, o segundo grupo, os fariseus, pregava o oposto, além de ter um forte apego às leis e tradições do judaísmo. Ambos estavam movidos por sentimentos impuros, pelo engano dos seus corações, pelo egoísmo e interesses próprios, embora pregassem o altruísmo ou o propósito de defender a herança judaica.

Toda radicalização é enganosa, independentemente do extremo em que se situe. Os saduceus abriram-se para o secularismo e tornaram-se amantes do poder, beneficiando-se dele, como casta dominante. Era um partido sacerdotal aristocrático e tinha o controle do Sinédrio, já que poucos fariseus — apenas os mais influentes,

como Nicodemos — conseguiam ter acesso à corte. Também foram os dirigentes do Templo por muitos séculos. Já os fariseus apegavam-se aos pontos mais comezinhos da Lei e buscavam agir como censores do povo, em busca de reconhecimento e popularidade.

Como tanto saduceus quanto fariseus estavam interessados em *status* e poder, sentiram-se ameaçados com a chegada de Jesus, cujo poder e mensagem atraíam as multidões, em franca contraposição ao rigor e formalismo que aqueles mestres judeus ostentavam sem nenhuma vida. Serve de lição para nossos dias, para que não nos enganemos com os extremos que se propõem para o cristianismo. A verdadeira Igreja é equilibrada, vive no mundo, mas não se encanta com ele, porque sabe que não faz parte dele. Além disso, não prega o ascetismo ou isolamento radical, uma vez que entende que precisa conviver com todos os homens, conservando a sua condição de sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-16).

O Sistema Judaico

Além dos fariseus e saduceus, que eram considerados verdadeiros partidos religiosos, o judaísmo dos dias de Jesus contava também com os herodianos e os zelotes, inspirados por motivações políticas, e a seita dos essênios, que pregava o ascetismo. Não era um

sistema organizado naturalmente, e sim totalmente multifacetado, que comportava muitas outras seitas e grupos revolucionários.

Sobre os essênios, o historiador judeu Flávio Josefo escreve:

Os essênios [...] atribuem e entregam todas as coisas, sem exceção à providência de Deus. Creem que as almas são imortais, acham que se deve fazer todo o possível para praticar a justiça e se contentam em enviar as suas ofertas ao Templo, sem oferecer lá os sacrifícios, porque o fazem em particular, com cerimônias ainda maiores. Os seus costumes são irreprocháveis, e a sua única ocupação é cultivar a terra. [...] Possuem todos os bens em comum, sem que os ricos tenham maior parte que os pobres. O seu número é superior a quatro mil. Não têm mulheres nem criados, porque estão convencidos de que as mulheres não contribuem para o descanso da vida. Quanto aos criados, consideram uma ofensa à natureza, que fez todos os homens iguais, querer sujeitá-los.⁶

Os essênios não são mencionados na Bíblia, enquanto os herodianos aparecem em três passagens dos Evangelhos: Mc 3.6; Mc 12.13 e Mt 22.16. Em todas, estão associados aos fariseus, inclusive discutindo sobre como matar Jesus. Eram partidários de Herodes, daí a incitação que fizeram a Cristo, sobre o dever ou não de pagar tributos a César,⁷ o imperador romano, constituinte de Herodes como tetrarca da Galileia (Lc 3.1).⁸ Quanto aos zelotes, eram “devotos judeus patriotas do século I d.C.”, dos quais muitos consideram que “a violência era sempre justificada desde que no final alcançasse algo bom — a libertação de estrangeiros opressores” (Wycclife, p. 2039). Dentre os doze discípulos, havia um oriundo desse grupo: “Simão, chamado Zelote” (Lc 6.15).

Religiosidade não Salva

Quando Nicodemos vai ter com Jesus e chama-lhe de mestre, precisava ser adequadamente confrontado a fim de que o seu coração fosse exposto diante da verdadeira necessidade que possuía, que era nascer de novo. A prática religiosa de Nicodemos não tinha valor algum para a sua salvação. Além disso, é um grande perigo acreditar-se nas próprias práticas para o ganho de favores divinos, principalmente da vida eterna, desprezando o que realmente significa a graça de Deus. Na teologia, isso é chamado de Pelagianismo, doutrina que leva esse nome por ter sido difundida pelo clérigo britânico Pelágio (350-423), que “minimizava a graça divina e afirmava que a liberdade humana nada sofreu em consequência do pecado de Adão: Ou seja, negava o pecado original e a corrupção do gênero humano”,⁹ daí acreditar na possibilidade de o homem, pelo seu esforço, obedecer a Lei de Deus e conseguir obter salvação.

O pastor Esequias Soares assim detalha o pensamento pelagiano:

Segundo Pelágio, o pecado de Adão diz respeito só a ele não pode ser imputado sobre o destino de sua posteridade. Pelágio enfatizava também a ideia do total livre-arbítrio. Segundo ele, os seres humanos possuem a graça, capacidade de optar livremente por Deus. Por se tratar de criaturas feitas à imagem de Deus, as pessoas têm condições morais e espirituais de fazerem o bem e evitarem o mal, salvando-se com suas próprias forças. Pelágio dizia ainda “que não existe necessidade da graça para a salvação, pois ela pode ser alcançada por meio da nossa livre-escolha, independente de auxílio externo”. (GEISLER, vol. 2, 2020, p. 122)¹⁰

A teologia assembleiana, alinhada com o arminianismo, refuta totalmente o pelagianismo, mesmo na sua versão moderada, chamada de semipelagianismo.¹¹ Como enfatiza Esequias Soares:

A Queda do Éden arruinou a humanidade de maneira tão profunda que transmitiu a todos os seres humanos a tendência ou inclinação para o pecado.

[...]

A depravação total significa que nada há no ser humano que não tenha sido contaminado pelo pecado, da cabeça à planta do pé (Is 1.5,6); significa natureza mental e moral corrupta (Gn 6.5,12), coração enganoso e perverso (Jr 17.9), morto em ofensas e pecados (Ef 2.1), inimigo de Deus (Rm 8.7), escravo do pecado (Rm 6.17; 7.5). A Bíblia afirma categoricamente que ‘não há um justo sequer’ (Rm 3.10); que “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23). Até um bebê recém-nascido (Sl 51.5), antes mesmo de cometer o seu primeiro pecado, já é pecador (Sl 58.3). Por causa do pecado de Adão, todas as pessoas recebem uma natureza corrompida e culpada aos olhos de Deus.¹²

Para conhecimento completo do pensamento teológico pentecostal clássico acerca da Doutrina da Salvação, uma fonte fundamental riquíssima é a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, que, sobre o ponto já analisado, apresenta, em síntese:

A Queda no Éden. A “queda do homem” é uma expressão teológica para designar o momento em que o pecado entrou no mundo por meio do primeiro casal, Adão e Eva.

[...]

O pecado original. Adão não foi criado impecável, nem pecaminoso, mas, sim, perfeito: ‘*Deus fez ao homem reto, mas ele buscou muitas invenções*’ (Ec 7.29). Dotou Adão do livre-arbítrio, com o qual ele era capaz tanto de obedecer quanto de desobedecer ao Criador.

[...]

Consequências da Queda. O relato bíblico revela que o senso de culpa foi instantâneo. Adão e Eva morreram espiritualmente no mesmo instante

em que comeram o fruto proibido, pois a comunhão com Deus foi interrompida de imediato.

[...]

A corrupção total do gênero humano. A Queda no Éden arruinou toda a humanidade tão profundamente que transmitiu a todos os seres humanos a tendência ou inclinação para o pecado. Não somente isso, contaminou toda a humanidade: *“não há um junto sequer”* (Rm 3.10); *“todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”* (Rm 3.23)¹³

A Necessidade da Regeneração

Justamente por causa da morte espiritual causada pelo pecado, todos os homens passaram a depender da graça de Deus para serem salvos. Na Nova Aliança, a salvação é operada no homem com a regeneração,¹⁴ o milagre do novo nascimento de que falou Jesus a Nicodemos. O fato de aquele fariseu ser devoto não lhe assegurou direito algum de ser salvo, daí ser totalmente desnecessário e infrutífero a Jesus travar com ele qualquer diálogo sobre a sua religião. É por isso que Cristo vai direto ao ponto: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3.3).

Essa afirmação jogava por terra qualquer insinuação de Nicodemos quanto a um pretenso nivelamento espiritual entre ele e Jesus, por serem ambos mestres em Israel. Todo o sistema judaico era inútil. Apesar de Jesus nenhuma relação ter com ele, se simplesmente aceitasse o título de mestre e dialogasse com Nicodemos sobre religião, deixaria a impressão de ser mais uma oferta religiosa para o povo judeu, e não o Cristo Salvador Eterno,

que veio operar uma obra espiritual transformada e eficaz, o novo nascimento da água e do Espírito (Jo 3.5).

Estando o homem espiritualmente morto em ofensas e pecados, separado de Deus e sem possibilidade alguma de reatar a sua comunhão com Ele pelos seus próprios méritos, depende de uma obra divina especial, que é a regeneração. O termo, no grego, é *palingenesia*; de *palin*, de novo, e *genesis*, nascimento. É usado por Paulo com este sentido, na carta a Tito:

Mas, quando apareceu a benignidade e o amor de Deus, nosso Salvador, para com os homens, não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente ele derramou sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador, para que, sendo justificado pela sua graça, sejamos feitos herdeiros, segundo a esperança da vida eterna. (Tt 3.4-7)

O texto, ademais, é de clareza solar, ao refutar qualquer entendimento de merecimento ou iniciativa humana, ao dizer: “[...] não pelas obras de justiça, que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia”, ou seja, é Deus que, mediante o seu eterno amor, decidiu manifestar a sua graça em Cristo Jesus, o seu Filho, para homens espiritualmente mortos, operando neles uma obra revivificadora pelo Espírito. Isso é o novo nascimento, mencionado em muitos outros textos neotestamentários, incluindo o sentido de vivificação e da geração de uma nova criatura (1 Pe 1.3,23; Ef 2.5; 4.24; Cl 2.13; 2 Co 5.17).

Nicodemos foi bem esclarecido, portanto, da necessidade de nascer de novo, e não apenas de ser um religioso. Embora se saiba que ser religioso não se constitui um problema — pelo contrário, “todos os que são transformados e regenerados pelo Espírito Santo [também] são religiosos”¹⁵ —, a questão é quando se confia na prática religiosa como meio em si de salvação, atribuindo méritos a atos humanos. Todo o regenerado torna-se praticamente da verdadeira religião, pois passa a ter um espírito vivo, em comunhão com Deus, o que o motiva a prestar-lhe culto individualmente e em uma igreja local, ou seja, o regenerado passa a ter uma conduta religiosa, embora saiba que isso é uma consequência de ter sido salvo, e não uma razão para que o seja. A declaração bíblica mais eloquente sobre isso certamente é a feita por Paulo aos efésios: “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9).

No Grupo dos Discípulos

A aproximação de Nicodemos a Jesus já nos permite ver o seu interesse em conhecer o mestre que estava em Jerusalém realizando sinais miraculosos. Embora desconhecesse completamente a sua identidade, a conduta de Nicodemos já indica uma distinção espiritual entre ele e os demais fariseus, que eram

extremamente rudes em relação a Jesus. Depois daquele primeiro contato, em que ele ouviu do Filho de Deus verdades espirituais tão profundas, Nicodemos demonstrou um reconhecimento espiritual ainda maior por Jesus, a ponto de defendê-lo diante do sistema farisaico (7.50,51). Podemos entender que a mensagem que ouviu de Jesus produziu algum efeito no seu coração, principiando uma fé no Messias.

Houve um progresso ainda maior nesse caminho de fé. No segundo momento em que aparece, Nicodemos ainda está entre os fariseus (7.47-52). Mas, quando Jesus foi crucificado, aparece junto a José de Arimateia, que é identificado como discípulo de Jesus (19.38). Naquela ocasião, leva especiarias para a preparação do corpo do Mestre (19.39). Ele já não estava mais na companhia dos fariseus (Mt 27.62). A mensagem do Filho de Deus havia realmente tocado o seu coração.

Somente Deus sabe exatamente a natureza e o tamanho da fé de cada pessoa; por isso não é possível afirmar, com segurança se aquela conduta estava expressando que Nicodemos já havia alcançado fé perfeita em Jesus, como o Filho de Deus enviado ao mundo para salvar a humanidade dos seus pecados. Mesmo assim, é possível inferir que houve um nítido crescimento espiritual em Nicodemos, considerando os três episódios em que aparece. Quanto ao último, Myer Pearlman chega a dizer que “Nicodemos estava ficando mais firme na fé, chegando a demonstrar mais

devoção do que os próprios discípulos que fugiram, quando veio ajudar a sepultar o corpo de Cristo”.¹⁶ Lawrence O. Richards lembra que existem “tradições antigas que sugerem que [Nicodemos] posteriormente se tornou cristão”,¹⁷ o que nos leva a deduzir, por conseguinte, que ele tenha deixado definitivamente o *status* religioso e tornado-se um autêntico discípulo de Jesus.

¹ *Dicionário Bíblico Wycliffe*. 1.ed. Rio de Janeiro: 2006, p. 1830, 1831.

² CONDE, Emílio. *Tesouro de Conhecimentos Bíblicos*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1990, p. 628-630.

³ *Op. cit.*, p.1831.

⁴ *Op. cit.*, p. 643.

⁵ “1. Forma de governo em que o poder é exercido apenas por pessoas privilegiadas. 2. A classe dessas pessoas privilegiadas. 3. Os nobres. (Míni Aurélio, 7.ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008. p. 138.)

⁶ JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 827.

⁷ César era o título que se dava aos imperadores romanos. No caso específico dos dias de Jesus, o imperador era Tibério César (42 a.C. – 37 d.C.)

⁸ No caso, trata-se de Herodes Antipas, um dos filhos de Herodes, o Grande, morto no ano 4 d.C. Otávio Augusto (63 a.C.-14 d.C.), o imperador romano, repartiu o governo das terras sob a sua jurisdição entre os seus três filhos: Arquelau tornou-se governador da Judeia, Samaria e Idumeia; Antipas, o mais novo deles, recebeu o governo da Galileia, enquanto Filipe herdou a Itureia e Traconites (Lc 3.1).

⁹ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. 8.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 236.

¹⁰ GEISLER, vol. 2, 2020, p. 122, *apud* SOARES. *A Razão da nossa Fé*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 93.

¹¹ O pastor Silas Daniel adverte-nos, contudo, que, na prática, por vezes, se abona a doutrina semipelagiana na teologia popular evangélica brasileira. (DANIEL, Silas. *Arminianismo: a mecânica da salvação*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 538).

¹² *Op. cit.*, p. 90.

¹³ *Op. cit.*, p. 99,100.

- ¹⁴ Outras obras de Deus que também fazem parte da salvação são: a justificação, a adoção e a santificação. Quanto à justificação, é Deus, em Cristo, declarando-nos justos (Rm 5.1). Pela adoção, somos considerados filhos (Jo 1.12), herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo (Rm 8.17). São obras instantâneas realizadas em decorrência dos méritos de Cristo, ou seja, fruto do seu sacrifício por nós na cruz do Calvário (Is 53.1-12; Ef 1.3-14; 2.1-16). Já a santificação é progressiva. Começa com a regeneração e deve prosseguir por todo o tempo de nossa vida na terra (1 Ts 5.23; Hb 12.14).
- ¹⁵ SOARES, Esequias. *A Razão da Nossa Fé*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 95.
- ¹⁶ PEARLMAN, Myer. *João. O Evangelho do Filho de Deus*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 39.
- ¹⁷ RICHARDS, Lawrence O. *Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 205.

5

O Segundo Sinal: a Cura do Filho do Oficial

João 4.46-54

Depois da sua primeira incursão à Judeia no exercício do seu ministério, Jesus volta, passando por Samaria. Foi ali que teve o encontro com a mulher samaritana em Sicar (4.1-10). Depois de evangelizá-la, atende ao pedido dos samaritanos que vieram conhecê-lo e ouvi-lo, e detém-se junto com eles por dois dias (4.40). Muitos creram nEle como o Cristo, o Salvador do mundo (4.42), demonstrando, portanto, fé salvífica perfeita.

Ao deixar a Judeia, o destino de Jesus era a Galileia, como registrado em João 4.3: “deixou a Judeia e foi outra vez para a Galileia”. Ocorre que Samaria ficava justamente entre essas duas regiões; por isso, a narrativa joanina afirma: “E era-lhe necessário passar por Samaria” (4.4). Assim, as três regiões, do Sul ao Norte, são, pela ordem: Judeia, Samaria e Galileia.

No capítulo 5 de João, veremos que Jesus retornará outra vez a Jerusalém, para, somente depois, iniciar uma nova jornada na Galileia dos gentios. Esse é, precisamente, o período que foi amplamente coberto pelos Evangelhos sinóticos, com duração de

aproximadamente um ano. Quanto ao momento ora em estudo, em que cura o filho do oficial do rei, será seguido por outra viagem ao centro político e religioso de Israel, para uma festa judaica que João não especifica (5.1). Trataremos disso no próximo capítulo. Após essa nova viagem a Judeia é que se dará o tempo maior do ministério de Jesus entre os galileus, assunto para os capítulos 7 e 8.

Sobre a motivação do retorno de Jesus à Galileia, alguns estudiosos consideram que fora evitar um acirramento maior do ânimo dos judeus contra Ele, já que a sua fama alcançara até mesmo a alta liderança judaica, como se vê do testemunho dado por Nicodemos (3.2). Agora a notícia que se espalhara e tinha chegado aos fariseus era de que Ele “fazia e batizava mais discípulos do que João (ainda que Jesus mesmo não batizava, mas, sim, os seus discípulos)” (4.1,2). Como os fariseus tinham uma grande preocupação com a influência e poder que exerciam sobre o povo, viam em Jesus uma ameaça, e essa informação de expansão do seu ministério poderia precipitar a fúria dos religiosos de plantão.

Isso motivou Jesus a deixar a Judeia e retornar para a Galileia, a sua pátria,¹ onde o seu ministério não teria a mesma explosão de popularidade ou, pelo menos, não estaria perto da casta religiosa que pretendia perpetrar o domínio das massas. Como analisa D. A. Carson:

[...] Jesus deixou a Judéia para evitar a colisão prematura com os fariseus: isto é, ele se retira para a Galileia para não procurar mais honra para si mesmo, mas porque a honra que resultaria a ele lá, no mínimo, o protegeria de uma execução prematura (cf. 7.1-13).²

Ao falar do retorno do Mestre à Galileia, João menciona exatamente o fato de que “Jesus mesmo testemunhou que um profeta não tem honra na sua própria pátria” (4.44). Daí se entende que foi essa a intenção de Jesus ao voltar para o território galileu, embora a sua recepção tenha sido muito expressiva.

João 4.45 registra: “Chegando, pois, à Galileia, os galileus o receberam, porque viram todas as coisas que fizera em Jerusalém no dia da festa; porque também eles tinham ido à festa”.

Os judeus galileus também estavam em Jerusalém por ocasião da Páscoa e viram Jesus realizar ali muitos sinais, que não estão registrados, aliás, nem em João, nem nos sinóticos: “E, estando ele em Jerusalém pela Páscoa, durante a festa, muitos, vendo os sinais que fazia, creram no seu nome” (2.23).

Nota-se que o próprio João, que se refere a sinais realizados em Jerusalém por ocasião da primeira viagem, também não os registra, o que somente fará a partir da cura do paralítico de Betesda, narrada no capítulo 5. De fato, João apresenta apenas uma seleção de milagres, por meio dos sete sinais miraculosos que registra.

O Oficial do Rei

Não há consenso em torno da identidade desse personagem que João apresenta apenas como “um oficial do rei”. Na opinião de Matthew Henry, era “assim chamado, ou pela grandeza de suas propriedades, ou pela extensão de seu poder, ou pelos direitos pertencentes à sua casa”.³ Há praticamente um consenso de que servisse a Herodes Antipas, tetrarca da Galileia de 4 a.C. a 39 d.C., mas há afirmações distintas sobre a sua nacionalidade; se gentio ou judeu. Pode-se afirmar que não pertencia ao clericato judaico e que não era um judeu devoto.

D. A. Carson apresenta informações adicionais sobre o significado da expressão “oficial do rei”:

A palavra grega para “oficial do rei”, *basilikos*, algumas vezes traduzida como “nobre”, provavelmente refere-se a alguém oficialmente ligado ao serviço de um *basileus*, um “rei” – aqui sem dúvida se refere a Herodes Antipas [que] de forma alguma, foi um “rei”; mas ele era popularmente considerado rei (Mc 6.14). Não há evidências de que esse oficial fosse um gentio. De forma distinta do centurião gentio em Mateus 8.5-13 e Lucas 7.2-10, com o qual ele é, muitas vezes, comparado, é seu filho que está à beira da morte, não seu servo (p. ٢٢٩).

O texto informa-nos de que ele foi ao encontro de Jesus em Caná. Apesar da expressão “havia ali”, contida no versículo 46, o mais provável é que o oficial tenha-se deslocado de Cafarnaum, onde morava, especificamente por causa da gravidade da doença do seu filho. Mesmo porque, era em Cafarnaum que esse oficial morava. O versículo 47 é claro ao afirmar que: “Ouvindo este que Jesus vinha da Judeia para a Galileia, foi ter com ele”. Ou seja, pode-se

entender que houve um deslocamento concomitante tão logo o oficial soube que Jesus estaria se dirigindo para Caná, para onde também foi.

A notícia do poder que havia em Jesus para realizar milagres espalhara-se também pela Galileia e atingira a alta classe, como se vê desse exemplo de alguém ligado ao paço real. O oficial demonstrou fé em Jesus para curar o seu filho, porque foi exatamente esse o pedido direto que fez: “[...] rogou-lhe que descesse e curasse o seu filho, porque já estava à morte”⁴ (4.47). Não se trata, naturalmente, de uma fé consciente de quem era Jesus, mas apenas no poder que tinha de curar.

O pastor Hernandes Dias Lopes faz uma importante análise de três momentos que podem ser considerados como estágios da fé do oficial:

[...] sobe de Cafarnaum a Caná um oficial do rei Herodes, com seu filho enfermo, à beira da morte, para suplicar o socorro de Jesus. Aqui está não um homem que ocupa uma posição importante, mas um pai ansioso. As aparências externas e sua posição social não significavam nada; ele só conseguia pensar no filho que parecia estar morrendo.

Esse episódio nos ensina o desenvolvimento gradativo da fé, da fé verdadeira. Três estágios podem ser observados na fé desse oficial do rei.

Em primeiro lugar, *ele olha para Jesus como um operador de milagres* (4.46-48). A fama de Jesus já corria por toda a Galileia. Era do conhecimento popular que o Nazareno realizava grandes prodígios. Era sabido de todos que multidões o seguiam, buscando alívio de suas enfermidades.

Quando esse oficial do rei ouve falar que Jesus viera da Judeia, vai imediatamente a Caná com seu pedido urgente. A resposta de Jesus à súplica do oficial nos faz crer que ele via Jesus apenas como um

operador de milagres. Seu interesse era apenas na cura do filho, e nada mais.

[...]

Em segundo lugar, *ele crê na palavra de Jesus* (4.49-52). A fé desse oficial avança para um segundo estágio. Ele se dirige pessoalmente a Jesus e conta com sua misericórdia para com o filho moribundo. Ele, que vira Jesus apenas como um operador de milagres, agora é instado a voltar para casa com a promessa de que seu filho estava curado. O oficial de Herodes não questiona. Não duvida. Ele crê na palavra de Jesus e volta. Entende agora que Jesus tem poder não apenas para curar, mas para curar a distância. Ele crê no poder da palavra de Jesus. A fé não exige evidências. A fé se agarra à promessa. A fé não está fundamentada naquilo que vemos, mas está ancorada na palavra de Cristo. Fé é certeza e convicção.

[...]

Em terceiro lugar, *ele crê em Jesus com toda a sua casa* (4.53,54). Esse homem chegou ao último estágio da fé, a fé salvadora. Ele creu com toda a sua casa. E não apenas creu, mas compartilhou essa mesma fé com sua esposa, com seu filho, com seus servos. Houve salvação naquela casa. Concordo com Werner de Boor quando ele diz que a fé é uma força viva que cresce e amadurece através de muitos estágios e de experiências sempre renovadas.⁵

Embora seja valiosa a opinião de Hernandes Dias Lopes, o texto joanino não afirma que a fé desse terceiro estágio tenha sido específica e tão profunda, como a dos samaritanos, que afirmaram, com firmeza, que haviam crido que Jesus era “verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo” (4.42). Em relação ao oficial do rei, João diz apenas: “[...] creu ele, e toda a sua casa”. É bem provável que tenha sido quanto a Jesus ser o realizador do milagre. Não há um registro escriturístico que nos permita ir além disso com segurança.

Outrossim, é bem relevante dizer isso porque a fé salvífica somente é gerada quando Jesus é efetivamente apresentado como o Cristo, o Filho de Deus encarnado para salvar a humanidade. A mensagem da redenção precisa ser exposta (Rm 1.16; 10.14-17). Como adverte D. A. Carson:

Milagres não podem levar a uma fé genuína (e.g. 11.45,46). Mas o valor apologético de milagres, embora muitas vezes exagerado, não deve ser desprezado: o próprio Jesus pode encorajar a fé nessa base, especialmente naqueles muitos cétricos para poderem confiar em sua palavra (10.38; 14.11).

O oficial do rei não está interessado em cristologia, nem em profecia cumprida e, tampouco, em sinais e maravilhas: ele está interessado no bem estar de seu filho (*paidion*). Sua oração urgente por ajuda [...] conquista os poderes curadores do mestre. O homem aceita a palavra de Jesus e vai embora, demonstrando assim que ele, diferentemente de muitos galileus, não está simplesmente interessado em sinais e maravilhas (v. 48).⁶

Refletir sobre isso nos faz considerar quanto é importante ser testemunha de Jesus; falar de quem Ele é; do que fez e faz por nós. Isso tem fenecido bastante nos últimos tempos. Precisamos estreitar nossa comunhão com Ele para que estejamos movidos pelo Espírito de Cristo para uma ardente proclamação. Em oração, podemos receber ousadia para testemunhar (At 1.8; 4.31), sem esquecer-nos, jamais, que o principal e maior testemunho é nossa vida (Mt 5.14-16).

Fé: Convicção e Atitude

Mesmo que o oficial do rei não tenha tido fé salvífica, a sua atitude releva uma confiança de valor inspirativo, que é a fé no poder da palavra de Jesus. O texto joanino é claro ao dizer que ele “creu na palavra que Jesus lhe disse”, o que está totalmente fora do campo do natural. Estando ele em Caná e o filho em Cafarnaum, a 24 quilômetros, se fosse cético jamais acolheria aquela palavra e empreenderia imediata viagem de volta para casa em busca do filho.

A sua fé foi demonstrada com atitude, precisamente como nos diz as Escrituras sobre a forma como deve ser manifestado esse atributo espiritual. É nesse sentido que fala Tiago, ao dizer que, *se a fé não tiver as obras é morta em si mesma* (Tg 2.17). Não se trata de acreditar que as obras tornam-nos aceitáveis diante de Deus, como já abordamos no capítulo anterior, mas, sim, de que elas são uma consequência direta da existência da verdadeira fé. Observe que Paulo fala a mesma coisa aos efésios quando diz: “Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10). De forma que não há contradição ou antagonismo algum entre Paulo e Tiago na questão relativa entre graça, fé e obras — ou em qualquer outra.

Se o oficial do rei tivesse ouvido a palavra de Jesus e permanecido inerte, sem atitude condizente com o que ouviu, não teria crido na declaração feita por Cristo, de que o seu filho estaria vivo, ou seja,

curado e livre da morte, já que o seu quadro era gravíssimo (4.47). Ele agiu porque creu. Sempre que recebermos uma palavra de Deus, precisamos agir pela fé para que experimentemos o poder divino. A verdadeira fé produz em nós convicção e disposição para atitudes que não tenham explicações racionais ou cartesianas.⁷ Para o que a lógica explica, não é necessário ter fé. Agir pela fé é fazer como o oficial: “[...] creu na palavra que Jesus lhe disse e foi-se” (4.50).

O oficial não tinha evidência alguma de que o milagre havia ocorrido.⁸ Ele estava em Caná, e o seu filho, em Cafarnaum, distante 24 quilômetros, como já anotamos. Jesus não foi com ele à sua cidade, como lhe pedira. Ele apenas disse que o seu filho vivia, ou seja, que não morreria, como imaginava o pai (4.47). Bastou para que o oficial tomasse a atitude de empreender viagem em busca do filho e do milagre que havia pedido a Jesus. Quando chegou à sua casa, encontrou-o curado. Comprovando que a cura fora realizada no mesmo momento em que estivera com Jesus, creu nEle, juntamente com toda a sua casa (4.51-54). Esse e outros exemplos da Bíblia ensinam-nos que, sempre que pedirmos alguma coisa a Deus, o Pai, em nome do Senhor Jesus, precisamos confiar nEle e estar prontos para atitudes que desafiem nossa lógica. Isso é fé.

Os Heróis da Fé

Confirmando o conceito prático da fé, temos o registro das experiências dos heróis da fé, em Hebreus 11. Eles receberam esse título porque agiram em obediência à ordem de Deus, confiando na sua palavra. Por isso, afirmamos que fé não é um mero assentimento mental, mas, sim, uma convicção firme, gerada em nosso coração e que nos leva a atitudes condizentes com ela. Como consta no *Comentário da Bíblia de Estudo Pentecostal*, “A verdadeira fé sempre se manifesta em obediência para com Deus e atos compassivos para com os necessitados”.⁹

Não é fácil elaborar um conceito rigoroso para fé, principalmente por tratar-se de um atributo espiritual. Do grego *pistis*, a palavra aparece no Novo Testamento como “confiança” (Mc 11.22; Rm 3.22,28), mas também como “fidelidade” (Rm 3.3; Gl 5.22). Para defini-la, geralmente recorremos a Hebreus 11.1, que diz: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem”. Fé não é incerteza ou dúvida, mas uma virtude espiritual que gera prontidão de espírito e que nos leva a agir de acordo com a vontade de Deus. A fé produz entendimento do que não podemos compreender pela razão (Hb 11.3) e impulsiona-nos a agir para além dos limites de nossa própria visão (Hb 11.8).

É exatamente isso que vemos na vida dos heróis da fé. Eles são identificados pelas atitudes que tomaram: Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim; Noé preparou a Arca; Abraão saiu sem saber para onde ia e ofereceu Isaque quando foi provado;

Moisés recusou ser chamado filho da filha de Faraó (Hb 11.4,7,8,17,24). Há sempre um verbo, uma ação. Que Deus nos dê uma vida assim, de plena atuação espiritual. Pela fé e na força do Espírito Santo.

Crescendo na fé

Quem começa uma jornada de fé precisa saber que tem um longo caminho para percorrer, pelo qual somos conduzidos por Deus mediante experiências que nos façam progredir. A fé não é estática. Ela é dinâmica e progressiva. Jesus falou algumas vezes sobre fé referindo-se a tamanho: “pequena fé” (Mt 8.26; 17.20); “grande fé” (Mt 15.28). Esse sentido é reforçado, ainda, pela comparação que fez com o grão de mostarda: “[...] se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passe daqui para acolá — e há de passar; e nada vos será impossível” (Mt 17.20).

Isso foi dito por Jesus diante do insucesso dos discípulos no episódio do pai que tinha um filho lunático (alucinado, louco). No caso bíblico, era em decorrência de um espírito mudo, que açoitava o jovem (Mc 9.17,18). Lucas narra que o espírito tomava o rapaz e só o largava “depois de o ter quebrantado” (Lc 9.39). Marcos diz que o jovem era agitado com violência, retorcia-se na terra e espumava (Mc 9.20). Ou seja, o demônio impunha àquele rapaz um terrível sofrimento espiritual, psicoemocional e físico. E isso era desde a

sua infância (Mc 9.21). Os discípulos não puderam expulsar o espírito maligno, e Jesus falou-lhes da necessidade da oração e do jejum para obter a fé que nos dá autoridade para expulsar demônios (Mt 17.20,21).

De igual modo, precisamos e podemos crescer na fé que produz uma confiança cada vez maior na pessoa de Jesus quanto ao aspecto salvífico e no seu poder de providência em nosso cotidiano, como o supridor de todas as nossas necessidades (Fp 4.19). A fé, que nos é repartida por Deus (Rm 12.3), pode crescer muito (2 Ts 1.3) à medida que buscamos o Senhor em oração, meditamos na sua Palavra e exercitamo-nos no caminho da confiança nEle. Agindo por fé, essa virtude vai sendo aperfeiçoada em nós (Tg 2.22).

Um Obstáculo aos Milagres

O escritor aos Hebreus afirma que “Jesus é o mesmo ontem, e hoje e eternamente” (Hb 13.8). Contudo, a falta de fé impede-nos de receber mais da sua graça, poder e milagres. O racionalismo solapou a fé de muitos cristãos no século XIX com o surgimento do liberalismo teológico, um movimento que negava o sobrenatural, que procurava explicar racionalmente os milagres e enfatizava a historicidade de Jesus em detrimento da sua divindade. Conforme nos ensina Claudionor Corrêa de Andrade:

[o liberalismo teológico] tinha como objetivo extirpar da Bíblia todo elemento sobrenatural, submetendo as Escrituras a uma crítica científica e humanista. No liberalismo teológico, via de regra, não há lugar para os milagres, profecias e a divindade de Cristo Jesus. O principal instrumento teológico não é a revelação: é a especulação. Em suma: trata-se de uma abordagem meramente filosófica da Palavra de Deus. E, como as coisas espirituais só podem ser discernidas espiritualmente, explica-se, pois o abismo que se forma entre a revelação e a especulação.¹⁰

Isso nos faz refletir mais uma vez sobre a valiosa importância do Evangelho de João, que, comparado aos sinóticos, se inclina muito mais a tratar da divindade de Jesus por meio do seu riquíssimo prólogo, de sermões, declarações e narrativa de sinais miraculosos. Isso foi fundamental para os cristãos dos primeiros séculos e a formação das doutrinas — principalmente a cristologia — e continua sendo inesgotável fonte doutrinária e teológica.

O Jesus Histórico

Você já dever ter observado como, em todos os anos, importantes periódicos seculares trazem extensas matérias sobre o Jesus histórico. Essa ênfase, geralmente baseada em “novos” achados arqueológicos, visa produzir um distanciamento cada vez maior do Jesus divino, o Verbo que se fez carne, um mistério incompreensível para todos os que buscam conhecer a Cristo apenas por recursos naturais, históricos, científicos ou filosóficos, sem a obra reveladora do Espírito Santo.

Embora estejamos na era da pós-modernidade, quando se fala muito de uma religiosidade crescente em função do grande valor dado à experiência, ainda se vê bem presente o pensamento matriz do racionalismo que atingiu muitas igrejas históricas no século XIX, principalmente quando se trata da abordagem que muitos setores cristãos — especialmente igrejas protestantes históricas — dão à pessoa de Cristo e a sua missão, com um silêncio eloquente quando se trata da busca pelo conhecimento de Jesus como salvador, perdoador de pecados e que conduz à vida eterna. Fala-se muito em um Reino com ênfase no presente, em um Evangelho social, uma cosmovisão que concita os cristãos a engajarem-se em todos os setores da vida humana para um “resgate da cultura”.

Há um foco no coletivo, nas estruturas sociais, políticas e econômicas, nas artes, no entretenimento, enquanto a salvação do indivíduo é pouco pregada. Alguns chegam a ridicularizar a pregação do evangelho que promete a vida eterna, como se isso fosse um escapismo típico especialmente do pentecostalismo . Acontece que os pentecostais também buscam a transformação da realidade e da cultura, mas os meios e métodos são outros. Além disso, a motivação e o propósito também são distintos, como observa o pastor César Moisés de Carvalho:

[...] a transformação da realidade e da cultura na perspectiva pentecostal acontece pela forma com que esperançosos encaramos o futuro, aguardando a *parusia* e a implantação final e definitiva do Reino de Deus que, não tem data marcada para acontecer e foge ao nosso controle. Isso

não é ser irracional e apenas emotivo, mas a reafirmação da realidade como ela é, sem perder de vista o fato de que nosso destino final não é aqui e não podemos reconstruir o “paraíso na terra”.¹¹

Precisamos estar bem conscientes de que os perigosos ventos do liberalismo teológico não deixaram de soprar. Estão por aí, por meio de propostas encantadoras aos arraiais cristãos. Nesse sentido, o pastor Abraão de Almeida adverte-nos:

Em sua essência, esse movimento teológico liberal procurou (e ainda procura) libertar as consciências cristãs do que chama de amarras escolásticas, apontando, para isso, as exigências da razão. Mas o movimento, além de reivindicar amplas liberdades para o exercício da razão, pregou a necessidade da tolerância entre as denominações protestantes, minimizando as suas diferenças doutrinárias. A partir daí, pregou também a tolerância entre o próprio protestantismo e outras religiões, como, por exemplo, a igreja católica, o judaísmo, etc.

Embora os teólogos liberais realcem a pessoa de Deus como fonte de toda a verdade, e enfatizem uma certeza sincera na busca da verdade, eles afirmam a impossibilidade do ser humano alcançar um conhecimento pleno da verdade absoluta.

Em sua grande maioria, os teólogos liberais ensinam que o protestantismo precisa incorporar à sua teologia os valores básicos, as aspirações e as atitudes características da cultura moderna, salientando, dentre outros, o imperativo ético do evangelho.¹²

Não podemos não ceder a nenhum extremo: nem ao racionalismo, que gera incredulidade, nem ao emocionalismo ou ao sensorialismo, que abandonam a maturidade e a centralidade da fé nas Escrituras e guiam-se apenas por emoções ou sensações. Nossas experiências são importantes e necessárias, mas devem sempre ser submetidas ao crivo da Palavra de Deus. O verdadeiro Pentecostalismo está firmado nas Escrituras e no poder de Deus (Mt

22.29). Toda emoção religiosa é bem-vinda quando originada dessas fontes por ação do Espírito Santo (Gl 5.22).

Sejamos, pois, crentes cheios de fé, expressando, por intermédio de atitudes, a confiança e a viva esperança que temos em Deus, por Cristo Jesus, nosso Senhor.

-
- ¹ Jesus era comumente conhecido como galileu, porque viveu em Nazaré desde a sua tenra infância. Não nos esqueçamos, contudo, de que ele nasceu em Belém, na Judeia, cidade próxima a Jerusalém. Ter crescido longe do centro político e religioso tinha um propósito específico, para que Cristo somente se revelasse no tempo aprazado.
 - ² CARSON, D. A. *O Comentário de João*. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 236.
 - ³ *Op. cit.*, p. 804.
 - ⁴ A expressão “descesse” corresponde ao fato de que Cafarnaum estava localizada em posição geográfica mais baixa, às margens do mar da Galileia (aproximadamente 210 metros abaixo do nível do mar), enquanto Caná estava localizada em uma região montanhosa da baixa Galileia.
 - ⁵ LOPES, Hernandes Dias. *João. As Glórias do Filho de Deus*. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 147/149.
 - ⁶ *Op. cit.*, p. 240.
 - ⁷ Essa expressão está ligada à uma exigência racional rigorosa, inspirada no pensamento racionalista do filósofo francês René Descartes, do século XVII. Também quer dizer confiança irrestrita na capacidade cognitiva da razão (*Aurélio*).
 - ⁸ Já expusemos, em tópico precedente, comentário do pastor Hernandes Dias Lopes justamente nesse sentido: “A fé não exige evidências. A fé se agarra à promessa. A fé não está fundamentada naquilo que vemos, mas está ancorada na palavra de Cristo. Fé é certeza e convicção.”
 - ⁹ *BEP*, p. 1928.
 - ¹⁰ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. 8.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 205.
 - ¹¹ CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade*. 1.ed. Rio de Janeiro: 2017, p. 67.

- ¹² ALMEIDA, Abraão de. *Lições da História que não Podemos Esquecer*. 1.ed. São Paulo: Editora Vida, 1993, p. 241,242.

6

O Terceiro Sinal: o Paralítico de Beteda

João 5.1-9

Após a cura do filho do oficial do rei, Jesus permaneceu por algum tempo na Galileia. Nem João e nem os sinóticos escreveram sobre esse período. Ao encerrar o relato do sinal descrito no fim do capítulo 4, o apóstolo diz que: “Jesus fez este segundo milagre quando ia da Judeia para a Galileia”, ou seja, depois disso, Ele esteve entre os galileus por um tempo, baseado em Cafarnaum, onde passou a residir logo após ouvir que João Batista fora preso (Mt 4.12,13; Mc 1.14; 2.1; Jo 2.12).

Não foi nessa fase, contudo, que teve um extenso ministério na Galileia, porque logo retorna a Jerusalém. O fato de a festa mencionada por João na abertura do capítulo 5 provavelmente não ser a Páscoa, confirma que não houve o interregno de um ano entre a primeira e a segunda viagem. Quanto à fase do ministério na Galileia, que os sinóticos registram com riqueza de detalhes, João apresenta recortes desse período no capítulo 6 e no início do capítulo 7 do seu Evangelho, quando já noticia uma terceira viagem de Jesus a Jerusalém, dessa vez para a Festa dos Tabernáculos (7.2).

De Volta a Jerusalém

Mantendo o caráter de ineditismo predominante no seu Evangelho — recordemos que em torno de 90% dos registros de João não estão presentes nos sinóticos — João traz a narrativa de mais um sinal realizado por Jesus no contexto de mais uma das suas viagens a Jerusalém. Tanto a primeira viagem, após as bodas de Caná (Jo 2.1-12), quanto essa segunda viagem, após um tempo de ministério na Galileia (4.54), são feitas por ocasião de uma festa judaica. No primeiro caso, sabe-se que se trata da Páscoa (2.13). Agora, contudo, João não explicita qual seria a celebração, apenas informando ser uma festa judaica, ou seja, das festas anuais para as quais o povo judeu subia a Jerusalém (5.1).¹

Esse silêncio de João sobre a especificidade da festa abre oportunidade para muitas opiniões, o que se reflete na conclusão de qual fora o tempo decorrido entre a primeira e essa segunda viagem a Jerusalém. Mais do que isso, também implica na consideração do tempo total do ministério de Jesus. Dentre as opiniões mais recorrentes, está a de que a festa mencionada em João 5.1 é a dos Tabernáculos:

Depois disso marca a passagem de um espaço de tempo indefinido. Pode ter passado até um ano e meio desde a última festa registrada, a Páscoa, quando Jesus purificou o templo e se encontrou com Nicodemos. A **festa entre os judeus**, cujo nome não é mencionado, pode ter sido a Festa dos Tabernáculos.²

A mesma fonte (*Bíblia de Estudo Holman*) apresenta um panorama das viagens de Jesus a Jerusalém ao comentar João 2.13, que nos permite ter uma visão geral de todas as incursões que o Mestre fez à Judeia:

Essa é a primeira referência a uma festa judaica no Evangelho de João e a primeira referência à **Páscoa**. Mais adiante, João se refere a mais duas Páscoas em 6.4 (Jesus na Galileia) e 11.55; 12.1 (a última Páscoa em Jerusalém). Além dessas, Mt 12.1 pode se referir a outra Páscoa não registrada em João. Se for assim, o ministério de Jesus incluiu quatro Páscoas e se estendeu por aproximadamente três anos e meio, indo de 29 a 33 d.C. [...] Além dessas referências a Páscoas, João também menciona as atividades de Jesus numa festa judaica cujo nome não se menciona em 5.1 (possivelmente a Festa dos Tabernáculos); na Festa dos Tabernáculos (ou das Cabanas) em 7.2; e na Festa da Dedicção (ou Hanucá) em 10.22.³

Todos esses registros feitos por João e que não estão presentes nos sinóticos apresentam Jesus no centro do judaísmo, exatamente em momentos de celebração dos judeus, confrontando as suas frias tradições com o seu ministério de graça e poder. Fica claro o quanto Cristo buscou também se revelar à elite do sistema religioso judaico e a toda a Jerusalém. Em vez de recebê-lo, o que veremos, a partir desse momento, é o surgimento de uma fase de rejeição extrema, bem diferente de uma mera curiosidade, inquietação ou desconfiança vistas na sua primeira incursão à capital de Israel (2.13-25; 4.1-3).

D. A. Carson observa que agora será iniciada uma fase de “oposição franca e, às vezes, oficial”.⁴ Hernandes Dias Lopes diz,

com ênfase, que “Aqui tem início a perseguição oficial contra o Salvador”.⁵ De fato, esse é o cenário que João vai apresentar-nos a partir do capítulo 5, demonstrando o quanto os membros do sistema judaico foram hostis em relação ao Messias, preferindo apegarem-se cegamente ao legalismo judaico, especialmente o sábado.

O Tanque de Betesda

O lugar da ocorrência do terceiro sinal miraculoso, selecionado por João para demonstrar a divindade de Jesus, é o tanque de Betesda. Uma descrição bastante clara desse local é feita por French L. Arrington e Roger Stronstad:

O tanque de Betesda estava perto da esquina nordeste do templo, onde as ovelhas eram trazidas para sacrifício (“a Porta das Ovelhas”). Este tanque (hoje escavado) era cercado por colunas nos quatro lados, com uma partição no meio – portanto, eram cinco colunatas cobertas. Entre estas, sentavam-se e deitavam-se os doentes, esperando pela agitação da água.⁶

Matthew Henry considera que esse tanque fora adaptado em função da multidão que a ele acorria e que, por isso, teria passado a contar com “cinco alpendres, claustros, varandas ou calçadas cobertas, onde jaziam os doentes”.⁷ Conforme Wycliffe, tratar-se-ia de um tanque duplo:

Em 1888, ao norte da área do templo em Jerusalém, K. Schick descobriu os contornos de um grande tanque duplo, isto é, dois tanques retangulares iguais ao norte e ao sul com uma divisão em pedra com aproximadamente 6 metros de espessura sobre o qual o quinto pórtico foi construído. A área dos tanques totalizava cerca de 50 por 100 metros.⁸

Atualmente, são apresentadas aos visitantes de Jerusalém as ruínas do tanque, fruto de escavações arqueológicas. Pelo contorno da estrutura remanescente, verifica-se que, de fato, se tratava de uma obra de grande porte; por isso o registro joanino é claro ao dizer que, nos alpendres, “jazia uma grande multidão de enfermos: cegos, coxos e parálíticos, esperando o movimento das águas” (5.3).

A Carência Espiritual da Multidão

O relato de João, associado a tantas outras passagens dos Evangelhos, mostra-nos uma multidão sofrendo de profunda carência espiritual. O afastamento dos judeus do verdadeiro culto a Deus vinha de longe, e nem mesmo os cativos que sofreram — do Reino do Norte (Israel) sob a Assíria, e do Reino do Sul (Judá) sob a Babilônia — serviram para promover uma conversão genuína da nação de Israel.⁹ Mais do que isso, o judaísmo passou a ser dividido em partidos e seitas, produzindo uma pobreza espiritual ainda maior entre o povo. Esse quadro representava um terreno fértil para toda e qualquer proclamação religiosa que oferece aos judeus alguma experiência sobrenatural.

No caso de Betesda, o lugar era altamente frequentado por causa da crença no potencial milagroso das águas quando agitadas por um anjo, que descia “em certo tempo” (5.4). Essa narrativa de João

é objeto de muita discussão entre os estudiosos do Novo Testamento, que debatem sobre o seu real significado, com alguns considerando que o anúncio milagroso das águas era fruto de uma mera crença popular.¹⁰ D. A. Carson, por exemplo, inclina-se para essa interpretação, por considerar que o texto original do Evangelho fora produzido com essa indicação:

Provavelmente, as linhas dos versículos 3b, 4 foram introduzidas inicialmente como glosas marginais (nem todas as orações foram introduzidas ao mesmo tempo), refletindo uma crença popular sobre a causa da agitação da água. Embora os tanques gêmeos fossem alimentados por grandes reservatórios chamados tanques de Salomão, eles podem também ter sido alimentados por fontes intermitentes que causavam a agitação. Alguns testemunhos antigos falam da coloração avermelhada da água, que, popularmente, era considerada medicinal: a fonte pode ter sido ferruginosa.

[...]

O inválido, aparentemente, sustentava a crença popular de que a primeira pessoa que entrasse no tanque após as águas terem sido agitadas, e somente a primeira pessoa, seria miraculosamente curada. Não há outra atestação dessa crença em fontes aproximadamente contemporâneas de Jesus, mas superstições análogas, tanto antigas quanto modernas, são fáceis de se encontrar.¹¹

F. F. Bruce traz opinião semelhante, analisando a forma como a expressão aparece em diferentes versões bíblicas:

A ARC e a IBB incluem uma expansão primitiva do texto, no fim do versículo 3 e no versículo 4 (a ARA a identifica com colchetes, englobando todo o trecho no versículo 4), que apareceu pela primeira vez nas revisões Ocidental e de Cesareia. Não podemos creditar (ou debitar) ao evangelista esta informação sobre o *anjo*, mas provavelmente ela reproduz a crença popular sobre a causa das propriedades terapêuticas atribuídas à água. Pode ser concluído, a partir do versículo 7, que a água realmente se movimentava de vez em quando, e que havia vantagem em entrar no tanque nestas ocasiões.¹²

Embora não ignoremos e nem desprezemos essa discussão acadêmica, fato é que em nada interfere no assunto central do texto, que é a narrativa da cura do parálítico de Betesda. Se a grande concentração da multidão dava-se por uma mera crença popular ou não, fato é que ali estava o parálítico à espera de um milagre e que ele foi inteiramente curado pelo Filho de Deus. Além disso, não nos esqueçamos de que, deixadas as discussões exegéticas à parte, a narrativa como posta nada traz de incoerência com a revelação geral das Escrituras, porque são diversas as ações de Deus por intermédio de anjos ao longo do Antigo Testamento (Gn 19.1-23; Nm 22.31-35; Js 5.13-15; 2 Sm 24.16; 1 Rs 19.5; 2 Cr 32.21).

Como diz Matthew Henry:

Anjos são servos de Deus, e amigos da humanidade. E talvez sejam mais efetivos na eliminação de doenças (como os anjos maus em infringi-las) do que temos ciência.

[...]

A agitação da água era o sinal dado da descida do anjo, como a marcha pelas copas das amoreiras fora para Davi, e então eles deviam se apressar. As águas do santuário são então curativas quando postas em movimento.¹³

Não podemos limitar a obra de Deus a nossos próprios padrões. Deus jamais age em desacordo com a sua Palavra, mas as Escrituras não padronizam, encerram ou limitam a agência divina, que é livre em todo o tempo (Jo 5.20; 14.11-13). Ademais, não está dentro da compreensão humana as multiformes maneiras de Deus agir (Jó 37.15). A Isaías ordenou que tomasse uma pasta de figos

para ser posta sobre a chaga que havia no corpo do rei Ezequias, e este sarou (2 Rs 20.7; Is 38.21); a Naamã a ordem foi para que mergulhasse sete vezes no rio Jordão, e também houve cura (2 Rs 5.10-14). Como disse Salomão: “Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da que está grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas” (Ec 11.5).

Betesda quer dizer “casa de misericórdia”, e os milagres ali realizados podem ser perfeitamente compreendidos como uma manifestação da misericórdia de Deus com a multidão de enfermos daquele tempo. Agora, contudo, estava ali o Filho de Deus, que não tinha limitação de qualquer natureza para realizar milagres. Esse, aliás, é um dos aspectos do sinal realizado, mostrando a sua superioridade em relação a toda e qualquer tradição religiosa.

Uma Longa Espera

Não podemos afirmar que o paralítico estava há 38 anos esperando pelo milagre à beira do tanque. Esse era o tempo da sua enfermidade (5.5). De qualquer sorte, o registro joanino faz-nos entender que não era pouco o tempo da sua espera, pois diz que Jesus viu-o deitado e que sabia “que estava neste estado havia muito tempo” (5.6). Bem pode ser que esse “muito tempo” refira-se não apenas à enfermidade, mas também ao tempo de espera pelo

milagre junto ao tanque. Isso é reforçado pela fala do próprio parálítico, quando disse a Jesus que não tinha alguém para colocá-lo no tanque e indicou que isso era recorrente: “[...] enquanto eu vou, desce outro antes de mim” (5.7).

Embora não saibamos ao certo quanto tempo levou a sua espera, certo é que Jesus sabia (5.6), porque ali estava alguém já conhecido dEle. Jesus realizou o seu ministério sendo completamente homem e completamente Deus. Na encarnação, Ele esvaziou-se da sua glória (Fp 2.7), e não dos seus atributos divinos, dentre os quais está a onisciência.¹⁴ É por isso que o seu conhecimento do estado daquele homem era pleno e a sua abordagem tinha um propósito específico. Como Deus, Jesus contemplou a realidade íntima do parálítico e, por meio dele, buscou, mais uma vez, manifestar o seu poder aos judeus. Foi justamente isso que, mais tarde, foi bem compreendido por João, o apóstolo, que registrou o fato não como mais um milagre apenas, mas também como um sinal da divindade de Jesus.

Com Deus não há acasos. Ele conhece-nos por inteiro. Sabe tudo sobre nós. Conhece nossos pensamentos, sentimentos, dúvidas, frustrações. Apesar de nossos defeitos e debilidades, Ele interessa-se por nós e por nossas necessidades, que sempre quer suprir. Ele, contudo, quer ouvir de nós o que realmente queremos. No caso em estudo, isso ficou evidenciado pela pergunta feita ao parálítico:

“Queres ficar são?” (5.6). Myer Pearlman vê nessa pergunta alguns propósitos específicos de Cristo:

A pergunta parece estranha porque, após trinta e oito anos de sofrimento e espera, nada mais natural do que pensar que era a única coisa que o homem desejava. A pergunta, no entanto, tinha várias razões para ser feita:

Para despertar a esperança. O coitado esperara tanto tempo e sofrera tantas decepções, que a esperança mirrara dentro dele, assim como era mirrado o seu corpo. Era necessário, portanto, que Jesus despertasse nele novas esperanças, ajudando-o a ter a fé necessária para receber a cura.

Para despertar a fé. Cristo não era como certos milagreiros que operam suas maravilhas mediante um preço, sem levar em conta a atitude ou condição moral da pessoa. Quando possível, Jesus exigia que a pessoa a ser curada tivesse fé. O propósito principal de Jesus em curar o corpo era transformar a alma, porque mesmo quando vivia na terra era o Salvador e, como tal, requeria a fé como elo espiritual que vinculasse o paciente à sua Pessoa.

[...]

Para testar a sinceridade do desejo. Quando Jesus perguntou ao paralítico se queria ser curado, a pergunta era sincera e real porque existem enfermos que não desejam ser curados. Os médicos se oferecem para curar gratuitamente as feridas do mendigo, como ato de caridade, e são rejeitadas as suas ofertas; mesmo o enfermo que não usa sua enfermidade como fonte de renda, mediante a mendicância, tende a tirar vantagem da simpatia e indulgência dos amigos, a ponto de o caráter ficar tão fraco, que ele começa esquivar-se do trabalho.¹⁵

A visão de Jesus é perfeita em todos os sentidos; por isso sabemos que a sua pergunta tinha uma finalidade própria. O entendimento de Myer Pearlman está voltado justamente para o caráter do ministério de Cristo, que sempre buscou despertar a responsabilidade do homem, tratando as suas motivações mais íntimas. Depreendemos do texto que aquele paralítico não tinha

amigos, nem mesmo alguém da família que pudesse ajudá-lo a descer às águas. Não podemos agir com pressa e tratá-lo como uma “vítima do sistema”, como costumam fazer os que se enveredam pelo caminho do Evangelho Social, humanista e antropocêntrico. Conquanto devamos ser misericordiosos (Mt 5.7), não podemos confundir isso com uma visão teológica liberal, que retira do homem as suas próprias responsabilidades.

Eis a advertência feita pelo teólogo assembleiano Abraão de Almeida:

Os teólogos liberacionistas, que recorrem aos sociólogos e não à Bíblia para descobrir as raízes da opressão, afirmam que esta resulta de injustas estruturas sociais, como as que vigoram hoje em toda a América Latina, e por isso a pobreza é, em si mesma, um pecado.

Assumindo tal postura, a teologia da libertação rejeita as explicações empirista e funcionalista como causas da pobreza, ou seja, pobreza como vício e como atraso, e acata a explicação dialética: pobreza como opressão. Partindo, assim, da análise do contexto socioeconômico dos pobres, os liberacionistas estimulam esses pobres, como vítimas dos sistemas opressores, a se organizarem e mudarem a sua condição social.¹⁶

Não sem considerar causas alheias às ações pessoais, como calamidades naturais (além dos próprios sistemas sociais injustos), Abraão de Almeida apresenta as verdadeiras raízes da pobreza, ligadas a causas espirituais:

A Bíblia apresenta, como causas da pobreza, a preguiça (Provérbios 6.6-11), a exagerada busca do lazer e do prazer (Provérbios 21.21), a inveja (Salmo 85.68), a poligamia, o adultério, a prostituição, a avareza (Provérbios 28.22), os vícios e as extravagâncias (Provérbios 20.13; 23.21), a escravidão e a apostasia religiosa, sendo esta última uma das

principais razões da pobreza, da injustiça e da miséria social na história humana.¹⁷

No caso do paralítico de Betesda, talvez a sua própria conduta tenha-o levado àquele estado de abandono, sem alguém para ajudá-lo a descer ao tanque. Depois de curado, Jesus adverte-o: “Eis que já estás são; não peques mais, para que te não suceda alguma coisa pior” (5.14). Não podemos jamais ignorar as terríveis consequências de nossos pecados, o que nos faz sempre dependentes da misericórdia de Deus, pela qual Ele afasta de nós o mal que merecemos; e, pela sua graça, dá-nos o bem que não merecemos (Ef 2.8,9).

A Questão do Sábado

Um assunto recorrente em todos os Evangelhos são as questões da Lei mosaica suscitadas pelos judeus, das quais se destaca a guarda do sábado. A incoerência daqueles religiosos era tão grande que, para eles, embora aquele homem estivesse enfermo há 38 anos, teria que permanecer no mesmo estado em função de a cura ter ocorrido em um sábado. É impressionante o mal que uma religiosidade fria e cega pode produzir. Os judeus interceptaram o ex-paralítico e disseram-lhe: “É sábado, não te é lícito levar a cama” (5.10). A ira dos judeus não era apenas pelo ato de levar a cama no dia de sábado, mas também pela cura: “E, por essa causa, os

judeus perseguiram Jesus e procuravam matá-lo, porque fazia essas coisas no sábado” (5.16).

Em nossos dias, também existem muitos que insistem em viver na prática de antigas tradições judaicas, como a guarda do dia de sábado, a despeito da clareza bíblica sobre a inexistência da aplicação desse e de tantos outros preceitos cerimoniais no Novo Testamento (Rm 14.1-6; Gl 4.9-11; 2 Co 3.5-11). Não devemos entrar em discussão sobre isso. Como nos ensina Paulo: “Cada um esteja inteiramente seguro em seu próprio ânimo” (Rm 14.5).

Precisamos viver na liberdade para a qual nos libertou Cristo (Gl 5.1), sem deixar-nos aprisionar pelos rudimentos de tradições religiosas infrutíferas, sem fundamento nas Escrituras. Aos gálatas, Paulo trata disso em vários pontos, defendendo sempre a integralidade, suficiência e eficácia do Evangelho (Gl 1.6; 2.3-16; 3.15-28; 4.1-11). O que não podemos é confundir isso com qualquer espécie de libertinagem, porque ser livre por Jesus é precisamente deixar de viver sob o jugo do pecado. Desfrutar a graça de Deus em Cristo é viver na plenitude do Espírito, em comunhão e santidade (Hb 12.14; 1 Pe 1.15,16).

¹ “Todos os homens judeus eram solicitados a ir até Jerusalém para participar de três festas: (1) a Festa da Páscoa e dos Pães Asmos, (2) a Festa das Semanas (também chamada de Pentecostes), e (3) a Festa dos Tabernáculos.” (Comentário do Novo Testamento. Aplicação Pessoal. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, p. 514).

² *Bíblia de Estudo Holman*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 1676.

- ³ Ibid., p. 1669,70.
- ⁴ CARSON, D. A. *O Comentário de João*. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 241.
- ⁵ LOPES, Hernandes Dias. *João. As Glórias do Filho de Deus*. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 153.
- ⁶ ARRINGTON, French L. e STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal*. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 518.
- ⁷ HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Novo Testamento. Mateus a João*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 807.
- ⁸ *Dicionário Bíblico Wycliffe*. 1.ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2006, p. 290.
- ⁹ Esse cenário de impenitência pode ser visto especialmente nos Profetas Menores pós-exílicos: Ageu, Zacarias e Malaquias.
- ¹⁰ As discussões giram em torno da existência ou não da narrativa completa nos originais, com alguns estudiosos afirmando tratar-se de adição: “O versículo 4 não está incluído nos melhores manuscritos. Onde ele ocorre nos manuscritos posteriores, é frequentemente marcado de tal forma a mostrar que é uma adição. A passagem foi provavelmente inserida posteriormente pelos escribas que acharam necessário fornecer uma explicação para o ajuntamento de pessoas deficientes e da agitação da água mencionada no versículo 7”. (Comentário do Novo Testamento. Aplicação Pessoal, p. 514-515).
- ¹¹ *Op. cit.*, p. 243/244.
- ¹² BRUCE, F. F. *João. Introdução e Comentário*. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 114.
- ¹³ *Op. cit.*, p. 807.
- ¹⁴ O esvaziamento de Cristo é fruto de muitas discussões teológicas. O pastor Claudionor de Andrade explica: “Esta doutrina, conhecida também como kenosis, tem como objetivo explicar o estado de humilhação de Cristo quando da sua encarnação e morte. Ao fazer-se homem, renunciou Ele, temporariamente, a glória da divindade (Fp 2.1-6). [...] Quando se trata da kenosis de Cristo, há que se tomar muito cuidado. É contra o espírito do Novo Testamento afirmar ter o Senhor Jesus se esvaziado de sua divindade. Ao encarnar-se, esvaziara-se Ele apenas de sua glória. Em todo o seu ministério terreno, agiu como verdadeiro homem e verdadeiro Deus”. (ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *As Verdades Centrais da Fé Cristã*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 66).
- ¹⁵ PEARLMAN, Myer. *João. O Evangelho do Filho de Deus*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 60,61.
- ¹⁶ ALMEIDA, Abraão de. *O Deus dos Pobres*. 2.ed. Flórida, EUA: Editora Vida, 1991, p. 65.

¹⁷ *Op. cit.*, p. 66.

O Quarto Sinal: a Multiplicação dos Pães e Peixes

João 6.3-12

Uma nova fase foi inaugurada no ministério de Jesus. Agora Ele parte para a Galileia, numa longa incursão, que terá a duração de cerca de um ano. É justamente o verbo “partir”, utilizado por João, que expressa bem essa guinada missionária: “Depois disso, partiu Jesus para o outro lado do mar da Galileia, que é o de Tiberíades” (6.1). Essa “fase galilaica do ministério de Jesus”, para usar a expressão de D. A. Carson,¹ reflete a decisão do Mestre de ausentar-se da Judeia, pelo crescimento da oposição em Jerusalém, como vimos no capítulo anterior.

O ódio dos judeus havia crescido tanto que o plano já era matá-lo: “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (5.18). Foi assim, portanto, que Jesus suspendeu as suas incursões à Judeia e voltou para a Galileia, precisamente para a fase do seu ministério que está bem presente nas narrativas dos sinóticos. Uma vez mais, portanto, observemos a singular importância do Evangelho de João, que

apresenta os cenários introdutórios do ministério de Jesus, tanto na Galileia (desde o milagre nas bodas de Caná, Jo 2.1-12) como na Judeia, nas duas primeiras viagens feitas a Jerusalém (2.13; 5.1), registros que não se encontram nos sinóticos.

Jesus já havia deixado a Judeia uma vez por causa das hostilidades dos judeus. No capítulo 4, o fato determinante foi a notícia de que Ele batizava mais discípulos do que João, o Batista, embora não fosse Ele, mas os seus discípulos, que efetuavam os batismos (4.1,2). De qualquer sorte, como os fariseus tomaram conhecimento desse crescimento exponencial do seu ministério, e porque já vinham se aproximando dEle com as suas espúrias intenções (2.23-25), decidiu deixar a Judeia e “foi outra vez para a Galileia” (4.3). O quadro era muito mais dramático: procuravam matá-lo (5.16).

Agora Jesus seguirá para a Galileia e ficará por ali por um longo tempo, pregando às multidões e realizando muitos sinais e maravilhas. Mateus, Marcos e Lucas registram grande parte desses acontecimentos, o que também não passou de largo, pelo menos em parte, da narrativa feita por João. É por isso que os dois próximos sinais (o quarto e o quinto) têm o compartilhamento narrativo de outros evangelistas, diferentemente dos outros cinco sinais, que foram registrados somente por João. A primeira multiplicação de pães e peixes aparece nos quatro Evangelhos.² É desse sinal que passaremos a tratar.

O Contexto do Milagre

O fato dessa fase do ministério de Jesus ter sido registrada pelos quatro evangelistas permite-nos ter uma visão panorâmica dos acontecimentos nos quais o milagre da multiplicação dos pães e peixes está inserido. Como o propósito de João não estava voltado para a historiografia, mas para a revelação da identidade messiânica de Jesus — o que fez por meio do registro selecionado de sete sinais, sermões e declarações cristológicas —, a narrativa que faz do milagre não é antecidida de qualquer informação sobre a incursão do Mestre na Galileia. Basta dizer que já começa a tratar de um fato ocorrido do outro lado do mar de Tiberíades,³ deixando de falar sobre o tempo que passou na parte mais populosa da região, ou seja, nas margens ocupadas por cidades como Cafarnaum e as suas adjacentes.

Em Mateus, esse milagre está registrado no capítulo 14.13-21 e é antecedido imediatamente pelo relato do recebimento da notícia da morte de João Batista, decapitado na prisão por ordem de Herodes Antipas, tetrarca da Galileia (Mt 14.1-12). Diz Mateus: “E Jesus, ouvindo isso, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, apartado; e, sabendo-o o povo, seguiu-o a pé desde as cidades” (Mt 14.13). Antes disso, Jesus havia ensinado longamente a multidão por intermédio de parábolas (Mt 13). De Marcos podemos destacar os seus ensinamentos e sinais em Cafarnaum e as pregações que fazia

“por toda a Galileia”, além das expulsões de demônios (Mc 1.21-39). Já de Lucas selecionamos, como fatos antecedentes à primeira multiplicação dos pães e peixes, a cura da mulher que tinha um fluxo de sangue e a ressurreição da filha de Jairo (Lc 8.40-56).

Há certa probabilidade de que fora a notícia da morte de João Batista, aliada à intensidade das ações que vinha desenvolvendo, a motivação para Jesus buscar um lugar deserto para um tempo de refrigério. Não sabemos quanto à execução do seu precursor afetou-o, sabendo o quanto se dedicou para apresentá-lo às multidões, cumprindo fielmente a missão que ele recebera desde o ventre da sua mãe, Isabel (Lc 1.13-17). Na verdade, a narrativa dos evangelistas permite-nos considerar que a sequência imediata dos fatos pode ter sido a notícia da conclusão de Herodes, para quem Jesus seria João Batista, ressuscitado dos mortos (Mt 14.1,2). Se assim for, a sua decisão de seguir para um lugar deserto ocorreu depois de ter ouvido as notícias vindas de Herodes ao seu respeito, sem uma correlação imediata com a execução de João Batista e o seu sepultamento. Sendo um ou outro o motivo da sua retirada, o fato é que a multidão seguiu-o ávida pelos sinais que Ele operava sobre os enfermos (6.2).

Diante do quadro espiritual tão trágico que Israel vivia com os seus líderes, que estavam inteiramente afastados da direção de Deus e dos seus propósitos, Jesus via as multidões como ovelhas sem pastor, andando desgarradas (Mt 9.36). Naquela ocasião, portanto,

ao ver a multidão, passou a ensinar sobre o Reino de Deus (Lc 9.11) e, “possuído de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos” (Mt 14.15). Nisso, o fim da tarde chegou, e Jesus não quis despedir a multidão sem que fosse alimentada (Mt 14.15,16; Mc 6.35-37). Estava pronto o cenário para mais um sinal miraculoso.

A Galileia dos Gentios

Ainda antes de estudar o milagre propriamente dito, falemos um pouco sobre o contexto geográfico em que estava Jesus, a famosa Galileia dos gentios, situada ao Norte de Israel, a oeste do rio Jordão, em torno e acima do grande lago que leva o mesmo nome. Em Isaías 9.1, é chamada de “Galileia dos gentios” a terra de Zebulom e a de Naftali, as tribos que herdaram a região nos dias de Josué (Js 19.10-16,32-39). Foi devastada por meio da invasão da Assíria em 733 a.C. e teve a sua ocupação alterada (2 Rs 15.29; 17.24-27). Isso levou a região a ter uma grande miscigenação, como se extrai do comentário dos trechos bíblicos pré-citados, constantes da *Bíblia de Estudo Holman*:

2 Rs 15.29 e 17.24-27 esclarecem que, após a deportação dos judeus de Israel, o reino do Norte, estrangeiros afluíram para a Galileia. Por exemplo, informações do geógrafo Estrabão e de Josefo, historiador judeu do primeiro século, dão conta de que egípcios, árabes, fenícios e gregos viviam na Galileia.⁴

Embora essa predominância gentílica tenha recebido sensível mudança depois que Herodes anexou a Galileia ao seu reino, isso

não eliminou a miscigenação. Para lá afluíram muitos judeus, e a região tornou-se mais populosa. Segundo Flávio Josefo, tinha cerca de 240 cidades e vilas. As principais eram Cafarnaum, Nazaré e Tiberíades, a capital.⁵ Nos dias de Jesus, a região integrava a tetrarquia de Herodes Antipas (4 a.C.—30 d.C) e continuava sendo uma região considerada predominantemente gentia e pagã; por isso que era chamada de Galileia dos gentios ou Galileia das nações (Mt 4.13-15). Como observa Wycliffe, “os apóstolos de Jesus eram da Galileia (exceto Judas Iscariotes), e a maior parte do seu ministério foi desenvolvida no norte e na extremidade oeste do mar da Galileia, usando Cafarnaum como ponto central”.⁶

Conforme Tim Dowley,

A Galileia era uma região muito mais próspera do que a Judeia e abrigava uma grande população. Os galileus eram menosprezados pelos líderes religiosos de Jerusalém. Muitos não eram de descendência judaica, pois seus antepassados foram violentamente convertidos por Alexandre Janeu [um rei da Judeia]. Os galileus estavam mais estreitamente em contato com a realidade diária do Império Romano, visto que a Galileia se situava nas grandes rotas comerciais que cruzavam o Oriente Próximo, e muitos estrangeiros atravessavam a região.⁷

Pela sua já mencionada heterogeneidade e o contato com diferentes povos, a Galileia tinha uma cultura bastante influenciada por gregos e romanos. Por isso, o termo *galileu* ganhou um conceito pejorativo entre os judeus da Judeia. Esse era um dos motivos que apresentavam para a rejeição de Jesus, que consideravam ser

galileu (Jo 1.46; 7.41,52), embora tenha nascido em Belém da Judeia, como sabemos (Lc 2.4-7). Até nesse aspecto vemos a sabedoria divina em ação, confundindo aqueles que, pela dureza do coração, rejeitavam o Salvador.

A hostilidade de Jerusalém exigia que Jesus ficasse um longo tempo na Galileia, pregando, ensinando e realizando sinais e maravilhas pelas muitas cidades da região. Mais do que isso, a sua atuação em terras tão miscigenadas é mais um sinal da amplitude do plano divino de salvação, que não exclui Israel, mas também não rejeita a qualquer nação. Além da Galileia, Jesus foi às regiões de Tiro e Sidom (Mt 15.21-28; Mc 7.24-30), a Decápolis (Mc 7.31) e a Cesareia de Filipe (Mc 8.27). A segunda fase do seu ministério, portanto, é uma eloquente demonstração do quanto se dedicou a uma população heterogênea, revelando o caráter universal da sua missão.

Seguindo os Sinais

A motivação dos galileus para seguir a Jesus eram os sinais que Ele operava (6.2). Isso mostra a fé superficial que tinham, distantes do conhecimento da sua verdadeira identidade. Era um operador de milagres que procuravam ver. Como vimos pela análise conjunta do relato a partir dos demais evangelhos, Jesus colheu a oportunidade para falar do seu Reino e, somente depois, já com o cair da tarde, é

que operou o milagre da multiplicação, embora antes já tivesse operado outros milagres. Falando sobre a multidão, Mateus usa a expressão “curou os seus enfermos”, levando-nos a crer que muitos foram curados naquele dia (Mt 14.14). A mesma narrativa foi feita por Lucas, quando disse que Jesus “sarava os que necessitavam de cura” (Lc 9.11). Tudo isso era fruto da sua “Íntima compaixão” (Mt 14.14).

A permanência da multidão levou Jesus a preocupar-se com a necessidade de alimentá-la, inquirindo a Filipe sobre onde poderiam ser comprados pães suficientes para todos (6.5). O próprio evangelista João, certamente pelo entendimento espiritual que posteriormente havia obtido, acrescenta que Jesus “dizia isso para [...] experimentar [a Filipe]; porque ele bem sabia o que havia de fazer” (6.6). Diante da necessidade que temos de contemplar a glória de Deus, por vezes o Senhor Jesus cria situações para despertar em nós nossa plena insuficiência e dependência dEle. Assim, Ele pode demonstrar a sua graça e poder e aperfeiçoar nossa fé. Foi assim naquela ocasião. Mais um sinal miraculoso estava para acontecer, revelando a sua divindade.

A insuficiência humana foi exposta na afirmativa de Filipe, de que nem mesmo duzentos dinheiros seriam suficientes para adquirir alimento para tanta gente (6.7). Cada dinheiro ou denário representava um dia de trabalho. Assim, o valor a que se refere Filipe correspondia a cerca de dez meses de trabalho.⁸ Além de não

terem essa quantia vultosa, todos os evangelhos informam que o lugar era deserto. João informa que partiu de André, irmão de Simão Pedro, a informação de que estava ali um rapaz que tinha cinco pães de cevada e dois peixinhos, já com o reconhecimento do óbvio: que isso não era nada para uma tão grande multidão (6.9).

“Mandai Assentar os Homens”

Um detalhe importante nesse episódio é o cuidado de Jesus com a organização da multidão, revelando o absoluto controle que tinha da situação: Ele mandou-os assentar. E não se trata de um incidente de pouco valor, tanto que os quatro evangelistas também o registram. Marcos e Lucas especificam que houve uma ordem de repartição em grupos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta, no que foi obedecido (Mc 6.39,40; Lc 9.14,15). Isso nos fala da necessidade de obediência integral a Cristo em todos os momentos, ainda que isso contrarie nossa lógica. Por que e para que aqueles homens ficariam assentados em um lugar deserto se estavam famintos e diante deles havia somente cinco pães e dois peixinhos?

Imaginemos a cena: quase cinco mil homens assentados sobre a relva (“erva verde”, cf. Mc 6.39) em um lugar deserto, sem nenhuma explicação plausível! Alguns estudiosos, como D. A. Carson, consideram que o número de pessoas pode ter passado dos vinte mil, porque também havia mulheres e crianças, que comumente não

eram contados (Mt 14.21).⁹ Diante de todos, Jesus toma os pães e ora, dando graças. O mesmo Carson imagina que: “Se Jesus usava a forma judaica comum de ação de graças, ele disse algo semelhante a isto: ‘Bendito sejas tu, ó Senhor nosso Deus, rei do universo, que produz o pão da terra’”.¹⁰

Toda essa organização e a forma explícita como apresentou o alimento disponível, seguidas de oração, tornariam inequívoca a multiplicação. Os discípulos começaram a distribuir os pedaços de pães e peixes dentre os tantos grupos que foram formados e estavam assentados. Ao fim de tudo, o relato joanino traz a mesma informação de saciedade contida nos demais evangelhos, usando a expressão “quanto eles queriam” (6.11), indicando que todos comeram à vontade. Não foi, portanto, apenas uma distribuição única, mas com direito à repetição, pois isso Mateus, Marcos e Lucas referem-se ao fato de que ficaram saciados ou fartos (Mt 14.20; Mc 6.42; Lc 9.17). Isso reforça ainda mais a grandeza do sinal miraculoso realizado por Jesus.

Uma Compreensão Imperfeita

Ficamos a imaginar o que cada um pensava à medida que comia, repetia e o alimento não acabava, tanto que, ao fim, foram levantados doze cestos de pedaços dos cinco pães (6.13). Como seria possível tantos comerem e, dos cinco pães, que não enchiam

um cesto, resultar em doze cestos de pedaços? Além do milagre da multiplicação inicial e da sua continuidade ao longo da refeição, também ficou patente ao fim dela. A sobra em si já era uma grande prova do ato miraculoso.

O evento foi tão extraordinário que o evangelista João registra que: “Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo” (6.14). Impressionados, decidiram constituir a Jesus como rei. Todavia, antes mesmo que manifestassem isso, o Filho de Deus, que a tudo sabe, retirou-se para um monte (6.15). O seu Reino não é deste mundo (18.36); não é da terra, mas do Céu, ou seja, de dimensão escatológica e eterna.

Apesar de nutrirem uma expectativa messiânica, os judeus estavam muito aquém do entendimento da verdadeira natureza e propósito do Messias. Por isso, o máximo que alcançaram naquela ocasião foi o entendimento de que Jesus seria “o profeta que havia de vir”. Assim, não o reconheceram como o Cristo, o Filho de Deus encarnado. F. F. Bruce entende que o termo “profeta” pode ter sido suscitado numa comparação com Moisés, pela descida do maná durante a peregrinação pelo deserto:

As pessoas que comeram o pão e os peixes concluíram que tinham evidências óbvias de que o profeta como Moisés (predito em Dt 18.15-19) estava entre eles. Assim como seus antepassados foram alimentados milagrosamente no deserto, no tempo do primeiro Moisés, agora esse que os tinha alimentado milagrosamente em outro deserto devia ser o

segundo Moisés, o grande profeta do tempo do fim, cuja chegada tantas pessoas em Israel estavam esperando.¹¹

A questão, contudo, é que a referência a um “profeta”, ou seja, um líder espiritual, em nada combinava com a pretensão de arrebatá-lo e fazê-lo rei, em atitude de nítida insurreição contra Herodes Antipas, o governador da Galileia. Isso também reforça outra vez o entendimento de que não havia entre eles a compreensão acerca do seu messiado, como pondera o mesmo Bruce:

A tentativa de fazê-lo *rei* não significa necessariamente que eles o reconheceram como o Messias da linhagem de Davi. Em outras passagens desse evangelho, parece que o Messias e o profeta eram pessoas distintas na expectativa popular (1.19-25; 7.40-42); na comunidade de Qmrã eles eram duas pessoas diferentes, com certeza.¹²

Essa pretensão de fazê-lo rei decorria do fervor nacionalista que estava em alta durante o ministério de Jesus. O desejo do povo era ter um rei.¹³ O Filho de Deus, contudo, tinha uma missão eterna. Por isso, Ele foge de mais uma tentação terrena e retira-se sozinho para o monte, com o propósito de orar, como costuma fazer (Mt 14.23).¹⁴ Essa atitude de Jesus mostra-nos mais uma vez a firmeza do seu propósito redentor, mesmo diante das hostilidades dos judeus e das incompreensões dos galileus.

Como acentua D. A. Carson,

O próprio Jesus sabia que a forma em que seu reinado triunfaria não seria por meio de derrota do inimigo em guerra de cerco, mas por morrer e ressuscitar dos mortos; “ele iria para Jerusalém não para empunhar a lança e executar julgamento, mas para ser atingido pela lança e sofrer julgamento. Talvez ele reconhecesse na atenção entusiástica, mas não

bem-vinda, da multidão a mesma tentação que tinha enfrentado no deserto (Mt 4.8-10; Lc 4.5-8)".¹⁵

A glória de Cristo consiste justamente nisto: Ele “em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hb 4.15b). Foi “obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2.8). Por isso, “dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente” (Rm 11.36).

¹ CARSON, D. A. *O Comentário de João*. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 268.

² Esse é o único milagre de Jesus registrado em todos os quatro evangelhos.

³ O mar da Galileia também é chamado às vezes de mar de Tiberíades ou lago de Genesaré (Jo 6.1; 21.1; Lc 5.1).

⁴ *Bíblia de Estudo Holman*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 1490.

⁵ Conforme registra Flávio Josefo, “Herodes, o tetrarca, conquistara as boas graças do imperador Tibério. Construiu uma cidade à qual, por causa dele, deu o nome de Tiberíades. Escolheu para esse fim um dos territórios mais férteis de toda a Galileia, que está à beira do lago de Genesaré e muito próximo das águas quentes de Emaús. Povoou essa nova cidade em parte com estrangeiros e em parte com galileus, alguns dos quais foram obrigados a se estabelecer ali, mas alguns nobres para ela se dirigiram de boa vontade”. JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 829.

⁶ *Dicionário Bíblico Wycliffe*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 837.

⁷ DOWLEY, Tim. *Pequeno Atlas Bíblico*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 73.

⁸ Conforme o *Comentário Bíblico Beacon*: “**Dinheiros** significa literalmente ‘denários’, que eram as moedas de prata romanas, com valor aproximado de dezoito a vinte centavos de dólar americano, ‘um salário médio de um dia de trabalho de um operário’”. *Comentário Bíblico Beacon*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 69.

⁹ *Op. cit.*, p. 271.

¹⁰ *Idem*, p. 271.

¹¹ BRUCE, F. F. *João. Introdução e Comentário*. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 132/133.

¹² *Op. cit.*, p. 133.

- ¹³ *Comentário do Novo Testamento. Aplicação Pessoal*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 521.
- ¹⁴ No próximo capítulo, enfatizaremos essa atitude de Jesus de recolher-se para buscar o Pai em oração, como fazia costumeiramente.
- ¹⁵ *Op. cit.*, p. 274.

8

O Quinto Sinal: Jesus Anda sobre o Mar

João 6.16-21

O quinto sinal realizado por Jesus aconteceu no mar da Galileia, depois que o Mestre passou longas horas de oração falando com o Pai (Jo 6.15; Mt 14.23; Mc 6.46). Ao mesmo tempo que os discípulos navegavam e se debatiam contra as ondas, Jesus estava em oração. Foi a atitude que tomou logo após a multiplicação dos pães e peixes e o conhecimento de que a multidão queria fazê-lo rei. Por vezes, precisamos fugir de certas circunstâncias perigosas nos refugiando na presença de Deus, em oração.

A oração fazia parte continuamente da vida de Jesus. Os evangelistas narram, em diversas ocasiões, que Ele passava noites inteiras orando (Mt 14.23; Mc 1.35; Lc 5.16; 6.12; 9.28; 21.37; 22.39). As narrativas revelam costume e continuidade nessa prática, como é o caso do registro de Lucas 5.16, que diz que “ele retirava-se para os desertos e ali orava”. Quando estava em Jerusalém, Jesus tinha por costume orar no monte das Oliveiras (Lc 22.39). Marcos registra Jesus “levantando-se de manhã muito cedo, estando ainda escuro”, saindo para um lugar deserto para orar (Mc 1.35).

Os discípulos estavam acostumados a ver o Mestre se ausentando para seus momentos de oração, o que aconteceu também naquela tarde. Ademais, Jesus deixou um grande exemplo sobre o valor da oração; o quanto precisamos desenvolver essa prática, como uma necessidade diária que temos de falar com o Pai. Foi isso que Ele fez enquanto estava aqui na terra, vivendo como um de nós.

A oração congregacional é muito importante e necessária, mas é essencial que desenvolvamos também uma vida de oração a sós com Deus. Jesus nos ensina que devemos entrar em nosso aposento, fechar a porta e orar ao Pai celestial, que vê o que está oculto e nos recompensará (Mt 6.6). Em um tempo de tanta correria e agitação, é imperativo que não nos deixemos enganar: quanto mais tirarmos tempo para buscar a presença de Deus, mais vigor e graça teremos, além de sabedoria para viver neste mundo tão hostil.

Oração É um Diálogo com o Pai

Conquanto muitas vezes a oração seja um grande combate espiritual (Rm 15.30; Cl 4.12) e importe em agonia e dor (1 Sm 1.10; Lc 22.44), falar com Deus é essencial e muito prazeroso. Pela reconciliação que tivemos com o Pai por intermédio do Filho, podemos nos dirigir à sua presença. O Espírito Santo nos conduz nesse diálogo. Por Ele temos o espírito de adoção de filhos, que nos leva a ter intimidade com o Pai (Rm 8.15). Paulo diz aos gálatas: “E,

porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai” (Gl 4.6). Assim como Jesus tinha esse profundo relacionamento com o Pai, por meio dEle, também podemos desfrutar dessa gloriosa bênção espiritual, usufruindo diariamente dessa maravilhosa e bendita comunhão!

Orar ao Pai fazia toda a diferença na vida de Jesus que, como homem, dependia da ação do Espírito Santo, impelindo-o para toda sua missão terrena (Lc 4.14). Em Nazaré, leu a Escritura que diz: “O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4.18,19).

Oração e Renúncia

Outro aspecto relevante a ser observado, e que está no texto em estudo, é o fato de Jesus ter renunciado todas as agradáveis opções que tinha para ficar em oração. Primeiro, se permanecesse junto à multidão após o milagre da multiplicação, poderia desfrutar de um clima de admiração e das glórias dela decorrentes. Não seriam poucos os comentários elogiosos dirigidos a Ele, diante de tão extraordinária ocorrência. Segundo, o texto nos informa que havia a intenção de aclamá-lo rei, o que seria mais do que apenas

ser exaltado pelo povo. Importaria na possibilidade de ter ascensão política. Uma terceira opção seria descer ao barco, com o deslumbramento dos discípulos em seu favor, e descansar serenamente, enquanto ouvia agradáveis sussurros sobre o recente feito miraculoso. Jesus preferiu orar.

Aprendemos com isso que orar sempre decorre de um ato de renúncia. Estar a sós com Deus pode importar em deixar de lado o conforto de nossa casa; principalmente da cama; afastar-se por um tempo de animadas conversas; renunciar a entretenimentos; abster de períodos de sono; etc. Assim como Jesus, muitas vezes precisamos deixar ambientes atrativos e nos recolher para orar. Não nos enganemos: nosso coração é enganoso e perverso (Jr 17.9). Precisamos vigiar e orar para não entrar em tentação (Mt 26.41):

A maneira de superar as tentações é permanecer alerta e orar. Isso significa estar consciente das possibilidades da tentação, sensível às sutilezas, e moralmente decidido a lutar com coragem. Como as tentações atacam onde somos mais vulneráveis, nós não conseguimos resistir sozinhos. A oração é essencial porque a força de Deus pode sustentar as nossas defesas e derrotar Satanás.¹

Não é incomum, em situações de queda e fracasso espiritual, a expressão de profunda surpresa com a prática de terríveis pecados, que sequer cogitávamos que fôssemos capazes de praticar. Isso é mais uma prova do quanto nosso coração é enganoso, porque consegue esconder de nós suas próprias inclinações, fazendo com que acreditemos ter o controle de nossos terríveis impulsos.

Ninguém é tentado em função da concupiscência do outro, mas da própria. Como escreveu Tiago, “cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência” (Tg 1.14).² É de nosso próprio coração que “procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias” (Mt 15.19).

A única maneira de não cedermos às inclinações de nossa natureza pecaminosa é andando em Espírito (Gl 5.16-18). E isso faremos se seguirmos o exemplo de Jesus, vivendo em constante oração (Rm 12.12; Ef 6.18; Cl 4.2; 1 Ts 5.17).

No Mar da Galileia

Enquanto Jesus ora, os discípulos navegam nas águas revoltas do mar da Galileia, um dos maiores cenários do ministério de Jesus; lugar de muitas experiências dEle com as multidões e, especialmente, com seus discípulos. Uma dessas ocorrências se deu precisamente no dia da primeira multiplicação dos pães e peixes, feita do outro lado do lago em relação a Tiberíades, ou seja, na margem oriental (leste superior), provavelmente próximo de Betsaida (Lc 9.10), que alguns estudiosos consideram se tratar de Betsaida-Júlias.³ A travessia desse mar era uma prática obrigatória constante, pelo fato de que muitas cidades estavam estabelecidas em seu entorno.

Naquele dia, Jesus havia ordenado aos discípulos que entrassem no barco e navegassem rumo a Cafarnaum. É exatamente o verbo “ordenar” que aparece em Mateus 14.22. O texto de Marcos 6.45 emprega uma expressão ainda mais contundente: “[Jesus] obrigou os seus discípulos a subir para o barco”, o que nos indica que pode ter ocorrido alguma resistência, ainda que velada, a irem sem Ele.

A. T. Robertson comenta:

As multidões ficaram empolgadas com a comida grátis, e o entusiasmo as inclinava a proclamar Jesus rei em uma revolta contra Roma. Ele já dissera aos discípulos que passassem adiante [...] indo de barco. Ele pode ter querido que eles ficassem longe dessa atmosfera exausta. [...] Nesse momento, ninguém realmente o entendia, nem as multidões nem os discípulos.⁴

F. F. Bruce observa-se que, no original, o termo grego contido em Marcos 6.45 é *anankazo*, ou seja, “compelir”, ação que teria sido necessária por Jesus perceber que os discípulos estavam contagiados com o entusiasmo da multidão,⁵ o que confere com expressões que eles já manifestaram em outras ocasiões, inclusive voltadas para um possível governo terreno de Jesus, do qual disputavam antecipadamente lugares de destaque (Mt 20.20,21; Mc 9.34; 10.35-37; Lc 9.46; At 1.6).

Mesmo que tenham esboçado alguma hesitação, os discípulos obedecem a Jesus, descem ao barco e começam a travessia no lago. Não apenas escureceu, mas a noite foi se prolongando e, com ela, a bravura das ondas, fenômeno que F. F. Bruce explica

acontecer no mar da Galileia em função de “correntes frias que vem do oeste [e que] são sugadas para baixo em redemoinhos, ou canalizadas pelos vales estreitos que convergem no lago”. Por isso, “se levantam estas grandes tempestades repentinas pelas quais a região é conhecida”.⁶

Uma Crise na Madrugada

Como as circunstâncias podem mudar tão rapidamente em nossas vidas! Na tarde do dia anterior, os discípulos haviam participado de um evento simplesmente extraordinário. A multiplicação de tão poucos pães e peixes para alimentar uma tão grande multidão certamente produziu emoções fantásticas nos discípulos. Estavam em êxtase, certamente. Entretanto, poucas horas depois, viam-se perplexos, enfrentando ondas tão perigosas.

No primeiro cenário, estavam com Jesus. Agora, embora atendendo a ordem dEle, estavam sozinhos e totalmente incapacitados de resolver crise tão aguda. Uma madrugada terrível, no meio do mar. Certamente, quem já experimentou, de algum modo, navegar em meio a ondas fortes pode imaginar o que os discípulos estavam vivendo, acrescentando o fato de que, na época, as embarcações eram muito mais frágeis e sem qualquer sistema de comunicação. O quadro era desolador.

Isso nos faz refletir o quanto precisamos crescer na fé, alcançando uma maturidade espiritual que não nos torne suscetíveis aos extremos da vida: em um momento, muita empolgação; em outro, profunda frustração. Como diz a psicóloga cristã Elaine Cruz:

A maturidade nos faz enxergar as discrepâncias de uma imaginação destoante da vida cotidiana, porém muitos insistem em permanecer num universo virtual, projetando e nada realizando, não aceitando a necessidade de amadurecer para os papéis sociais da vida adulta, que são carregados de responsabilidades.⁷

Infelizmente, muitos vivem sem equilíbrio emocional e espiritual. Podemos desfrutar, sim, momentos de grande alegria, mas sem permitir que isso nos tire do foco. Precisamos prosseguir, fazendo o que é preciso ser feito. Da mesma sorte, precisamos persistir em meio às crises, às tristezas, às frustrações e às angústias. Também nessas horas precisamos permanecer firmes em nossos propósitos, sob pena de nos arrependermos depois, com perdas de difícil reparação; algumas, irreparáveis.⁸

Era isso que Jesus estava ensinando aos discípulos. A empolgação não poderia fazer com que permanecessem parados no lugar do milagre da multiplicação. O objetivo daquele momento havia se cumprido. Era hora de voltar para Cafarnaum, para outros desafios do ministério. Eles precisavam compreender e separar cada fase da vida. Por isso, certamente, foi que houve a necessidade de obrigá-los a entrar no barco e navegar.

Navegar É Preciso (Viver, também!)

Enquanto estivermos nesta vida, precisamos continuar firmes, fazendo o que é preciso ser feito a cada dia. As grandes alegrias de um dia não podem nos paralisar. Precisamos enfrentar os momentos seguintes, ainda que sejam difíceis e muito desafiadores. Os discípulos aprenderiam isso ainda naquela noite, enquanto navegavam no mar da Galileia.

Por que não puderam ficar na margem oriental do lago, talvez na cidade mais próxima, a própria Betsaida-Julias? Antes, tiveram de enfrentar uma tempestade tão hostil. Jesus não poderia ter feito que evitassem tão terrível desgaste? O que fazia Ele, agora, enquanto corriam tão grande risco de morte? Por que o Mestre, que havia multiplicado pães e peixes, não previu que a crise esperava por eles no meio do mar?

Nesse ponto passamos a compreender por que Jesus apareceu andando sobre as águas! Se Ele deixasse para aparecer somente do outro lado do lago, quando já tivessem atracado, os discípulos poderiam ficar sem respostas para todas as inúmeras perguntas que faziam a si mesmos. Agora, bastou aquela cena de Jesus, soberano e seguro, caminhando sobre as águas, para saberem que Ele tinha o controle absoluto de todas as coisas.

Em nossa vida não é diferente. Jesus nos faz navegar e enfrentar águas revoltas para mostrar nossas fragilidades e suscitar o que

realmente existe dentro de nós. Nossas dúvidas e temores são expostos, os quais nem nós mesmos sabíamos que residiam em nossos corações. Mais do que isso, em alguns casos, surgem sentimentos e pensamentos de revolta, inclusive. Onde está Deus em nossos momentos de crise?

Bendito seja Deus que nunca nos abandona; e quando nos permite passar por grandes ondas ou atravessar vales e desertos, sempre se apresenta em nosso socorro, poderoso para nos resgatar, Ele faz com que a estabilidade e a paz voltem a imperar. É necessário que isso aconteça para que o conheçamos melhor. Para que saibamos bem quem Ele é. Seu caráter e poder são manifestos a nós justamente quando tudo parecer estar acabado.

Não importa o que você está vivendo! Se você está fazendo a vontade de Deus, fique firme. Continue navegando. Ele sabe de tudo e no momento certo fará com que a tempestade desapareça. Mesmo que as horas estejam longas; que a madrugada já esteja alta... Espere com fé. Deus nunca decepciona. Momentos difíceis fazem parte da vida de vitória que Ele quer nos proporcionar.

Um Fantasma?

O mar da Galileia possui 20 quilômetros de comprimento. Sua largura chega a 12 quilômetros. Tem uma profundidade média de 50 metros.⁹ No trecho que navegavam, acredita-se que a distância era

de 8 quilômetros.¹⁰ Durante aquela tarde e noite, os discípulos já haviam navegado entre 4,5 e 5,4km, o que equivale aos vinte e cinco ou trinta estádios mencionados por João (6.19).¹¹ Em função dos ventos contrários, o tempo da navegação era muito maior do que o normal, em circunstâncias de calmaria. Por isso, e considerando a informação de que Jesus foi ao encontro dos discípulos depois das 3h da manhã (Mt 14.25), podemos considerar que os discípulos já estavam no mar havia aproximadamente 12 horas. Um longo tempo, portanto.

Os evangelistas narram o quadro vivido pelos discípulos usando expressões fortes. João conta que “um grande vento assoprava” (6.18). Conforme Mateus, o barco estava “açoitado pelas ondas” (Mt 14.24). Foi naquelas pavorosas circunstâncias que Jesus apareceu “andando sobre o mar” (6.19). O Mestre se revelou como o Deus Todo-poderoso, que mesmo diante de qualquer tempestade jamais perde o controle da situação, a ponto de andar sobre as águas.

Vejamos quão extraordinária foi a obra da encarnação. Momentos antes, o Jesus verdadeiro homem estava orando, em absoluta dependência do Pai. Agora, o Jesus verdadeiro Deus aparece andando sobre o mar. O quadro é justamente este: do ponto de vista físico e humano, havia uma tragédia iminente; a instabilidade era reinante. Do ponto de vista divino, contudo, havia plena segurança e estabilidade. Jesus apareceu, soberano, andando sobre as águas. Esse era seu propósito naquele momento: revelar sua divindade.

O apóstolo João, cujo Evangelho tem exatamente esse propósito — revelar sinais da deidade de Jesus —, não deu ênfase para o momento anterior (as longas horas de oração ao Pai), fazendo questão de registrar, porém, mais essa fase da revelação do Filho de Deus, por meio desse sinal miraculoso, o quinto registrado em seu Evangelho. A importância dessa manifestação divina se mostra ainda mais evidente quando observamos que os discípulos vinham enfrentando dificuldades em conhecer a verdadeira identidade de Jesus.

Marcos faz uma correlação entre esse sinal — Jesus andando sobre as águas — com a multiplicação dos pães e dos peixes ao dizer que, quando Jesus subiu para o barco e o vento se aquietou, os discípulos ficaram assombrados e maravilhados, “pois não tinham compreendido o milagre dos pães; antes, o seu coração estava endurecido” (Mc 6.52). Ou seja, Jesus sabia que eles precisavam passar por experiências ainda maiores para reconhecer sua divindade, ainda que isso viesse a acontecer somente depois, quando rememorassem os fatos, como fez João ao escrever seu Evangelho.

Diante de Jesus andando sobre as águas, a reação dos discípulos foi, de certa forma, inusitada, porque “pensaram que era um fantasma e deram grandes gritos” (Mc 6.49). Às vezes, precisamos ser sacudidos em momentos de pavor para, em seguida, podermos ver e reconhecer o poder de Deus nos sujeitando inteiramente a Ele,

em humildade e fé simples, sem exigências. Os discípulos, que não haviam compreendido bem o sinal anterior — a multiplicação dos pães e dos peixes —, muito menos cogitavam que Jesus fosse tão poderoso a ponto de andar sobre as águas. Como poderia não ser afetado pela impetuosidade das ondas ou qualquer força da natureza? Eles ainda não tinham uma compreensão exata de sua divindade e poder.

Por que será que pensaram que seria um fantasma? De onde teria vindo essa crença? São perguntas para as quais não temos resposta, senão entender o quão distantes estavam os discípulos da correta compreensão espiritual acerca das verdades divinas. Na verdade, desde séculos o judaísmo estava dividido em inúmeras seitas e envolto em muitas crendices, como acontece até em nossos dias. Havia e há muito sincretismo e misticismo em boa parte das crenças judaicas.

A apostasia dos judeus tinha tornado aquele povo totalmente suscetível a todo tipo de engano. O povo do Livro agora não conhecia as Escrituras e nem o poder de Deus (Mt 22.29). Que Deus nos guarde de todo tipo de crendice. Nossa compreensão das realidades espirituais deve ter sempre uma fonte única e segura: a Palavra de Deus.

“Sou eu; não Temais”

A trágica experiência dos discípulos termina com Jesus no barco e um fim seguro da viagem: “Sou eu; não temais” (6.20). Depois do espanto dos discípulos e do ousado pedido de Pedro para ir ter com Jesus andando sobre as águas (Mt 14.28), os discípulos o recebem no barco e seguem para terra firme. Já não havia mais qualquer tempestade.

Precisamos refletir um pouco sobre a atitude de Pedro. Em princípio, parece expressar ousadia, mas também pode ser uma demonstração de incredulidade na palavra de Jesus. Mateus registra que logo Pedro desceu do barco e começou andar sobre as águas, “sentindo o vento forte, teve medo; e, começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me” (Mt 14.30).

Existem coisas que são para Jesus fazer e não para nós. Embora saibamos que Jesus poderia sim fazer com que Pedro andasse sobre as águas e não afundasse, naquela circunstância isso poderia estar refletindo a incredulidade do discípulo, quanto à palavra e identidade de Jesus. É nesse ponto que cabe uma reflexão mais contida.

Há uma diferença entre buscar prova da existência de Deus e de seu poder com o propósito de adorá-lo, e fazer o mesmo como expressão de resistente incredulidade e orgulho. Não podemos, de forma terminativa, atribuir esse tipo de sentimento a Pedro, mas a reação de Jesus nos permite inferir que houve, da parte dEle, uma censura diante da exigência do discípulo. Depois de estender a mão

para Pedro e segurá-lo, o Mestre disse: “Homem de pequena fé, por que duvidaste?” (Mt 14.31). Essa expressão pode ter sido decorrente da atitude de Pedro em pedir uma prova da identidade de Jesus e não do medo quando andava sobre as águas.

Essa é uma hipótese que pode ser levantada e que encontra eco em dúvidas que alguns estudiosos suscitam sobre ter sido correta ou não a atitude de Pedro. French L. Arrington e Roger Stronstad questionam:

Era adequado o pedido de Pedro andar sobre o mar? Uns dizem que sim, uma vez que os discípulos tinham recebido o poder para fazer milagres (Mt 10.1). Outros sugerem que era presunção da parte dele. Outros ainda defendem que Pedro estava testando Jesus para ver se o “fantasma” era realmente Jesus, dizendo com efeito: “Se tu fores mesmo Jesus, então me manda andar até onde tu estás”. Dessa forma, Pedro estaria arriscando a vida para provar a hipótese.¹²

Sem fazer qualquer juízo de mérito conclusivo sobre a atitude de Pedro e sua motivação, o que sabemos, pelas Escrituras, é que precisamos nos aproximar de Deus com fé, crendo que Ele existe e que é galardoador dos que o buscam (Hb 11.6). Quando falta fé, é preciso aproximar-se dEle com a mais profunda humildade, pedindo-lhe que nos acrescente esse tão fundamental atributo espiritual (Lc 17.5), até mesmo reconhecendo nossa incredulidade, como fez, com lágrimas, o aflito pai do jovem lunático (Mc 9.24).

O que não funciona é aproximar-se de Deus com espírito altivo, como já fizeram tantos incrédulos ou ateus famosos, como Friedrich Nietzsche (1844-1900). Filósofo alemão que alguns já festejaram

como membro fundador da escola da Morte de Deus na teologia, nasceu em um lar cristão. Era filho e neto de uma família de pastores luteranos.¹³ Na juventude perdeu a fé, aderiu a uma vida libertina e passou a criticar fortemente a moral cristã europeia. Tornou-se um pensador cujo objetivo era atacar a Deus. Em sua obra *The Joyful Wisdom*, citada por Colin Brown, diz:

O mais importante dos eventos mais recentes — que “Deus morreu”, que a crença no Deus cristão se tornou indigna de crédito — já começa a lançar suas primeiras sombras sobre a Europa. Na realidade, nós, os filósofos e “espíritos livres” sentimo-nos irradiados como por uma nova aurora pelo relatório de que o “velho Deus está morto”; nossos corações transbordam de gratidão, e assombro, de pressentimento e de expectativa. Finalmente, parece que o horizonte está aberto de novo [...]¹⁴

Nietzsche morreu louco, com apenas 55 anos de idade. Sem humildade diante de Deus não há solução para o processo de incredulidade. Aqueles que trilharam pelo caminho do orgulho entraram em um verdadeiro estado de loucura por rejeitarem o conhecimento de Deus e tentarem confrontá-lo. São casos extremos, mas que começam com processos de dúvidas que não são resolvidas com humildade, rendição e busca de um relacionamento com o Senhor baseado na fé. “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes” (1 Pe 5.5).

Sejamos, portanto, humildes e dependentes de Deus, confiando sempre em seu poder, para que vençamos as crises sem perder a fé

e a esperança. Assim como os discípulos, atravessaremos o mar das instabilidades e chegaremos do outro lado, em terra firme.

-
- ¹ Comentário Bíblico do Novo Testamento. Aplicação Pessoal. Vol. 1. Rio de Janeiro, CPAD, 2021, p. 156.
 - ² Justo Gonzales dá a seguinte definição para concupiscência: “Um desejo desordenado no qual os fins ou propósitos temporais ocupam o lugar dos eternos, e no qual as faculdades interiores — em particular os sentidos e seus apetites — não estão sob o devido controle da razão. Mesmo que comumente se refiram às questões sexuais, a concupiscência na realidade tem maior alcance, pois se refere a todo apetite desordenado. [...] Na teologia protestante, o pecado não é uma ação, mas uma condição e, portanto, a presença da própria concupiscência é sinal de nossa condição pecaminosa e corrupta”. (GONZALES, Justo. *Breve Dicionário de Teologia*. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 69,70.)
 - ³ Essa não seria, portanto, a mesma Betsaida mencionada diversas vezes nos evangelhos; considerada como uma das três cidades impenitentes (Mt 11.21; Mc 6.45,53; Lc 10.13,14; Jo 1.44; 12.21). Wycliffe concorda com a existência dessas duas Betsaidas, e sobre a Betsaida-Júlias escreve: “Betsaida-Julias, na margem leste superior do Jordão, cerca de um quilômetro e meio ao norte do Lago da Galileia, recebeu este nome de Herodes Filipe, tetrarca de Ituréia e Traconites (Lc 3.1), em homenagem à filha de César Augusto — Betsaida de Júlia (Jos *Ant.* xviii.2.1). Ela provavelmente pode ser identificada como sendo a moderna et-Tell. Perto daqui, em ‘um lugar deserto’, isto é, uma região escassamente povoada, nosso Senhor, fazendo um grandioso milagre, alimentou mais de 5.000 pessoas em uma extensa planície (Lc 9.10ss)”. (*Dicionário Bíblico Wycliffe*. 1.ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2006, p. 293.)
 - ⁴ ROBERTSON, A. T. *Comentário Marcos e Mateus à Luz do Novo Testamento Grego*. 1.ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2011. p. 423.
 - ⁵ BRUCE, F. F. *João. Introdução e Comentário*. 1.ed. São Paulo, Vida Nova, 1987, p. 134.
 - ⁶ *Ibid.*, p. 134.
 - ⁷ CRUZ, Elaine. *Equilíbrio Emocional*. 1.ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2019, p. 286.
 - ⁸ Como diz Elaine Cruz: “Há pessoas que quando ‘caem em si’, já falaram o que não deviam, já cometeram o pecado contumaz, já gastaram o dinheiro que não tinham ou já executaram um comportamento reflexo e automático que vai gerar dissabores futuros”. A mesma autora nos lembra de que “o domínio próprio [um aspecto do fruto do Espírito — Gl 5.33], também traduzido como

temperança, é a capacidade de tomar decisões ou reagir sob pressão emocional, temperando e equilibrando as emoções”. (*Op. cit.*, p. 256,257).

- 9 Existem variações sobre o tamanho do lago. Claudionor de Andrade, por exemplo, menciona 24 quilômetros de comprimento por 14 de largura. (ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Geografia Bíblica*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1987, p. 139).
- 10 Essa é a opinião de F. F. Bruce (*Op. cit.*, p. 134).
- 11 Estádio era uma unidade de medida de comprimento usada nos tempos do Novo Testamento. Corresponde a 180 metros. Há referências, também, a 180 e 200 metros.
- 12 ARRINGTON, French L. e STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal. Novo Testamento. Vol. 1*. 4.ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2009, p. 95.
- 13 BROWN, Colin. *Filosofia e Fé Cristã*. 1.ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983, p. 94.
- 14 *Op. cit.*, p. 94.

9

O Sexto Sinal: a Cura de um Cego de Nascença

João 9.1-7

Chegamos ao nono capítulo do Evangelho de João, para estudo do sexto sinal, a cura de um cego de nascença. O texto nos leva a refletir sobre o significado da revelação divina na Pessoa do Filho por meio de sinais miraculosos. A revelação da deidade de Cristo deve ser entendida não apenas como um propósito de demonstração de sua natureza divina, mas também dos atributos divinos e de como eles são manifestados em nosso favor. Jesus não apenas revelou quem Ele era, mas o que representava para a humanidade, i. e., que experiência o homem poderia ter com o divino, sendo Ele, Cristo, a exata e plena expressão do Deus Único e Verdadeiro. Não se tratava, portanto, da revelação de uma divindade distante, que apenas requer adoração, mas de um Deus que se entregou a si mesmo, em oferta viva, que pode ser experimentada por todo aquele que nEle crê.

No milagre da multiplicação Jesus se revelou como o Pão da Vida, compartilhado com o ser humano para alimentá-lo. Quando a multidão que viu o sinal e dele se beneficiou encontrou a Jesus no

outro dia, Ele lhes transmitiu uma clara mensagem sobre a importância desse pão espiritual, que nutre a alma. Disse Jesus: “Eu sou o pão da vida. [...] Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer desse pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo” (6.48,51). Da mesma forma, quando realiza o sexto sinal, que foi a cura de um cego de nascença (9.1-7), Jesus também está comunicando parte de sua essência, revelando-se como a Luz do mundo (8.12; 9.5).

Há, aqui, uma eloquente mensagem para todos nós, no sentido de que não podemos ter uma visão limitada de Deus, contemplando somente sua natureza. Precisamos experimentar os atributos que por Ele nos são comunicados e compartilhar daquilo que, de sua essência, nos é oferecido, vivendo-os em nossa experiência espiritual diária. Como Luz, Ele ilumina nosso coração (espírito e alma), libertando-nos de toda cegueira espiritual. Paulo escreveu aos Efésios:

[...] que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, nos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação, tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos e qual a sobre-excelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder (Ef 1.17-19).

O salmista rogou a Deus que abrisse seus olhos para ver as maravilhas da lei divina (Sl 119.18). Os discípulos tiveram essa experiência em alguns momentos, como no caso dos dois que

seguiram para Emaús. Lucas registra: “E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o e lho deu. *Abriram-se-lhes, então, os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes*” (Lc 24.30,31) (Grifo nosso).

Isaías já havia predito que Jesus viria como luz: “O povo que andava em trevas viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra de morte resplandeceu a luz” (Is 9.2). O mesmo profeta o chama de “a luz dos gentios” (Is 42.6; 49.6). Mateus referiu-se a essa profecia quando mencionou o ministério de Jesus na Galileia das nações (Mt 4.15,16). João o apresentou como a “luz dos homens”, que “resplandece nas trevas” (1.4,5). Precisamos, portanto, conhecer a Jesus e saber quais dos seus atributos ou essência nos são comunicados, ou seja, o que podemos desfrutar diretamente dEle em nosso viver cotidiano.

Quando conhecemos a Jesus como Filho de Deus e temos consciência do que Ele representa para nós, desfrutamos de sua natureza espiritual. Alimentamo-nos dEle e recebemos o que Ele nos dá de sua própria essência, como é a verdadeira luz, que nos assegura visão espiritual. Essa visão torna-se mais profunda à medida que o buscamos em oração, na Palavra e em uma comunhão diária, expressando o anseio de nossa alma (Sl 42.1; 66.9; Ct 1.7; Mt 22.37). O que vemos no Evangelho de João, portanto, é que ele não apenas registra o sinal, mas também o sermão ou a declaração de Jesus relacionada ao milagre. Como já

afirmamos, no caso da cura do cego de nascença, Jesus se revela expressamente como a Luz do mundo.

Fatos Antecedentes

Ao estudarmos os Evangelhos, precisamos entender, o tanto quanto possível, o contexto histórico e geográfico de cada evento. Essa análise é importante para melhor compreensão dos atos e mensagens de Jesus. Por não ter estilo biográfico ou de narrativa histórica, mas episódica,¹ não é possível estabelecer uma historiografia rígida no estudo dos Evangelhos. De qualquer sorte, há uma razoável linha do tempo, seguindo-se os eventos destacados pelos evangelistas. Os cenários dos acontecimentos também podem ser verificados.

No capítulo 7, João fala de uma nova viagem de Jesus à Judeia, por ocasião da Festa dos Tabernáculos (7.2-10). Essa incursão ao centro político e religioso da nação judaica aconteceu depois de Jesus ter passado um longo período na Galileia (um ano), fase bem registrada pelos sinóticos. Mateus, Marcos e Lucas trazem os grandes sermões que Jesus pregou aos galileus, os muitos milagres e as muitas parábolas, das quais nenhuma é encontrada em João. Mateus e Lucas registraram o Sermão da Montanha (Mt 5—7; Lc 6.20-29), do qual João não trata. Eventos como a transfiguração também não estão presentes em João, mas estão contidos nos

sinóticos (Mt 17.1-13; Mc 9.2-13; Lc 9.28-36). Depois de todas as narrativas relacionadas a esse tempo de Jesus na Galileia, os sinóticos somente vão apresentar Jesus na Judeia, próximo à última Páscoa, quando acontece sua entrada triunfal em Jerusalém, saudado como “o Profeta de Nazaré da Galileia” (Mt 21.1-11; Mc 11.1-11; Lc 19.28-44; Jo 12.12-19).

Em João é diferente. Jesus volta à Judeia em uma ocasião anterior àquela do fim do seu ministério, que está relacionada à Páscoa. Na narrativa joanina, essa última ida à capital de Israel vai aparecer no capítulo 12, especialmente a partir do versículo 12, mesmo registro de Mateus 21.1-11, Marcos 11.1-10 e Lucas 19.28-38. Os capítulos 7, 8 e 9 de João, contudo, registram fatos da viagem anterior, por ocasião da Festa dos Tabernáculos, como já assinalado. Sobre esse momento específico, seguinte ao ministério na Galileia, D. A. Carson apresenta um rico comentário, que fala dessa transição e inclui informações sobre a festa judaica supracitada:

Jesus passou um ano na Galileia, o ano de ministério em que os sinóticos focalizam mais sua atenção. Aquele ano estava chegando ao fim, algo que era marcado pela iminente festa das cabanas. No Antigo Testamento, a instituição da festa estava associada com a colheita (Êx 23.16; Lc 23.33-36, 39-43; Dt 16.13-15; não de cereal que era ceifado entre abril e junho, mas das uvas e azeitonas). A festa durava sete dias, 15-21 de tishri, o mês lunar judaico que cai em setembro-outubro. Uma reunião festiva especial acontecia no oitavo dia, 22 de tishri (Lv 23.26/ cf. SB 2.774; Mishná *Sukkah*) O tempo, portanto, é de cerca de seis meses após a alimentação dos cinco mil. Segundo Josefo, essa festa era a mais popular das três principais festas judaicas que traziam o rebanho fiel para Jerusalém (“especialmente sagrada e importante”, Josefo, *Ant.* viii. 100). O povo que vivia nas áreas rurais armava barracas improvisadas de

ramos leves e folhas para morar nelas durante a semana (daí “cabanas” ou “tabernáculos”; cf. Lv 23.42); habitantes das cidades construíam barracas semelhantes em seus terraços ou em seus pátios. A festa era conhecida por um ritual de tirar água e um ritual de acender lâmpadas ao qual Jesus obviamente se refere (cf. 7.37ss; 8.12).

É nesse contexto, que, de volta a Jerusalém, Jesus prosseguirá seu ministério junto àqueles que procuravam matá-lo (7.1), diferentemente da multidão da Galileia que queria fazê-lo rei (6.15). No capítulo 7 o vemos ensinando no Templo (v. 10ss). Em outro dia é instigado pelos escribas e fariseus por causa da mulher adúltera (8.1-11). Depois, faz um longo discurso sobre sua missão, que é encerrado com um novo acirramento da fúria dos judeus, que pegaram em pedras para lhe atirar (8.12-59).

O capítulo 8 é encerrado com Jesus ocultando-se e saindo do Templo. Não era sua hora. Ninguém iria matá-lo antes do tempo; e quando chegasse a hora, Ele mesmo se entregaria, como está registrado em João 10.18 e será enfatizado no próximo capítulo. Agora, Jesus simplesmente “ocultou-se, e saiu do Templo, passando pelo meio [dos judeus]”, quando já estavam preparados para apedrejá-lo (8.59). Compreende-se aqui que, diante da fúria dos judeus, Jesus deixou o Templo de maneira sobrenatural, de forma que não o vissem, pois a ânsia por matá-lo era muito grande.

O aspecto sobrenatural envolvido na expressão “ocultou-se” que João utiliza é objeto de vários comentários. João Calvino dizia não ter dúvida de que “Cristo se livrou por seu poder secreto [...], pois

ele não pretendia fazer uma clara exibição de sua deidade sem deixar algo para a debilidade humana”.² D. A. Carson considera que “Como Jesus escapou, e com que grau de intervenção sobrenatural, não fica claro”.³ Matthew Henry também vê elemento sobrenatural no episódio, pois diz que “Quando Cristo os deixou, Ele aparentemente passou silenciosamente e despercebido, *paregen houtos*, para que não o percebessem”.⁴ Warren W. Wiersbe entende que “Jesus recebeu a proteção divina e simplesmente deixou aquele local”.⁵

A Cura do Cego

Jesus fica algum tempo fora de cena por causa da fúria dos judeus, mas logo volta a agir, prosseguindo sua obra revelacional. Como os judeus estão em plena Festa dos Tabernáculos, quando um dos rituais era acender lâmpadas, a cura do cego será uma grande oportunidade para realçar sua missão espiritual de assegurar a luz verdadeira não só para uma nação, como também para toda a humanidade em trevas (Mt 4.16). Há muito os ritos judaicos se tornaram meras repetições, sem nenhum efeito espiritual positivo (Is 1.11-14; Am 5.21). Os judeus continuavam com suas festas religiosas, mas estavam espiritualmente cegos. Por esse motivo fica evidente que aquele milagre tinha um propósito específico, que era

manifestar as obras de Deus, totalmente relacionado a uma das representações de Jesus, como “a luz do mundo” (9.5).

Analisar o próprio texto joanino é fundamental para vermos, com clareza, esse propósito e correlação. Eis o diálogo estabelecido entre os discípulos e Jesus (9.2-4):

E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.

O que temos aqui? Primeiro, um cego de nascença; segundo, Jesus afirmando que a cegueira era para que nele fossem manifestas as obras de Deus; terceiro, Jesus apresentando-se como a luz do mundo; quarto, Jesus curando o cego. Não há dúvida, desse modo, que o milagre estava totalmente associado ao propósito de demonstrar a ação de Deus por meio de seu Filho, a luz do mundo, que tinha o poder de tirar o homem das trevas na qual havia nascido, circunstância comum a toda a humanidade. O sinal, ali, era justamente esse, sendo aquele homem um instrumento de revelação das obras de Deus.

Outro ponto que nos chama a atenção foi o método usado por Jesus nesse caso, que difere de todos os demais: “[...] cuspiu na terra, e, com a saliva, fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego. E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o

Enviado).⁶ Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo” (9.6,7). Em primeiro lugar, isso demonstra que as obras de Deus não obedecem a um modelo rígido, que sempre precisa ter o mesmo padrão. Não é aqui o único lugar que vemos essa diversidade de operações, característico do agir de Deus relevado nas Escrituras (Jó 37.10; Ec 11.5; 1 Co 12.6). Em segundo lugar, o procedimento faria que o milagre fosse explicitamente notório. Finalmente, a atitude que o cego precisava tomar era necessária como expressão de sua fé. Como já vimos no capítulo 5, a verdadeira fé sempre é demonstrada por meio de atitudes concretas, como se vê no caso dos heróis da fé listados em Hebreus 11.

Aqui, o cego terá que submeter-se a uma prática absolutamente inusitada, que foi ter os olhos untados com lodo feito com saliva e seguir até o tanque de Siloé — para lavá-los. A narrativa joanina nos mostra que o cego prontamente obedeceu. “Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo” (9.7). Como é importante quando temos disposição para obedecer a Jesus, mesmo que o expediente que Ele use em nossa vida seja desconhecido por nós, sem um parâmetro definido. Na verdade, ser discípulo de Jesus não é viver um padrão religioso. É ter experiências pessoais com Ele, conhecendo sua vontade específica para nossa vida, de acordo com nossa individualidade.

Isso não quer dizer, jamais, que não é preciso valorizar a congregação, ou seja, a comunidade dos fiéis, mas que, mesmo vivendo nela, teremos nossa própria comunhão com Deus, em um

relacionamento pessoal, direto, dinâmico, profundo e sempre progressivo. Como exortou o profeta Oseias: “Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor” (Os 6.3). É o mesmo sentido do conhecido ensino de Pedro: “[...] cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pe 3.18). Se o cego ficasse preso às práticas judaicas — como na Festa dos Tabernáculos, o ritual da água e das lâmpadas — não teria recebido seu milagre. Naquele dia, contudo, ele creu em uma prática totalmente distinta da costumeira e sua obediência e fé na palavra de Jesus possibilitou a sua cura.

Essa prática incomum, mas que permitiu ao cego alcançar o sobrenatural, foi depois relatada aos fariseus (9.13-15), para contrastar com o ritual da água que faziam durante a Festa dos Tabernáculos, sem poder algum. Wycliffe explica que esse ritual, assim como o das lâmpadas, fora acrescentado pelos judeus à tradição da festa ordenada ainda durante a peregrinação do povo de Israel pelo deserto (Lv 23.33-43; Dt 16.13-17):

Como Josefo e o Talmude indicam, novas cerimônias eram gradualmente adicionadas à festividade, sendo a principal a *simhat bet hasho'ebah*, “a festa da retirada da água”. Nessa cerimônia, um jarro de ouro era enchido no tanque de Siloé e retornado ao sacerdote no Templo em meio aos braços alegres dos celebrantes; em seguida, a água era derramada em uma pia no altar (cf. Jo 7.37,38). À noite, as ruas e o pátio do Templo eram iluminados por inúmeras tochas carregadas pelos peregrinos, cantando e dançando. As tendas eram desmanchadas no último dia, e o oitavo dia que se seguia era observado como um sábado de santa convocação.⁷

O envio ao tanque de Siloé certamente não foi sem propósito, já que era justamente ali que os judeus retiravam água para sua celebração. Agora, contudo, não havia um jarro de ouro, nem a figura de um sacerdote, como também não havia o derramamento em uma pia do altar do Templo, mas havia virtude que produzia luz para um cego de nascença. Terra, saliva e lodo contrastavam com todos os importantes elementos do ritual judaico. A diferença era quem dirigia todo o processo, o “Siloé” de Deus, Jesus, o Enviado, que poucos dias antes dissera para os habitantes de Jerusalém: “Se alguém tem sede, que venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre” (7.37,38). Isso tudo, dito e feito justamente durante a Festa dos Tabernáculos, tinha um extraordinário significado espiritual, que somente depois os discípulos viriam compreender. O próprio João, ao escrever seu Evangelho, apresenta uma explicação para essa declaração de Jesus, ao dizer: “E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado” (7.39).

A Pergunta dos Discípulos

Antes de realizar o milagre, Jesus respondeu a uma intrigante pergunta dos discípulos em relação ao cego: “Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (9.2). Como já vimos,

Jesus respondeu que a cegueira não era decorrente de pecado, nem do cego, nem de seus pais, “mas [que] foi assim para que se manifes[tasse] nele as obras de Deus” (9.3). A crença dos judeus estava relacionada com a doutrina da retribuição, que consideravam existir de modo infalível. Isso estava tão impregnado na crença judaica que chegavam ao ponto de “alguns rabinos [levarem] em conta a possibilidade de uma criança pecar ainda estando no ventre da mãe”, conforme pontua F. F. Bruce.⁸

Werner de Boor faz uma análise do significado desse pensamento na cultura religiosa dos judeus:

O pensamento do judaísmo regido pela “lei” vivia na ideia da retaliação. Do destino da pessoa pode ser depreendido sua devoção ou seu pecado. Do devoto Deus se compraz, por isso vai bem na vida. Infortúnio, miséria e enfermidade, porém, são sinais de que um pecado especial provocou a ira de Deus e seu castigo. O que Moisés e os profetas disseram claramente ao povo de Israel referente à sua história e o que o próprio Israel experimentou sempre de novo na felicidade e no infortúnio (Dt 28; 2 Cr 20.20; Lm 2.43-45), isso era aplicado ao indivíduo e a seu destino (cf. os discursos dos amigos de Jó!). Isso estava tão profundamente arraigado nos corações que era muito comum que alguém exclamasse ao ver um sofredor, p. ex., um cego: “Bendito seja o Juiz da verdade!”. A pergunta dos discípulos era, pois, muito óbvia. Mostra, porém, como esse pensamento “legalista” tinha de tornar a pessoa insensível e impiedosa.⁹

Não somente os judeus tinham sua própria explicação sobre a razão do sofrimento humano, como também em todas as épocas surgem os mais diversos pensamentos sobre essa intrigante questão. Na verdade, isso fica mais aguçado quando sai do campo da teoria e vem para a prática, ou seja, torna-se uma experiência

pessoal. Grandes pensadores cristãos, como C. S. Lewis, experimentaram impensadas crises de fé quando viveram suas próprias experiências de sofrimento.¹⁰ É mais difícil, para o próprio sofredor, pensar nas causas do seu sofrimento. Isso pode, inclusive, gerar grandes crises espirituais. Por isso, precisamos ter uma visão bíblica desse tema e não ficar sujeitos a tantas explicações controversas, sem uma solidez doutrinária que ilumine nosso entendimento e fortaleça nossa fé, para que, nós mesmos, estejamos preparados, o tanto quanto possível, para as fases mais agudas da vida. Lembremo-nos de Jó, que experimentou, além do sofrimento, terríveis acusações de seus amigos, que tinham suas próprias teologias sobre o problema do sofrimento.

É uma grande temeridade tentar responder essa e outras questões da vida por meio de filosofias ou pressupostos teológicos que escolham esse ou aquele extremo. Silas Daniel observa que

A falta de compreensão das formas de Deus agir é uma das razões por que muitos crentes se dizem decepcionados com Deus. E esse erro é mais comum quando o assunto é sofrimento. Isso se deve fundamentalmente pela falsa compreensão que se tem do sofrimento.¹¹

O mesmo autor apresenta, à luz da Bíblia, quatro origens básicas para o sofrimento:

A Bíblia nos diz que o sofrimento é uma realidade da existência que começou a existir no Universo por causa do pecado (Gn 3.16-18). [...] Deus criou o mundo perfeito, mas o pecado provocou desordem.

A Bíblia nos ensina também que, apesar de o sofrimento ter se tornado possível no mundo por causa do pecado, isso não significa que todo tipo

de sofrimento é causado diretamente pelo pecado. O sofrimento pode ter quatro origens básicas: Deus, o Diabo, o simples fato de estarmos em um cosmos corrompido e os nossos próprios pecados. Qual deles é o de maior incidência? Segundo C. S. Lewis, em seu livro *O problema do sofrimento*, cerca de 80% dos sofrimentos do mundo são causados diretamente por nossos pecados ou descuidos. Já Hugh Silvester, em seus cálculos, chegou à proporção de dezenove vinte avos, isto é, 95% (*Arguing with God*, Hugh Silvester). Em outras palavras, “De que se queixa, pois, o homem vivente? Queixe-se cada um dos seus próprios pecados” (Lm 3.39).¹²

O pastor Silas Daniel diz mais:

Há sofrimentos oriundos do pecado (Sl 38.3,4; 107.17; Jo 5.14), e outros, produzidos por demônios (Lc 13.11-17; Mt 9.23,24). Mas há, também, por exemplo, doenças decorrentes do próprio descuido do ser humano com a saúde — não têm um propósito disciplinar de Deus nem são provocadas por demônios. Simplesmente, se a pessoa não se cuidar, não viver uma vida regrada na alimentação e nos hábitos com o corpo, está sujeita a elas.¹³

Como já vimos, no caso daquele cego a incapacidade ou deficiência nada tinha a ver com pecado, mas, sim, com um propósito específico de glorificar a Deus. Em qualquer circunstância, conhecer ou não a causa do sofrimento não é mais importante do que nos render totalmente a Deus, submetendo-nos à sua vontade soberana, que é sempre boa, agradável e perfeita (Rm 12.2). Qualquer que seja a razão de nosso sofrimento, render-nos a Deus produzirá mais conhecimento dEle, de seus propósitos e de seu caráter justo e bom. Se assim o fizermos, ao fim, sairemos mais enriquecidos espiritualmente, como Jó, que passou a ter um conhecimento muito mais profundo do Redentor (Jó 42.5).

Não nos esqueçamos de que, ademais, o sofrimento pode sim ser infligido por Deus para provar a nossa fé ou para desenvolver o caráter de Cristo em nós (2 Co 12; 7-10), fazendo com que compartilhemos de sua obediência, sujeição e perfeita humildade (Fp 2.5,6). Afinal, por vezes nosso estado de rebeldia e orgulho somente pode ser dissipado quando somos confrontados em nossa mais débil fragilidade, exposta em tempos de profundo sofrimento. Foi na angústia que o desobediente profeta Jonas clamou a Deus e aceitou desempenhar a missão que havia recebido (Jn 2.1-10). O profeta se viu no “ventre do inferno”, cercado pelas águas até à alma, rodeado pelo abismo, totalmente desfalecido. Foi quando clamou a Deus e o reconheceu como sua salvação.

Bendito seja Deus que não se intimida com nosso orgulho medíocre, desprezível e voraz. Também não permite que nossas vaidosas aspirações sejam realizadas se elas nos afastarem dEle. Nem que isso nos custe algum flagelo, um espinho na carne, talvez, como aconteceu com Paulo. Mesmo que Deus não nos livre de infortúnios que nos cerquem, confiemos em sua bondade. Sua graça nos basta, porque o poder dEle se aperfeiçoa em nossa fraqueza (2 Co 12.9).

A Reação dos Fariseus

O texto de João 9 é outro que estampa a hipocrisia e cegueira espiritual dos fariseus, os quais se arrogavam ser os líderes espirituais da comunidade judaica. Como em outros momentos, a maior implicância deles estava relacionada ao sábado. Parece-nos que o próprio método usado por Jesus para realizar o milagre estava voltado para demonstrar, de forma ainda mais contundente, a invalidade da guarda desse dia ante a patente quebra dos principais mandamentos da Lei de Deus (Mt 22.34-40). O fazer lodo “constituía ‘trabalho’ em um dia de sábado e iria perturbar os fariseus”, uma indicação de como “Jesus tinha muito que lhes ensinar sobre Deus e o seu sábado”.¹⁴

Como no caso do paralítico de Betesda, os fariseus não estavam nem um pouco interessados no milagre em si, em reconhecer sua importância para o enfermo curado. Estavam aficionados com o sábado. A primeira coisa que fizeram, quando souberam da cura, foi dizer: “Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado” (9.16). O legalismo é uma morte! Precisamos saber o lugar de nossas práticas religiosas e a importância que elas têm, não permitindo, jamais, que sejam um fim em si mesmas. Precisamos conhecer a integralidade do evangelho da graça de Deus, um Deus amoroso, santo e justo, que quer nos transformar completamente, a partir do nosso interior (Mt 23.26-28).

Deus não se impressiona com nosso exterior; Ele olha, primeiro, para nosso coração (1 Sm 16.7). Somente depois, fruto de um

coração puro, é que o Senhor espera que nosso viver seja, por inteiro, uma expressão de sua graça e poder em nós. Essa é a ordem da obra de Cristo em nós: espírito, alma e corpo (1 Ts 5.23), se derramando em santidade “em toda a [nossa] maneira de viver” (1 Pe 1.15). Os fariseus eram legalistas, por isso estavam espiritualmente ressequidos; movidos por inveja e dominados pelo ódio. Não tinham e nem receberam a verdadeira luz. São um exemplo para não ser seguido.

Jesus está à procura de pessoas que precisem dEle e estejam dispostos a obedecer-lhe. Assim como o cego que foi curado, não nos prendamos a discussões religiosas vazias, acerca da lei e de rituais sem vigor ou poder. Desfrutemos de experiências pessoais com Ele. Tudo o que precisamos é de uma vida cheia da luz de Deus, que é Jesus. Como diz o autor sacro: “Que a formosa luz de Deus fulgure em ti, e serás feliz assim”.¹⁵

¹ Isso quer dizer que o autor teve a preocupação em narrar eventos selecionados, i.e., episódios específicos, sem uma preocupação com a cronologia histórica.

² CALVINO, João. *Evangelho Segundo João. Volume 1*. 1.ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015, p. 393.

³ *Op. cit.*, p. 359.

⁴ HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico. Novo Testamento. Mateus a João*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 885,86.

⁵ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo. Novo Testamento 1*. 1.ed. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006, p. 416.

⁶ Emílio Conde registra que Siloé “era o tanque que Ezequias mandou construir, juntamente com um canal, que trazia as águas do riacho Gihôn para dentro da

cidade de Jerusalém. Era útil principalmente em caso de guerra”. Segundo o mesmo autor, “No Novo Testamento, Siloé refere-se a uma piscina rodeada de um pórtico com colunas, obra de Herodes, o Grande”. (CONDE, Emílio. *Tesouro de Conhecimentos Bíblicos*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1990, p. 624,26).

- ⁷ *Dicionário Bíblico Wycliffe*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 792.
- ⁸ BRUCE. F. F. *João. Introdução e Comentário*. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 183.
- ⁹ BOOR, Werner de. *Evangelho de João I*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p. 231.
- ¹⁰ Lewis relata seu drama com o sofrimento em seu livro *A Anatomia de um dor*, escrito após a trágica morte de sua esposa.
- ¹¹ DANIEL, Silas. *Como Vencer a Frustração Espiritual*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 65,66.
- ¹² *Op. cit.*, p. 66.
- ¹³ *Ibidem*, p. 66.
- ¹⁴ *Comentário do Novo Testamento. Aplicação Pessoal. Vol. 1*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 544.
- ¹⁵ Trecho do coro do hino 96 da Harpa Cristã.

10

Jesus, o Bom Pastor

João 10.11-18

Jesus permaneceu em Jerusalém algum tempo depois da Festa dos Tabernáculos. Os Evangelhos não informam onde exatamente Ele costumava ficar durante suas estadas na cidade. Uma das hipóteses é que, pelo menos em parte desse tempo, recorresse aos amigos de Betânia (Lázaro, Marta e Maria), citados especialmente por João. No próximo capítulo, trataremos mais dessa forte amizade e dos indicativos que temos de que Jesus fazia viagens pela Judeia ou em torno dela, para lugares previamente conhecidos da família de Betânia — por isso foi possível Marta e Maria mandarem chamá-lo quando Lázaro estava enfermo (Jo 11.1-6).

Nessa ocasião mesmo, é possível que Jesus tenha permanecido na Judeia por cerca de quatro meses, visto que a partir do versículo 22 do capítulo 10 João narra fatos ocorridos durante a Festa da Dedicção, como se vê:

E em Jerusalém havia a Festa da Dedicção, e era inverno. E Jesus passeava no templo, no alpendre de Salomão. Rodearam-no, pois, os judeus e disseram-lhe: Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo, dize-no-lo abertamente. (Jo 10.22-24)

Infelizmente, a verdadeira intenção dos judeus não era saber se Ele realmente era o Cristo, para que cressem, mas para acusá-lo de

blasfêmia, como fizeram quando Jesus se declarou igual ao Pai:

Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo tenho dito, e não o credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas testificam de mim. [...] Eu e o Pai somos um. Os judeus pegaram, então, outra vez, em pedras para o apedrejarem. Respondeu-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas procedentes de meu Pai; por qual dessas obras me apedrejais? Os judeus responderam, dizendo-lhe: Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia, porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo. (Jo 10.25,30-33)

O clima hostilizado era muito grande por parte dos judeus, os quais não alcançavam fé em Jesus. Isso acontecia pela dureza de seus corações, em decorrência de suas obras más e do orgulho que nutriam. Estavam espiritualmente cegos. É para essa geração incrédula que Jesus repetidamente se revelava, apresentando-se como o Messias prometido pelos profetas. Nem mesmo a evidente correlação feita com as profecias messiânicas faziam com que os judeus cressem nas Escrituras e vissem em Jesus o cumprimento delas. Neste capítulo analisaremos parte dessas profecias, que anunciaram o Messias como um Pastor eterno para Israel.

O Diálogo e o Retrato das Lideranças de Israel

Jesus começa seu diálogo com os judeus usando uma linguagem figurada. Apresenta um curral de ovelhas e menciona as figuras do ladrão, do salteador e do pastor de ovelhas (10.1,2).¹ Nesse ponto Jesus está fazendo uma referência ao quadro espiritual há muito vivido por Israel, um rebanho espoliado por ladrões e salteadores,

os quais não entravam no curral pela porta. Eram invasores. Não protegiam o rebanho, mas o deixavam vulnerável ao lobo, que as arrebatava e dispersava, assim como fazia também o mercenário (10.12).

A considerar esse pano de fundo, como diz D. A. Carson:

[...] no contexto do ministério de Jesus os ladrões e assaltantes são os líderes religiosos que estão mais interessados em tosquiá-las do que em guiá-las, nutri-las e protegê-las. Eles são os líderes do capítulo 9, que deveriam ter ouvidos para ouvir as declarações de Jesus e reconhecê-lo como a revelação de Deus, mas que, em lugar disso, desprezam e expulsam as ovelhas.²

A nação de Israel teve bons líderes nos tempos de seu nascimento, com Moisés, no deserto, e Josué, no tempo da conquista da Terra Prometida. Um líder autêntico, muito espiritual e zeloso do verdadeiro culto a Deus (Js 24.1-25), Josué somente falhou em não cumprir integralmente a missão que recebera de Deus por meio de Moisés, quanto à eliminação de todos os povos das terras delimitadas como herança para os hebreus (Dt 20.16-18).³ Naquele tempo havia, também, um firme compromisso dos sacerdotes em preservar as tribos de Israel de qualquer idolatria. Exemplo disso é o que se vê no episódio em que Fineias, o sacerdote, filho de Eleazar, filho de Arão, conclama aos filhos de Rúben e de Gade e a meia tribo de Manassés à preservação do compromisso de exclusiva adoração ao Deus de Israel (Js 22.10-34).

A crise de liderança começa logo depois da morte de Josué e da geração que havia testemunhado os grandes feitos de Deus em prol de seu povo. O autor de Juízes narra:

E serviu o povo ao Senhor todos os dias de Josué e todos os dias dos anciãos que prolongaram os seus dias depois de Josué e viram toda aquela grande obra do Senhor, a qual ele fizera a Israel.

Faleceu, porém, Josué, filho de Num, servo do Senhor, da idade de cento e dez anos.

[...]

E foi também congregada toda aquela geração a seus pais, e outra geração após eles se levantou, que não conhecia o Senhor, nem tampouco a obra que fizera a Israel.

Então, fizeram os filhos de Israel o que parecia mal aos olhos do Senhor; e serviram aos baalins. (Jz 2.7,8,10,11)

A fase seguinte foi a dos juízes, com sucessivas crises morais e espirituais, seguidas de opressões e de livramentos miraculosos por meio de líderes como Débora, Baraque, Gideão, Jefté e Sansão. Eugene H. Merrill assim sintetiza o período desse “padrão cíclico que caracterizou a história de Israel por mais de trezentos anos”:

Após a geração de Josué haver passado, o povo esqueceu-se de Yahweh, trocando-o pelos deuses de Canaã. Isto provocou a ira de Yahweh, de forma que Ele enviou inimigos a Israel a fim de puni-lo e despertar-lhe o interesse em retornar para os caminhos de Deus. Quando Israel se arrependia, Yahweh levantava juízes que livravam a nação, e assim experimentavam um período de paz e de justo governo. Novamente Israel dava as costas para o Senhor e caía em apostasia, então uma série de eventos desabavam sobre a nação, reiniciando o ciclo punitivo.⁴

Se, por um lado, havia a forte inclinação do povo para a apostasia, por outro, é nítido como o texto bíblico associa isso à falta de líderes

fortes, ou seja, à sucessão das gerações experimentadas, por novas gerações, sem experiências e compromisso com Deus (Jz 2.7-13). Eram dois componentes que se juntavam para formar o caldeirão de idolatria, imoralidade e violência. Com essa repetição de crises chega-se aos dias do sacerdote Eli, cuja realidade estampa como o baixo nível moral e espiritual chegara ao Templo. Os filhos de Eli eram o retrato da tragédia de Israel:

Eram, porém, os filhos de Eli filhos de Belial e não conheciam o Senhor; porquanto o costume daqueles sacerdotes com o povo era que, oferecendo alguém algum sacrifício, vinha o moço do sacerdote, estando-se cozendo a carne, com um garfo de três dentes em sua mão; e dava com ele, na caldeira, ou na panela, ou no caldeirão, ou na marmitta; e tudo quanto o garfo tirava o sacerdote tomava para si; assim faziam a todo o Israel que ia ali a Siló.

[...]

Era, porém, Eli já muito velho e ouvia tudo quanto seus filhos faziam a todo o Israel e de como se deitavam com as mulheres que em bandos se ajuntavam à porta da tenda da congregação. (1 Sm 2.12-14,22)

Nada mais vil e desprezível do que líderes que se alimentam da exploração de seus liderados. Que não vivem para servir, mas para ser servidos, e, por vezes, de maneira abjeta, violenta e hostil, como faziam os filhos de Eli — ou, ainda que sorrateiramente, movidos pelo mesmo sentimento. Deus levantaria um líder extraordinário para Israel, o jovem Samuel, que atuou como juiz, sacerdote e profeta, mas que logo sairia de cena diante da insurgência do povo, o qual, a todo custo, queria um rei (1 Sm 8.1-9). Como sabemos, Deus lhes deu Saul, que logo se mostrou rebelde à voz divina e se

aprofundou em uma crise espiritual, infelizmente sem volta (1 Sm 10.8-14).

O período da monarquia de Israel foi marcado por bons reis, como Davi, Salomão, Asa, Josafá e Josias, mas também reis terríveis, como Jeroboão, Acabe, Manassés, Amom e Joacaz. O sacerdócio geralmente acompanhava o declínio moral e espiritual da monarquia, fazendo mais relevante e necessário o ministério dos profetas. Aliás, era justamente esse o propósito de Deus com o profetismo:

[...] os verdadeiros profetas de Deus foram levantados por Ele para servir como um tipo de terceira ordem, juntamente com o sacerdote o rei. Seu papel era de origem mais divina e importante do que o rei e o sacerdote; não era, entretanto, “oficializado” no sentido em que eram os outros. De fato, ao invés de transitar nos círculos da política e da religião estabelecida, os profetas agiam por fora, como instrumentos de correção ou conselheiros. Mesmo assim não eram vistos como adversários do templo ou do Estado, mas como porta-vozes de Deus, chamados para falar palavras de bênçãos, encorajamento, conselho, repreensão ou juízo para o povo, sacerdote e rei, conforme a necessidade.⁵

O ocaso da vida de Israel como nação decorreu justamente do fato de que a degeneração da monarquia e do sacerdócio passou a ser corroborada por uma horda de falsos profetas, que nada tinham a ver com expoentes do profetismo, como Elias e Eliseu. Ao contrário, estavam comprometidos com o sistema de seu tempo. Isaías denuncia que eles associaram-se aos sacerdotes na prática da devassidão:

Mas também estes erram por causa do vinho e com a bebida forte se desencaminham; até o sacerdote e o profeta erram por causa da bebida forte; são absorvidos do vinho, desencaminham-se por causa da bebida forte, andam errados na visão e tropeçam no juízo.

Porque todas as suas mesas estão cheias de vômitos e de imundícia; não há nenhum lugar limpo. (Is 28.7,8)

Como observa o pastor Esequias Soares,

Jeremias fez diversas denúncias contra os falsos profetas de sua geração e houve situação em que teve de enfrentá-los pessoalmente, face a face na presença do povo e das autoridades em Jerusalém, como o caso de Hananias, no capítulo 28 de seu livro. Sua crítica é dirigida aos profetas e aos sacerdotes, por causa da avareza e da falsidade, são ministros que se corromperam por conta do contexto social, político e religioso da época de Judá.

[...]

O profeta Jeremias afirmou que estavam todos contaminados, até mesmo os sacerdotes de Judá estavam nesse sistema viciado: “tanto o profeta como o sacerdote estão contaminados”. (23.11)⁶

A Visão Profética da Dispersão

A referência que Jesus fez às multidões do povo de Israel que “andavam desgarrados e errantes como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36) fora vista pelos profetas há cerca de setecentos anos. Isaías apresenta o cenário de dispersão dessas ovelhas, diante de “cães gulosos, [que] não se podem fartar [...] pastores que nada compreendem; [que] se tornam para o seu caminho, cada um para a sua ganância, cada um por sua parte” (Is 56.10,11).

Ezequiel denuncia os profetas, os quais “devoram as almas”, e os sacerdotes, que “transgridem a [...] lei, e profanam as [...] coisas santas” (Ez 22.25,26). A linguagem profética estava em plena

sintonia com a parábola que Jesus contaria mais de 500 anos depois. Ezequiel chama os príncipes (ou líderes) de Israel de “lobos que arrebatam a presa, para derramarem o sangue, para destruírem as almas, para seguirem a avareza” (Ez 22.27).

A perfeita coesão da linguagem continua, quando Ezequiel refere-se aos “pastores de Israel”:

Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza e dize aos pastores: Assim diz o Senhor Jeová: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? Comeis a gordura, e vos vestis da lã, e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortalecestes, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza. Assim, se espalharam, por não haver pastor, e ficaram para pasto de todas as feras do campo, porquanto se espalharam. (Ez 34.2-5)

O mais grave é que diante desse cenário tão crítico, a palavra de Deus dita pelo profeta indicava a mais profunda desolação. Não havia um líder sequer pelo povo diante do Senhor: “E busquei dentre eles um homem que estivesse tapando o muro e estivesse na brecha perante mim por esta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei” (Ez 22.30).

É diante desse quadro que Jesus se apresenta como o bom Pastor, o único que em vez de viver à custa das ovelhas, dá a própria vida por elas.

“Dou a minha Vida”

Os judeus estavam cegos diante da realidade espiritual que viviam, especialmente os membros da classe religiosa, inebriados com a popularidade e os privilégios decorrentes da posição de liderança que ocupavam. Por isso, mesmo diante de uma descrição tão clara da realidade de Israel e da denúncia contundente do fracasso de seus líderes, não tinham a capacidade de compreender e aceitar a oferta pessoal de Jesus, como o bom Pastor, que dá sua vida pelas ovelhas (10.11).

Na verdade, essa mensagem incomodava aos líderes de Israel, que nada tinham de abnegação, mas, sim, de usurpação. Quanto ao Filho de Deus, sua encarnação era a prova da mais profunda renúncia, retratada na belíssima descrição feita por Paulo dessa gloriosa obra de entrega sacrificial pela humanidade:

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. (Fp 2.5-8)

Sua autodoação e entrega voluntária são destacadas na declaração de Jesus: “Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la. Esse mandamento recebi de meu Pai.” (10.18). Isso torna ainda mais claro o valor do sacrifício de Jesus, fruto, como já afirmado, de sua inteira abnegação. Como comenta Warren W. Wiersbe:

Do ponto de vista humano, tudo indicava que Jesus havia sido executado, mas do ponto de vista divino, havia entregado sua vida espontaneamente. Quando Jesus clamou na cruz: “Está consumado!”, entregou o espírito ao Pai por sua própria vontade (Jo 19.30). Três dias depois, também por sua própria vontade, retomou a vida e ressuscitou dentre os mortos. O Pai deu-lhe essa autoridade como prova de seu amor.⁷

Sobre o fato de algumas passagens bíblicas fazerem referência ao Pai ressuscitar a Jesus, como Atos 2.32, Romanos 6.4 e Hebreus 13.20, Wiersbe afirma que “As duas coisas são verdade, pois o Pai e o Filho operam juntos em perfeita harmonia (Jo 5.17,19)”.⁸ Uma explicação complementar necessária a esse ponto é que essa autoridade do Filho para tornar a tomar sua vida “não se originou de si mesmo; ela veio do Pai”,⁹ com resultado de sua abnegação. O fato de o Filho ter decidido espontaneamente dar sua vida conferia-lhe direito e autoridade para tornar a tomá-la. Não houve, portanto, usurpação em quaisquer das fases, mas uma justa conquista, como também o é a glorificação de Cristo (Fp 2.9-11).

O comentário da *Bíblia de Estudo de Genebra* afirma que a declaração de Jesus registrada em João 10.18 “Refere-se à ressurreição de Cristo, um milagre tão extraordinário que, tal como a criação e a salvação, é visto como uma obra das três pessoas da Trindade”.¹⁰ F. F. Bruce entende que:

Jesus, ao retomar a vida que entregou, age assim (neste aspecto como em todos os outros) porque esta é a vontade do Pai, e seu objetivo é obedecer às ordens dele. É pela autoridade do Pai que o Filho age com independência (5.19-30). Sem dúvida isto é um paradoxo, mas ele faz parte do relacionamento sem par que existe entre o Pai e o Filho.¹¹

Na verdade, não podemos alcançar a exata profundidade da expressão de Jesus, porque foge à nossa compreensão a perfeição do relacionamento entre o Pai e o Filho, um dos grandes mistérios da teologia. Nós nos conformamos e nos alegramos com o fato de podermos crer nesse mistério e receber as bênçãos advindas desse ministério sacrificial do eterno Pastor, que a si mesmo se entregou por nós, ovelhas desgarradas, para nos dar vida com abundância, ou seja, vida eterna (10.10).

Esvaziou-se a si mesmo

A glória de Cristo é resultado de sua entrega voluntária sacrificial, para a qual Paulo usa o termo grego *ekenosen*, que significa “se esvaziar”. Enquanto Lúcifer quis usurpar a glória de Deus (Is 14.12-14; Ez 28.13-15), Cristo esvaziou-se de sua própria glória. Essa profunda humilhação deu-lhe credenciais para receber todo o poder e glória, não somente no céu, mas também na terra e debaixo da terra (Fp 2.10). Ao submeter-se inteiramente ao Pai em completa obediência e sem pecado (Hb 4.15), Jesus destronou por completo os poderes das trevas, triunfando sobre o inferno e a morte (Cl 2.15; 1 Co 15.55-57). Por isso, todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.10,11). Chegará o tempo em que todo o mundo, todas as nações da terra, terão de reconhecer que Jesus, o descendente de Davi, é o

Cristo, o Messias, o Todo-Poderoso. Será a implantação do seu Reino eterno, que jamais terá fim (Is 9.6,7; Dn 2.44; Lc 1.32,33; 2 Pe 1.11; Ap 3.21; 21.1).

Precisamos considerar, contudo, o exato significado do termo *ekenosen*, presente em Filipenses 2.7 e que tem gerado perigosos equívocos teológicos. Como enfatiza Donald Stamps, “o texto grego [...] diz literalmente, que ele ‘se esvaziou’, i.e., deixou de lado sua glória celestial (Jo 17.4), posição (Jo 5.30; Hb 5.8), riquezas (2 Co 8.9), direitos (Lc 22.27; Mt 20.28) e o uso de prerrogativas divinas (Jo 5.19; 8.28; 14.10)”.¹² O Filho não deixou de ser Deus. Manteve completa natureza divina, mas assumiu uma natureza humana igualmente completa. Assim, o que temos é que “Esse ‘esvaziar-se’ importava não somente em restrição voluntária dos seus atributos e privilégios divinos, mas também na aceitação do sofrimento, da incompreensão, dos maus tratos, do ódio e, finalmente, da morte de maldição na cruz (vv. 7,8)”.¹³ Essa “restrição voluntária” dos atributos deve ser compreendida como um não uso em certas circunstâncias (Mt 26.53), jamais um esvaziamento ou perda, ainda que temporária.

Sobre o erro doutrinário relativo ao esvaziamento de Cristo, Claudionor de Andrade alerta:

Esta doutrina, conhecida também como *kenosis*, tem como objetivo explicar o estado de humilhação de Cristo quando de sua encarnação e morte. Ao fazer-se homem, renunciou Ele, temporariamente, a glória da divindade (Fp 2.1-6). [...] Quando se trata da *kenósis* de Cristo, há que se

tomar muito cuidado. É contra o espírito do Novo Testamento afirmar ter o Senhor Jesus se esvaziado de sua divindade. Ao encarnar-se, esvaziara-se Ele apenas de sua glória. Em todo o seu ministério terreno, agiu como verdadeiro homem e verdadeiro Deus.¹⁴

O pastor Silas Daniel denuncia o ressurgimento de heresias construídas em torno da Teoria de Kenosis:

Uma antiga e equivocada interpretação sobre Filipenses 2.7 tem sido ressuscitada e propagada em nossos dias com o objetivo de sustentar o falso ensinamento de que Deus se “esvazia” de seus atributos para se relacionar com seus filhos. A interpretação que serve de base para esse ensinamento é denominada Teoria de Kenosis, que consiste na afirmação de que Jesus, quando estava aqui na Terra, esvaziou-se de seus atributos naturais, tais como onisciência e onipotência.

[...]

Essa teoria não erra ao afirmar que houve *ekenosen*, mas erra ao tentar definir o que teria sido a *ekenosen*. Ou seja, *ekenosen* (forma aportuguesada) aconteceu, mas não como afirma a teoria que leva o seu nome.¹⁵

Justamente para enfatizar a divindade de Cristo é que João escreveu seu Evangelho, repleto de sinais operados pelo Filho de Deus, selecionados e registrados justamente para que creiamos nEle como o Deus que fez carne (1.14; 20.31). Enquanto os sinóticos dão maior ênfase à humanidade de Jesus, João mostra Cristo realizando sinais inequívocos de sua deidade, como vimos abordando nessa obra.

Um Só Rebanho

Jesus estampa diante dos judeus o estado espiritual da nação, espoliada por falsos pastores, os quais a parábola apresenta como

ladrões e salteadores, e no sermão pregado logo em seguida são nominados como mercenários (ou assalariados), que “não tem cuidado das ovelhas” (10.13).¹⁶ Ao se apresentar como o bom Pastor, que conhece suas ovelhas e que delas é conhecido, Jesus refere-se a “outras ovelhas que não são desse aprisco”, numa clara referência à universalidade de sua obra e mensagem.¹⁷ Não apenas os judeus, mas também os gentios receberiam a oferta da graça, a salvação gratuita, operada pela obra sacrificial do Cristo encarnado, para satisfazer a justiça de Deus (Ef 2.8,9).¹⁸

Como os judeus rejeitaram o Messias, o cumprimento dessa profecia tem verdadeiro caráter escatológico. Há todo um prenúncio de glória para o Reino messiânico, como vaticinaram os profetas veterotestamentários, anunciando esse tempo de que falou Jesus, quando haverá um rebanho e um Pastor (10.16). Ezequiel profetizou dizendo: “E levantarei sobre elas [as ovelhas] um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as há de apascentar; ele lhes servirá de pastor” (Ez 34.23). O anúncio messiânico é claro, apontando para um cumprimento escatológico. O supracitado profeta diz: “E meu servo Davi reinará sobre eles, e todos eles terão um pastor; e andarão nos meus juízos, e guardarão os meus estatutos, e os observarão” (Ez 37.24).

Outro texto que identifica expressamente o Messias como esse Pastor é Isaías 40.11: “Como pastor, apascentará o seu rebanho;

entre os braços, recolherá os cordeirinhos e os levará no seu regaço; as que amamentam, ele as guiará mansamente.”

Werner de Boor apresenta essa reunião eterna como cumprimento da promessa feita a Abraão:

As outras “ovelhas” não estão no pátio cercado, “neste aprisco”, protegidas como Israel atrás da “cerca da lei”. Estão “sem Cristo, excluídas da cidadania de Israel e estranhas aos testemunhos da promessa”, por isso sem esperança e sem Deus no mundo (Ef 2.12). Contudo Jesus sabe o que ele fará de acordo com o maravilhoso plano e desejo do Pai. A promessa de Deus a Abraão em Gn 12.3 tinha de ser cumprida. Por essa razão Jesus “**precisa conduzir**” também essas muitas outras ovelhas de todas as gerações, e línguas, e povos, que ele comprará com seu sangue para Deus. (Ap 5.9) ¹⁹

Essa mensagem de agregar “outras ovelhas” que ainda não estavam no aprisco não foi compreendida pelos judeus, que não apenas naqueles dias, mas também por muito tempo continuariam imaginando ter a exclusividade do acesso ao Reino de Deus.²⁰ Nem mesmo os judeus que o reconheceram como o Filho de Deus conseguiram compreender essa mensagem. Isso seria uma realidade mesmo após a descida do Espírito Santo. Os apóstolos permaneceram reticentes à hipótese de se pregar o Evangelho aos gentios. Pedro, que viveu a experiência da casa de Cornélio (At 10.34-48), precisou dar explicações em Jerusalém sobre o motivo de ter batizado a gentios (At 11.1-18).

Mesmo o Concílio de Jerusalém (At 15) não resultou em uma perfeita unificação do rebanho, mas apenas na definição de alvos

distintos na obra de evangelização e algumas recomendações específicas para o mundo gentílico (At 15.28,29). Paulo enfrentaria muita oposição dos judeus por toda a parte, passando, então, a dedicar-se mais à pregação aos gentios, com seu ingresso na Macedônia (At 16.9; 17,18). Em sua volta a Jerusalém, foi aconselhado por Tiago e outros anciãos que se submetesse aos ritos judaicos de purificação e entrasse no Templo para satisfazer aos judeus cristãos que eram “zelosos da lei” (At 21.17-26). A revolta instalou-se entre a multidão judaica e Paulo foi preso (At 21.27-35).

As oposições não findariam logo e ainda não findaram. Atualmente, como nação, os judeus não reconhecem a Jesus como o Messias, o Cristo Salvador. Há judeus cristãos, mas ainda assim muitos deles permanecem sob os ritos da Lei. São comunidades israelitas que existem em várias partes do mundo. Além disso, outro movimento que se vê é a inserção de crenças e práticas judaicas em denominações cristãs evangélicas, que se tornam judaizantes, numa contramão ao propósito da obra de Cristo no Calvário.

Somente com a conversão nacional dos judeus, no fim da Grande Tribulação, será possível Jesus ter unificado o seu rebanho e exercer para sempre seu pleno pastoreio (Zc 12.10; Sl 22.23-28; Ez 37.9-14). Primeiro, no Milênio (Ap 20.1-4); depois, no novo céu e na nova terra (Ap 21.1-4). Que Deus nos conserve firmes, com fé e esperança, para que estejamos com Ele em seu aprisco eterno.

-
- ¹ “O curral das ovelhas podia ser um pátio (18.15), perto de uma casa, cercado por um muro de pedras, onde várias famílias guardavam suas ovelhas.” (*Bíblia de Estudo Holman*, p. 1688)
 - ² CARSON, D. A. *O Comentário de João*. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 383.
 - ³ Esse texto diz: “[...] cidades destas nações, que o Senhor, teu Deus, te dá em herança, nenhuma coisa que tem fôlego deixarás com vida. Antes, destruí-las totalmente: aos heteus, e aos amorreus, e aos cananeus, e aos ferezeus, e aos heveus, e aos jebuseus, como te ordenou o Senhor, teu Deus, para que vos não ensinem a fazer conforme todas as suas abominações, que fizeram a seus deuses, e pequeis contra o Senhor, vosso Deus”. Conforme Eugene H. Merrill, essa era a prática do *haram*, verbo técnico em hebraico que quer dizer “consagrar para destruição”. (MERRILL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro, CPAD, 2021, p. 108)
 - ⁴ MERRILL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 162.
 - ⁵ *Op. cit.*, p. 401,02.
 - ⁶ SOARES, Esequias. *O Ministério Profético na Bíblia*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p. 132.
 - ⁷ WIERSBE, Warren W. *Novo Testamento 1*. 1.ed. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006, p. 426.
 - ⁸ *Ibidem*, p. 426.
 - ⁹ *Comentário do Novo Testamento. Aplicação Pessoal*. Vol. 1. Rio de Janeiro, CPAD, 2021, p. 550.
 - ¹⁰ *Bíblia de Estudo de Genebra*. São Paulo, Cultura Cristã, p. 1393.
 - ¹¹ BRUCE, F. F. *João. Introdução e Comentário*. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 199.
 - ¹² *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, p. 1825.
 - ¹³ *Ibidem*, p. 1825.
 - ¹⁴ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 66.
 - ¹⁵ DANIEL, Silas. *A Sedução das Novas Teologias*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 178.
 - ¹⁶ Werner de Boor explica o sentido do termo mercenário usado por Jesus: “O ‘*misthotos*’, é o assalariado, uma pessoa que por determinado salário realiza determinado trabalho. Em decorrência, ele também pode ser contratado como ‘assalariado’ para pastorear as ovelhas. As ovelhas não lhe pertencem, não possui um interesse real por elas. Cuida delas como é seu dever, mas não se considera obrigado a empenhar sua vida. Quando a fera se aproxima, ele

abandona as ovelhas e salva a sua vida”. (BOOR, Werner de. *Evangelho de João I. Comentário Esperança*. 1.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p. 248)

- 17 Universalidade diz respeito ao caráter universal da graça, como oferta a todos os homens, sem qualquer distinção, mas que exige a resposta fé para a salvação (Rm 1.16; Tt 2.11). Não podemos confundir com universalismo, que Justo Gonzáles conceitua como “A doutrina segundo a qual todos serão salvos, não há condenação final, e o inferno é somente um estado passageiro cuja função é purificar as almas antes que possam estar na presença de Deus”. (GONZÁLES, Justo. *Breve Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 331). As Escrituras nos dizem, contudo, que haverá salvos e perdidos, e que o inferno é lugar de sofrimento eterno (Ap 20.10-15; Mt 25.31-46).
- 18 *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 51.
- 19 BOOR, Werner de. *Evangelho de João I. Comentário Esperança*. 1.ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002, p. 250.
- 20 “Jesus já havia falado de conduzir as suas ovelhas para fora do aprisco do judaísmo. Todos os seus discípulos saíram desse aprisco, assim como todos aqueles judeus que vieram a crer nEle como o seu Messias. Jesus sabia, porém, que Ele tinha **outras ovelhas** que não eram do judaísmo. Estes são os crentes gentios. Jesus veio para salvar tanto os gentios quanto os judeus. Esta é uma perspectiva de sua missão mundial — morrer pelas pessoas pecadoras em todo o mundo.” (*Comentário do Novo Testamento. Aplicação Pessoal*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 550)

O Sétimo Sinal: Jesus Ressuscita Lázaro

João 11.1,3,4,14,17,39-41,43,44

Jesus exercendo pleno poder sobre a morte é o sétimo sinal miraculoso selecionado por João e descrito em seu Evangelho. A missão redentora de Jesus consistiu na revelação do eterno plano divino da salvação, “vindo a plenitude dos tempos” (Gl 4.4,5). Para tanto, foi preparado um cenário completo, com um contexto histórico, político, cultural e geográfico específico, assim como personagens reais que viveram experiências reais dentro do processo revelacional, que tinha como tema central a manifestação da deidade de Cristo, para compreensão do sacrifício redentivo. Lázaro foi um desses personagens. Sua enfermidade e morte não aconteceram por acaso. Tinham como propósito a manifestação da glória de Deus, “para que o Filho de Deus [fosse] glorificado por ela” (11.4).

Deus não trabalha de maneira determinista, embora seja presciente; não impõe sua vontade à humanidade, embora seja soberano. Ele tem um plano perfeito para cada ser humano, mas nos atrai e espera uma resposta positiva, de entrega e aceitação de

seus desígnios (Sl 37.3-5; Ap 3.20; Mt 7.7-11; 11.28; Lc 9.23). Quando assim fazemos, o Todo-Poderoso tem prazer em nos dirigir por caminhos seguros, mesmo que importem em adversidades, como enfermidade e morte, conforme aconteceu com Lázaro. De uma coisa podemos estar certos: Deus não nos fez por acaso ou sem propósito. Somos mais de 7,8 bilhões de pessoas e nenhum de nós está fora do plano divino. Deus tem um plano específico para mim e para você. Isso não é um mero argumento retórico; clichê ou chavão típico de textos de triunfalismo ou autoajuda. É verdade bíblica (Jr 29.11; Jo 3.16; Rm 12.1,2; 1 Tm 2.4; Tt 2.11; 2 Pe 3.9). A questão é que nós, muitas vezes, não compreendemos ou aceitamos esse plano, em decorrência de nosso flagrante estado de pecado e da dificuldade que temos de começar e permanecer em nossa jornada de fé.

A pregação do evangelho é o anúncio do maior plano de Deus para toda a humanidade, tarefa da qual precisamos nos desincumbir enquanto é tempo (Mt 9.35-38; Jo 4.34-36; Rm 10.13-17). Crer segundo o evangelho é o único meio para descobrir o plano de Deus para nossa vida e passar a viver de acordo com ele (Rm 1.16-18). Seus reflexos são poderosos em todas as áreas da nossa existência, quando realmente descobrimos que o fim de tudo é viver para a glória de Deus (1 Co 10.31). Isso não é filosófico e nem mesmo psicológico. É absolutamente espiritual.

Nesse grande plano de revelação divina e de sua vontade a todos os homens, não temos as mesmas funções a desempenhar, mas todos temos algo específico a fazer (Rm 12.4-8; 1 Co 3.6). Neste capítulo estudaremos sobre Lázaro, que não apenas desfrutava da amizade de Jesus, mas foi escolhido como instrumento de glorificação divina. Foi o que Jesus disse com toda clareza: “Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela” (11.4).

A enfermidade trouxe infortúnio e dor para Lázaro, contudo possuía um propósito muito maior. Assim como Jesus encontrou Lázaro e suas irmãs, os quais se dedicaram ao ministério e contribuíram para a revelação do seu glorioso plano, possamos compreender a vontade de Deus para nossa vida, deixando que Ele seja glorificado em nós e por nós.

A Aldeia de Betânia

É extraordinário perceber como Deus se vale de coisas pequenas e simples para grandes propósitos. Jerusalém, com toda importância e agitação, não tinha um lugar propício para Jesus descansar de suas intensas atividades diárias. O próprio Getsêmani ou Jardim das Oliveiras ficava fora da cidade, no monte de mesmo nome — do outro lado do vale de Cedrom —, e era um lugar reservado para momentos de oração. Jesus precisava de um local próprio para

repousar e até mesmo se refugiar, quando necessitava sair de cena, deixando Jerusalém. Esse lugar ficava logo ali, há cerca de 2,7 km ao leste de Jerusalém, a pequena aldeia de Betânia.

Betânia recebe várias citações nos Evangelhos (Mt 21.17; 26.6; Mc 11.11; Lc 19.29; 24.50; Jo 11.1; 12.1).¹ É bem provável que essas citações não correspondam a todas as vezes que Jesus ali esteve, mas os registros que temos são suficientes para que entendamos quão estratégico foi aquele lugar. O relato de Mateus 21.12-17 nos dá exatamente esse sentido, pondo Betânia como um lugar de refúgio ante o clima de hostilidade que Jesus costumava viver em Jerusalém. Depois da purificação do Templo, os principais dos sacerdotes e os escribas se indignaram com Jesus, e Ele “deixando-os, saiu da cidade para Betânia e ali passou a noite” (Mt 21.17). No dia seguinte, Jesus e seus discípulos voltaram para Jerusalém (Mt 21.18). Considerando as muitas vezes que esteve na Judeia e os períodos que nela permanecia em cada viagem, é bem provável que Betânia tenha recebido sua visita por diversas vezes, as quais serviram para estreitar a amizade com Lázaro, Marta e Maria: “Ora, Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro” (11.5).

As narrativas contidas nos Evangelhos não apresentam detalhes da estreita amizade entre Jesus e Lázaro. Há, contudo, a conhecida narrativa de Lucas 10.38-42, que apresenta Maria aos pés de Jesus, enquanto Marta, distraída, envolve-se com os afazeres da casa. Aparentemente, Marta estaria correta, como anfitriã que era. Ocorre

que ele hóspede não era comum, mas o Filho de Deus, cuja presença não poderia ser trocada por nada. Por isso Jesus disse a Marta que sua irmã Maria tinha escolhido, dentre muitas coisas, a que realmente era necessária, a boa parte, que não lhe seria tirada (Lc 10.41,42). O que o texto nos ensina é que qualquer atividade que nos prive da presença de Deus deve ser evitada, mesmo as que tenham natureza religiosa. Afinal, o ativismo religioso costuma enganar muita gente.

Assim como Marta, vivemos em um mundo de grandes agitações e não é incomum que muitos de nós se envolvam desproporcionalmente com as coisas seculares, negligenciando a presença de Deus. Isso produz ansiedade e frustração, porque jamais alguém consegue se satisfazer plenamente com coisa alguma dessa vida. Salomão experimentou de tudo quanto quis e chegou a essa conclusão: “tudo é vaidade e aflição de espírito” (Ec 2.17). Jesus ensinou que não devemos andar ansiosos quanto à nossa vida, “pelo que [havemos] de comer ou pelo que [havemos] de beber, nem quanto ao [nosso] corpo, pelo que [havemos] de vestir” (Mt 6.25). A grande questão hoje, com o crescente secularismo e a psicologização do cristianismo, é que muitos não creem ser possível viver isento de ansiedades. Na verdade, há quem considere que ser ansioso é uma condição pessoal impossível de ser superada.

Diante disso, socorre-se dos medicamentos, especialmente os ansiolíticos, criando um ciclo de dependência. Em que pese existirem casos que justificam o uso de terapias medicamentosas para esses e outros males da alma, mais presentes do que nunca na vida humana, é certo ser possível, sim, viver livre da ansiedade sem recorrer a qualquer tipo de fármaco. Quando Jesus diz “não andeis cuidadosos” ou “inquietos” é porque é possível, pela fé, viver livre de toda inquietude (Mt 6.30,31). Ele não diria isso se fosse algo impossível, inatingível. O segredo, contudo, é viver de acordo com a Palavra de Deus: “[...] buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).

É claro que existem diversos fatores que se correlacionam nos processos de agitação e angústia da vida, e, para tanto, diversas atitudes racionais precisam ser adotadas. Paulo ensinou a principal delas, a oração, um extraordinário recurso para vencer a ansiedade: Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças” (Fp 4.6). Quando oramos, Deus nos concede sabedoria e graça, inclusive para as demais atitudes que precisamos adotar em nosso viver. Pedro utiliza o mesmo recurso, ao dizer: “[...] lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pe 5.7).

O Milagre da Ressurreição

Na seleção de sinais miraculosos escolhidos por João não poderia ficar de fora a demonstração de poder sobre a morte. No primeiro sinal, Jesus transformou água em vinho (2.1-11). No segundo, curou o filho de um oficial do rei (4.46-54). No terceiro, curou um paralítico em Betesda (5.2-18). No quarto, multiplicou pães e peixes (6.1-15). O quinto sinal foi a demonstração de seu poder sobre a natureza, ao andar sobre as águas agitadas do mar da Galileia (6.16-21). O sexto sinal foi a cura de um cego de nascença (9.1-41). Agora, a glória de Deus revelada pelo Unigênito do Pai será demonstrada por intermédio da ressurreição de um morto já em estado de putrefação.

Como já observamos, o propósito do sinal era específico e fora anunciado pelo próprio Jesus: a “glória de Deus”, expressão que tem um lugar central nesse texto (11.4). Quando Marta hesitou diante da ordem de tirar a pedra do sepulcro, Jesus novamente mencionou esse propósito: “[...] se creres, verás a glória de Deus” (11.40). Esse milagre, portanto, seria mais um evidente sinal de sua divindade. Embora já tivesse registrado tantos outros, João precisava incluir este, que mostra o poder de Cristo sobre um terrível inimigo, a morte.²

A expressão dos judeus que estavam em Betânia para consolar Marta e Maria (11.31) indica que existia neles uma crença no poder de Jesus para curar enfermos, porque eram testemunhas de outros sinais, como a recente cura do cego em Jerusalém (11.37). Esses judeus seguramente testemunharam o milagre descrito no capítulo 9

de João. Agora, admitiam que Jesus poderia ter curado Lázaro, ou seja, evitado que chegasse ao estado de morte, mas não cogitavam que seu poder fosse além disso, alcançando um morto, e já há quatro dias sepultado.³ Não resta dúvida, portanto, de como esse sinal era imprescindível para revelar a plena deidade de Jesus.

Há Quatro Dias

Há um aspecto específico desse sinal que precisa ser ressaltado, que é Jesus ter permanecido fora de Betânia e chegar na aldeia quatro dias depois de Lázaro ser sepultado (11.17).⁴ E esse decurso de tempo ficou bem patente também diante da expressão de Marta: “Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias” (11.39). Em muitas circunstâncias, o Senhor Jesus precisa permitir que a situação se agrave para que sua atuação se torne inequívoca, evitando todo tipo de dúvida. Naquele caso, os estudiosos afirmam que havia uma crença entre os judeus de que até no terceiro dia a alma pairava perto do corpo. Se Lázaro tivesse sido ressuscitado antes do quarto dia, poderiam cogitar de ter sido um milagre mais fácil, ou até mesmo sujeito a uma explicação natural.

French L. Arrington e Roger Stronstad afirmam que:

Quando Jesus chega, já fazia quatro dias que Lázaro estava sepultado (vv. 17,18). Na forma tipicamente judaica, a comunidade se reuniu para apoiar a família e ajudá-la a prantear. Quatro dias não deixam dúvida sobre a condição de Lázaro. Os rabinos acreditavam que a alma pairava perto do corpo três dias. Depois, não havia esperança de voltar à vida

existente. Lázaro está além de ajuda, e o corpo já começou a se decompor.

D. A. Carson também menciona a existência dessa crença, correlacionando a demora à intenção de Jesus de evitar uma má interpretação do milagre:

[...] a demora garantiria que Lázaro já estivesse morto o tempo suficiente para que ninguém interpretasse mal o milagre, apenas como uma mera restauração, efetuada antes que o espírito da pessoa deixasse o local [...] O milagre que Jesus de fato realizou, portanto, confirmou a fé de seus discípulos e amigos com poder dramático o que estaria ausente se Jesus tivesse respondido imediatamente ao apelo por ajuda.

[...] Há fontes de uma data um pouco posterior que atestam a crença rabínica de que a alma paira sobre o corpo da pessoa falecida pelos primeiros três dias, “tentando reentrar nele, mas tão logo ela percebe sua aparência mudando”, isto é, que a decomposição se estabelece, ela parte [...]; a partir desse ponto, a morte é irreversível.⁵

É bastante provável que essa crença realmente existisse entre os judeus nos dias de Jesus e que Ele tenha esperado o tempo exato para chegar a Betânia, quatro dias depois da morte de Lázaro. Em diversas outras ocasiões, o Mestre já havia agido para, com precisão cirúrgica, confrontar e destruir os falsos ensinamentos judaicos, tão desprovidos da essência das Escrituras (Mt 22.29).

Defunto ou Lázaro?

O texto em estudo põe em relevo, também, a verdade bíblica acerca do estado intermediário dos mortos. Em seu livro *O Calendário da Profecia*, o teólogo assembleiano Antonio Gilberto aborda, com clareza, o destino dos justos e dos injustos após a morte,

confrontando principalmente a falsa doutrina que diz que o espírito humano permanece dormindo na sepultura, como difundem os adventistas do sétimo dia. O pastor Antônio Gilberto refuta esse ensino à luz de vários textos bíblicos, inclusive, de João 11:

Um estudo comparativo das Escrituras mostra que “dormir”, nas referências bíblicas, designa a morte física, porque, ao falecer, a pessoa perde a consciência para com este mundo, acordando no outro, que pode ser de felicidade ou de sofrimento.

O morrer é chamado dormir, na Bíblia, porque todo morto será acordado fisicamente um dia. No sono natural o corpo desliga-se parcialmente da alma, e a voz humana é suficiente para acordar a quem está dormindo. Já a morte é uma total separação entre o corpo e a alma, mas só a voz de Cristo é poderosa para um dia acordar todos os falecidos.

Vejamos alguns exemplos bíblicos.

[...]

João 11.11. Aqui Jesus afirmou que Lázaro dormia. Mais adiante, no versículo 14, Ele disse que Lázaro estava morto. Mais adiante ainda, no versículo 39, está escrito que Lázaro cheirava mal. Logo, o que está dormindo só podia ser o corpo, porque um espírito não cheira mal. (A não ser esses espíritos “criados” por eles...).

João 11.26. Aqui Jesus afirma que quem nEle crê nunca morrerá. Isso nos mostra que o espírito nunca morre; pois é o corpo que realmente morre.⁶

Jesus já dissera que chegaria a hora em que os mortos ouviriam a voz do Filho de Deus e que os que a ouvissem viveriam, numa referência à ressurreição dos santos para a vida eterna, no último Dia (5.25). No caso de Lázaro — assim como da filha de Jairo (Mc 5.41) e do filho da viúva de Naim (Lc 7.14) —, a ressurreição deu-se como um retorno à vida presente, para uma morte posterior. De qualquer sorte, o processo de comunicação é o mesmo: os mortos

ouvem a voz de Deus e retornam à vida. Jesus é a ressurreição e a vida (11.25).

Para nós, mortais, quando alguém morre não faz mais sentido chamá-lo pelo nome, porque não há comunicação alguma entre vivos e mortos. Com a morte, cessa completamente a possibilidade de contato com este mundo físico, pois o espírito e a alma já estão fora do corpo (Ec 12.7; Lc 16.19-31; Ap 6.9; 1 Ts 4.13-16). Com Jesus é diferente. Ele não fala com defuntos. Enquanto nós perdemos toda a comunicação com quem morre — porque estamos, por enquanto, presos a esse mundo material e físico —, para Deus a única mudança é que os que já morreram deixaram essa habitação terrena, mas continuam a existir, como alma e espírito, podendo ouvir plenamente sua voz. Falando aos saduceus sobre a ressurreição, Jesus afirmou: “Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, porque para ele vivem todos” (Lc 20.38).

É por isso que Jesus, como Filho de Deus, não fala “defunto”, mas o chama pelo nome: “Lázaro, vem para fora” (11.43). Essa ressurreição, assim, é um chamado pessoal de volta à vida. Jesus chamou a Lázaro e ele saiu da sepultura. Mesmo depois dessa declaração, o narrador continua a referir-se ao defunto: “E o defunto saiu...” (11.44). O mesmo acontece na narrativa da ressurreição do filho da viúva de Naim. Todos se referiam ao defunto, mas Jesus disse: “Jovem, eu te digo: Levanta-te” (Lc 7.14).

João não fornece informação alguma sobre o que ocorreu após evento tão extraordinário, senão que “Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo a Maria e que tinham visto o que Jesus fizera creram nele” (11.45). Ficamos a imaginar, portanto, como Lázaro, Marta e Maria se regozijaram, e como os discípulos ficaram impactados com tão tremenda revelação.

A Ressurreição no Presente

Outro aspecto a ser destacado no estudo desse texto é o fato de Marta haver demonstrado profundo conhecimento teológico em sua conversa com Jesus, mas sem uma compreensão completa do poder do Filho de Deus. Embora tenha falado claramente da ressurreição do último Dia (11.24), além de ter confessado sua fé em Cristo, “o Filho de Deus que havia de vir ao mundo” (11.27), não demonstrou crer que Ele poderia operar milagre de ressurreição no presente.

Esse é um exemplo de como nossa compreensão teológica, por mais profunda que seja, ainda pode apresentar grandes limitações espirituais. Precisamos continuar buscando a Deus e examinando as Escrituras para que nossa compreensão das verdades divinas seja aprofundada a cada dia. Outra questão relacionada a Marta é que com seu conhecimento de doutrina — o que é altamente relevante — ela não tocou o coração de Jesus como Maria, com seu

gesto de adoração e quebrantamento (11.32,33). Como sabemos, Maria sempre demonstrou mais devoção do que Marta, a qual andava distraída com suas tarefas domésticas (Lc 10.38-42).

O texto é claro ao dizer que quando Jesus viu Maria chorar, “moveu-se muito em espírito” e também chorou (11.33-35). Pela sequência da narrativa, o texto também indica que Maria se dispôs a levar Jesus até a sepultura de Lázaro, quando o Mestre perguntou onde puseram Lázaro (11.32-34). A lição espiritual que extraímos é: conhecimento teológico é importante, mas sem quebrantamento não se alcança o coração de Deus (Sl 51.17). Maria alcançou esse quebrantamento porque tirava tempo para ficar aos pés de Jesus (Lc 10.39; Jo 12.3).

A Soberania de Deus

A experiência vivida por Lázaro e suas irmãs nos faz refletir sobre a soberania de Deus. Quando pensamos na soberania de Deus, somos logo tentados a vê-lo realizando sua vontade de maneira implacável, sem a mínima participação do homem nesse processo. É o determinismo de que já falamos, que costuma ser apresentado como rígido ou suave, ou seja, incompatibilista ou compatibilista.⁷ Deus é plenamente soberano, e, em sua soberania, nos dotou de livre-arbítrio.

Crer no determinismo é pisar em terreno pantanoso, em areia movediça. Um dos seus reflexos é considerar o ser humano uma mera vítima de desejos que não tem poder algum de controlar. Assim, não teria culpa por seus atos. Imagine isso em casos específicos, como de pedófilos e homossexuais que justificam suas condutas pelos desejos que sentem. Imagine se todos nós fôssemos cumprir todos os nossos desejos... quantas mazelas faríamos todos os dias! As Escrituras nos dizem que é sim possível triunfar sobre as vontades da carne, as concupiscências das quais tanto falou o apóstolo Paulo. Como alcançar isso? Andando em Espírito (Gl 5.16-18; Rm 8.1-14).

Por essa e muitas outras razões teológicas e implicações práticas, não resta dúvida de que o determinismo é uma visão que não confere com as Escrituras. Mas há outro extremo, também enganoso, que apresenta um Deus de atributos limitados, que se vê incapacitado diante de circunstâncias criadas pelo homem ou dependente da criatura e afetado por ela. Já falamos um pouco sobre isso quando tratamos da Teoria da Kenosis, no capítulo anterior, mas é preciso enfatizar, ainda, a presença desse pensamento no falso ensino do Teísmo Aberto,

[...] uma invenção teológica subcristã que declara que o maior objetivo de Deus é entrar num relacionamento recíproco com o homem, onde o Criador é afetado pela criatura e aprende com ela; todas as referências bíblicas a Deus devem ser interpretadas sem qualquer antropomorfismo; Deus criou um mundo onde Ele pode ser afetado pelas escolhas dos

homens; e Deus não conhece o futuro plenamente, nem as escolhas livres que suas criaturas ainda farão.

[...]

Em outras palavras, o Teísmo Aberto apresenta um Deus mais humano, mais vulnerável, que não tem tanto controle sobre as coisas. Por isso, acreditam que é um Deus mais palatável para as pessoas que querem entender o problema do mal no mundo sem culpar a Deus.⁸

Uma compreensão errada de Deus e de seu relacionamento conosco pode nos levar a frustrações espirituais e até mesmo a incredulidade e afastamento de Deus. No episódio envolvendo os amigos de Jesus que viviam em Betânia, não encontramos nenhum sinal de que o enfermo tenha murmurado diante da ausência de Jesus e da piora de seu quadro, mas encontramos suas irmãs repetindo uma certa frustração: “Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” (11.21,32). Embora não seja possível afirmar que isso representasse uma censura a Jesus, indica, no mínimo, que a expectativa que tinham não foi atendida, já que haviam mandado avisar ao Mestre da enfermidade do irmão (11.2). Já quanto aos judeus que estavam na casa de Marta e Maria, é possível ver censura pela não assistência ao amigo: “Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer também com que este não morresse?” (11.37). Não nos esqueçamos de que os próprios discípulos em algumas ocasiões não compreendiam os atos de Jesus e chegavam a duvidar de seu caráter, quando, por exemplo, consideraram que Ele não se importava que pudessem perecer no mar, em meio à tempestade (Mc 4.35-38).

Precisamos discernir as causas e naturezas das circunstâncias que vivemos: quando decorrem de nossos erros, que precisam ser reconhecidos e corrigidos, e quando refletem um propósito específico de Deus, que pode não estar relacionado a um estado de pecado e culpa. Não entender as circunstâncias que nos cercam, inclusive quando são decorrentes da ação divina, pode nos levar a quadros de frustração.⁹ Como resolver isso? Buscando a Deus de maneira correta, ou seja, de acordo com Sua Palavra. Como acentua o pastor Silas Daniel:

A Bíblia diz que, para encontrar Deus, não basta ser sincero na busca. Esse é o principal requisito, mas ainda falta outro essencial: Deus deve ser buscado corretamente. Jesus disse que “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade” e que o Pai procura aqueles que “assim o adorem” (Jo 4.23). Perceba: a adoração que Deus quer não é apenas em espírito, mas também *em verdade*. Ora, a verdade é a Palavra (Jo 17.17). Logo, a fé que leva a Deus é a que vem pelo ouvir a Palavra de Deus (Rm 10.17). Só quem é levado ao conhecimento de Deus pelas Sagradas Escrituras pode encontrá-lo verdadeiramente. Não será confundido.¹⁰

O que ocorre, por vezes, é que não queremos dedicar tempo para buscar a Deus e a Sua Palavra, ou seja, pelos meios que ela nos indica, dentre os quais se destaca a oração. Preferimos nos enganar com falsos discursos, com promessas de soluções fáceis, que não exigem de nós atitudes concretas, que demandam arrependimento e obediência perseverante (Jo 8.30-32). Para nós todos e para essa geração do *drive thru*¹¹ escreve Tiago:

Pelo que, rejeitando toda imundícia e acúmulo de malícia, recebei com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar a alma. E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. (Tg 1.21,22)

Quando não buscamos conhecer a Deus corretamente através de Sua Palavra, somos presas fáceis do engano, e isso nos leva a ter uma vida espiritual infrutífera, cheia de equívocos e frustrações. Silas Daniel ressalta que isso ocorre não apenas com pessoas que não são devotas, mas, inclusive, com algumas que são, mas não exercitam sua devoção corretamente:

[...] a busca devotada por Deus deve estar baseada em uma compreensão correta acerca dEle. Premissas teológicas equivocadas gerarão consequências desastrosas para o adorador.

[...]

O ponto neurálgico de todo o problema é: Quem busca a Deus de forma equivocada acaba encontrando qualquer coisa, menos o verdadeiro Deus. Só O encontra quem sabe o que busca.¹²

O autor supracitado avança em sua abordagem do tema e afirma que há, também, o perigo de se estar buscando a Deus com uma compreensão correta acerca de quem Ele é, mas ainda com “conceitos errados que temos sobre a vida cristã em si e sobre nós mesmos”.¹³ Em suma, precisamos prosseguir em uma busca sincera e humilde de Deus, vivendo de acordo com Sua Palavra, para que venhamos a experimentar Sua vontade. Como escreveu Paulo aos romanos:

Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-

vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Rm 12.1,2)

Lázaro desenvolveu um relacionamento profundo com Jesus, a ponto de o Mestre encontrar nele alguém em quem podia manifestar sua glória. Isso pode ser visto não somente no fato de ter vencido o período da enfermidade sem vacilar na fé, como, também, por ter sido ressuscitado e permanecido um amigo dependente de Jesus (12.1,2). Outrossim, a ressurreição de Lázaro fez com que também ele fosse alvo da fúria dos judeus, que planejaram matá-lo (12.9-11). Precisamos, portanto, estar preparados para que a vontade de Deus se cumpra em nós em toda sua plenitude (Lc 1.38). Que Ele nos dê graça para permanecermos fiéis até o fim, crendo em Cristo, a ressurreição e a vida (Ap 2.10).

¹ Não é a mesma Betânia mencionada em João 1.28 e 12.1-10.40. Veja que a localização dessa outra Betânia é próxima do rio Jordão: Segundo o *Dicionário Bíblico Wycliffe*, o local “ficava do lado leste do rio Jordão [e] poderia ter sido chamado de Betábara (‘casa do vau’) como também Betânia” (p. 286).

² *Thanatos*, no grego, é “a separação da alma (a parte espiritual do homem) do corpo (a parte material), o último cessar de funções e a volta para o pó (por exemplo, Jo 11.13; Hb 2.15; 5.7; 7.23). (*Dicionário Vine*. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 801.)

³ Naquela época, os judeus, diferentemente de outros povos antigos, sepultavam o corpo no mesmo dia da morte (*Comentário Bíblico Pentecostal*. CPAD, 2017, p. 225).

⁴ João informa no versículo 40 do capítulo 10 que Jesus estava “para além do Jordão, [no] lugar onde João tinha primeiramente batizado”. Ou seja, estava na região da Pereia, “talvez a uma distância entre trinta e cinquenta quilômetros” de Betânia (*Comentário Bíblico Beacon*, vol. 7, p. 102).

⁵ CARSON, D. A. *O Comentário de João*. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 407,411.

- ⁶ GILBERTO, Antonio. *O Calendário da Profecia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 42.
- ⁷ DANIEL, Silas. *Arminianismo: A Mecânica da Salvação*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 409.
- ⁸ DANIEL, Silas. *A Sedução das Novas Teologias*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 156,57.
- ⁹ Com o surgimento do Neopentecostalismo, o Pentecostalismo Clássico foi bastante afetado com uma crença que atribui toda e qualquer circunstância negativa a ações dos demônios. Precisamos ter cautela e buscar em Deus sabedoria e o necessário discernimento, porque, muitas vezes, é o próprio Senhor agindo para nos corrigir e ensinar (Tg 1.5; 2 Co 12.7-10; Hb 12.4-11). No caso de Lázaro, o propósito era manifestar a glória divina, revelando a deidade de Cristo.
- ¹⁰ DANIEL, Silas. *Como Vencer a Frustração Espiritual*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 19.
- ¹¹ Expressão em inglês que identifica um serviço de venda de produtos que possibilita ao cliente comprar sem sair do carro. Geralmente, são alimentos *fast food*. No texto, esse termo indica uma geração que quer soluções espirituais rápidas e fáceis, que não exijam compromisso.
- ¹² *Op. cit.*, p. 19.
- ¹³ *Ibidem*, p. 24.

Jesus Vence a Morte

João 20.1,2,9,11-14,16,17

Neste capítulo estudaremos sobre a ressurreição de Jesus dentre os mortos, o evento de confirmação da obra redentora de Cristo, a prova cabal de que o sacrifício na cruz foi aceito e a morte definitivamente vencida (At 2.20-24; 1 Co 15.55-57).¹ Como destaca Matthew Henry, era “a última e mais convincente prova de que [Jesus] era o Messias”, evento para o qual Ele mesmo apontava durante seu ministério (Jo 10.17-18; Mt 17.22,23; 20.17-19; Lc 18.31-34; Mc 9.9).² Como fato histórico, trata-se de evento indubitável, registrado pelos quatro evangelistas, que apontam não somente o sepulcro vazio, mas também Jesus aparecendo vivo em diversas ocasiões (Mt 28.1-20; Mc 16.1-14; Lc 24.1-49; Jo 20,21). Lucas escreve a Teófilo ressaltando que “depois de ter padecido, [Jesus] se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles [os discípulos] por espaço de quarenta dias e falando do que respeita ao Reino de Deus” (At 1.3). A ressurreição, portanto, não é mais uma questão de prova histórica, mas de fé, de crença em seu significado e poder, conforme o Evangelho.

Os Evangelhos não são livros biográficos, contudo, se fossem, seriam diferentes de todos os demais, porque não terminam com a

morte do biografado.³ Jesus ressuscitou ao terceiro dia, triunfando sobre a morte. O Filho veio à Terra para glorificar ao Pai e consumou a obra que lhe foi confiada (17.4). Quando se entregava à morte para completar todo o processo de obediência (Fp 2.8), ansiava ser glorificado pelo Pai, “com aquela glória que tinha [com Ele] antes que o mundo existisse” (17.5). O Jesus-homem ressuscitaria dentre os mortos para continuar existindo como o Filho de Deus eterno, ou seja, “Jesus Cristo, homem” (1 Tm 2.5). Esse é o maior de todos os mistérios da cristandade, tema deste capítulo.⁴ Como nosso propósito é estudar com a maior abrangência possível o conteúdo do Evangelho de João, faremos, inicialmente, uma análise dos principais pontos que antecedem o capítulo 20, que narra o triunfo de Cristo sobre a morte.

A Singular Estrutura de João

Não é lugar-comum⁵ repetir que a estrutura do Evangelho de João é muito distinta dos demais Evangelhos, os sinóticos, principalmente quando se verifica a radical alteração que se dá no conteúdo a partir do capítulo 13. Enquanto Mateus, Marcos e Lucas seguem registrando os milagres de Jesus e seus ensinamentos, especialmente por parábolas, João encerra as narrativas dos eventos públicos do ministério de Cristo e passa a revelar, de forma inédita, detalhes dos seus últimos momentos em Jerusalém, em seu contato reservado

com os discípulos e em sua comunicação com o Pai horas antes da agonia no Getsêmani, de sua prisão, de seu julgamento, de sua crucificação e de sua morte. São cinco capítulos dedicados ao registro do que aconteceu em poucas horas, no dia anterior à morte de Jesus. Dentre essas ocorrências, temos o ato de lavar os pés dos discípulos, as últimas instruções e a oração sacerdotal.

O Lava-Pés e a Humildade de Cristo

O lava-pés dos discípulos fez parte das cenas de despedida do Mestre.⁶ Enquanto a expectativa dos seguidores de Jesus era a de que a conclusão de seu ministério fosse gloriosa, com a assunção do controle político e a devolução do reino a Israel (At 1.6), Cristo joga uma bacia de água — literalmente — em toda a presunção dos discípulos, lavando-lhes os pés:

O ato comovente de Jesus haver lavado os pés dos discípulos teve lugar na última noite da sua vida terrena. Ele assim fez (1) para demonstrar a seus discípulos quanto os amava; (2) para prefigurar o sacrifício de si mesmo na cruz; e (3) para comunicar a seus discípulos a verdade de que Ele os estava chamando para servirem uns aos outros em humildade. A ânsia de grandeza tinha sempre inquietado os discípulos (Mt 18.1-8; 20.20-27; Mc 9.33-37; Lc 9.46-48). Cristo queria que eles percebessem que o desejo de ser o primeiro – ser maior e receber mais honra do que outros crentes – é contrário ao espírito do seu Senhor. (Lc 22.24-30; Jo 13.12-17, 1 Pe 5.5)⁷

Como deve ter sido considerado paradoxal um Mestre tão poderoso, o qual havia feito tão grandes milagres e sinais, estar agora lavando os pés de seus discípulos (13.5)! Simão Pedro

hesitou, dizendo: “Senhor, tu lavas-me os pés a mim?” (13.6). Os discípulos não compreenderiam mesmo aquele gesto: “O que eu faço, não o sabes tu, agora, mas tu o saberás depois” (13.7). Tudo isso fazia parte da demonstração da plena humildade de Jesus, que lhe credenciaria a conquistas gloriosas — os méritos de Cristo⁸ — como a ressurreição dentre os mortos e a completa redenção da humanidade.

O pastor sul-africano Andrew Murray (1828-1917) escreveu um clássico sobre a humildade de Cristo, no qual apresenta a necessidade dessa auto-humilhação para a obra de redenção, para o completo destronamento dos poderes do Diabo, cujo pecado teve como raiz o orgulho, que atingiu a raça humana sendo instilado no coração de Eva. A redenção, portanto, consiste na plena libertação do orgulho, como diz Murray:

Quando a velha serpente, que foi expulsa dos céus por seu orgulho, cuja natureza completa como diabo era orgulhosa, falou suas palavras de tentação aos ouvidos de Eva, essas palavras levavam consigo o próprio veneno do inferno. E quando ela ouviu e entregou seu desejo e sua vontade à possibilidade de ser como Deus, conhecendo o bem e o mal, o veneno entrou em sua alma, sangue e vida, destruindo para sempre aquela abençoada humildade e dependência de Deus que teria sido nossa felicidade perpétua. E, em vez disso, sua vida e a vida da raça que brotou dela se tornaram corrompidas desde a *raiz* com o mais terrível de todos os pecados e maldições: o veneno do *orgulho* do próprio Satanás. Todas as desgraças das quais o mundo tem sido o cenário, todas as suas guerras e derramamento de sangue entre as nações, todo o egoísmo e sofrimento, toda a ambição e inveja, todos os seus corações partidos e vidas amarguradas, com toda a sua infelicidade cotidiana, têm sua origem no que este orgulho maldito e infernal – seja o nosso próprio ou o de outros – nos trouxe. **É o orgulho que faz a redenção necessária; é**

do nosso orgulho que precisamos, acima de todas as coisas, ser redimidos! E nossa compreensão da necessidade de redenção vai depender grandemente de nosso conhecimento da terrível natureza do poder que entrou em nosso ser. (Grifo nosso)⁹

Se observarmos bem, todo chamado de Jesus está relacionado a uma atitude de profunda humildade: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma” (Mt 11.29); são bem-aventurados os pobres de espírito e os mansos (Mt 5.3,5); a porta que conduz à vida eterna é estreita, e o caminho, apertado (Mt 7.13,14); a vida do discípulo deve ser de renúncia de si mesmo (Mt 16.24); para entrar no Reino de Deus é preciso nascer de novo (Jo 3.3-5); a recepção do Evangelho exige arrependimento e reconhecimento da condição de pecador (At 2.37,38); a arrogância sujeita o homem a todo tipo de perversidade (Rm 1.28-30); só o caminho da humildade nos faz desfrutar a graça de Deus (1 Pe 5.5,6).

Enquanto não compreendemos isso, podemos até ser bons religiosos, mas ainda não desfrutamos da profunda alegria do Cordeiro. Andrew Murray afirma que o orgulho tem sua raiz em um poder espiritual terrível, que produz muitos sofrimentos à vida humana, e que é preciso buscar libertação por intermédio da redenção operada por Cristo:

O poder que Satanás trouxe do inferno, e lançou para dentro da vida do homem, está operando diariamente, a todo tempo, com grande poder por todo o mundo. Os homens sofrem por sua causa; eles temem e lutam e

fogem disso, e ainda não sabem de onde isso vem e de onde provém sua terrível supremacia! Não é de admirar que eles não sabem onde ou como isso deverá ser vencido. O orgulho tem sua raiz e força em um terrível poder espiritual, tanto fora de nós como dentro; tão necessário como confessá-lo e lamentá-lo como sendo nosso próprio é conhecê-lo em sua *origem satânica*. Se isso nos leva a um desespero completo de, absolutamente, subjugar e expulsar esse orgulho, isso nos levará, o quanto antes, ao único poder sobrenatural no qual nossa libertação poderá ser encontrada: a redenção do Cordeiro de Deus. A batalha desesperada contra a atuação do ego e do orgulho dentro de nós pode, realmente, tornar-se ainda mais desesperadora quando pensamos no poder das trevas por trás de tudo isso; mas o desespero completo irá preparar-nos melhor para percebermos e aceitarmos um poder e uma vida fora de nós mesmos, que é a *humildade dos céus* tal como foi trazida para baixo e para perto pelo Cordeiro de Deus, a fim de expulsar Satanás e seu orgulho.¹⁰

A passagem relacionada ao lava-pés se une a tantas outras contidas no Evangelho de João, para enfatizar a profunda e plena humildade de Cristo. Justamente o Evangelho que se dedica mais a revelar sua divindade é repleto da revelação de sua humildade, como observa o já citado autor:

No Evangelho de João, temos a vida interior de nosso Senhor exposta a nós. Jesus ali fala frequentemente de Seu relacionamento com o Pai, dos motivos pelos quais Ele é guiado, de Sua consciência do poder e espírito [disposição] nos quais Ele atua. Ainda que a palavra “humilde” não apareça, não há qualquer outro lugar nas Escrituras onde vemos tão claramente em que consistia Sua humildade.¹¹

Andrew Murray apresenta uma seleção de passagens do texto joanino para destacar a profunda humildade de Cristo:

Ouças as palavras em que o Senhor fala de Seu relacionamento com o Pai, e veja como incessantemente Ele usa as palavras “não” e “nada” para referir-se a Ele mesmo. O “não eu”, no qual Paulo expressa sua

relação com Cristo, é o mesmo espírito no qual Cristo fala de Sua relação com o Pai.

“O Filho *nada* pode fazer de Si mesmo”. (Jo 5.19)

“Eu *nada* posso fazer de Mim mesmo (...) O Meu juízo é justo, porque *não* procuro a Minha própria vontade”. (v. 30)

“Eu *não* aceito glória de vem dos homens”. (v. 41)

“Eu desci do céu, *não* para fazer a Minha própria vontade”. (6.38)

“O Meu ensino *não* é Meu”. (7.16)

“*Não* vim de Mim mesmo”. (v. 28, ARC)

“*Nada* faço por Mim mesmo”. (8.28)

“*Não* vim de Mim mesmo, mas Ele me enviou”. (8.42, ARC)

“Eu *não* procuro a Minha própria glória”. (v. 50)

“As palavras que Eu vos digo, *não* as digo por Mim mesmo”. (14.10)

“A palavra que estais ouvindo *não* é Minha”. (v. 24)¹²¹³

O Jesus que venceu a morte não foi um homem exaltado, cheio de si. Pelo contrário! Sua profunda humildade foi a causa de sua completa vitória (Fp 2.5-11). O que Ele mais quer compartilhar conosco, para nossa completa redenção, é sua sobrenatural humildade. Na eternidade poderemos desfrutar de sua glória, se hoje recebermos sua mais perfeita humildade (1 Jo 3.2). Roguemos ao Senhor todos os dias, para que nos liberte de todo e qualquer orgulho e presunção, nos fazendo mais e mais humildes. Às vezes, isso pode requerer algum espinho na carne (2 Co 12.6-10). O que importa é termos sempre sua graça e permanecermos firmes, para completa conservação de nossa alma (Hb 10.39). O Diabo nos incita para o orgulho, mas Cristo nos convida à humildade. Não nos esqueçamos disso!

As Últimas Instruções aos Discípulos

Em seus últimos momentos com os doze, Jesus passa a anunciar abertamente o momento de sua partida: “Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco. Vós me buscareis, e, como tinha dito aos judeus: para onde eu vou não podeis vós ir, eu vo-lo digo também agora” (13.33). Observando as palavras de Jesus, vemos em que o apóstolo João teve inspiração para dirigir-se aos membros de sua igreja como “filhinhos”, uma expressão que expressa ternura e cuidado, como vemos seguidas vezes em suas Epístolas (v.g. 1 Jo 2.1,12,18,28; 3.7; 4.4). Em seguida, Jesus afirma que a marca preponderante dos seus discípulos deveria ser o amor: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (13.35).

Não haverá a unidade pela qual Jesus orou (17.20-23) sem que, antes, haja a prática do amor entre os irmãos. A igreja não pode ser vista, jamais, como apenas um local de reunião para eventos, ainda que revestidos de caráter espiritual. Ela precisa ser um lugar de compartilhamento (At 2.42-47), de suportar e perdoar uns aos outros (Cl 3.12,13). Não há verdadeiro amor sem que haja a disposição de conviver pacientemente com todos (1 Ts 5.14), com doação e abnegação. Paulo exorta os crentes de Colossos a que se revestissem de “entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra

outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também” (Cl 3.12,13).

Não há cristianismo verdadeiro quando fazemos da igreja¹⁴ apenas um lugar de culto, sem qualquer comprometimento pessoal. Deus nos dá a oportunidade de conviver com pessoas diferentes, as quais nos desafiam para desenvolver em nós o caráter de Cristo. Fugir dessa verdade não é ser mais espiritual. Pelo contrário! A maturidade cristã só vem quando realmente nos exercitamos em amor, o caminho mais excelente, como expôs Paulo (1 Co 12.31; 13.1). O pastor Antonio Gilberto observa exatamente isto: que a maturidade espiritual não se adquire com o exercício dos dons. Ele ensina que a maturidade cristã

É tanto um estado quanto uma qualidade daquele que alcançou, através da graça de Cristo, o pleno desenvolvimento espiritual, moral, afetivo e social. Esse amadurecimento não se adquire com o exercício dos dons ou mesmo pelo tempo de conversão. É possível praticar os dons e ser ainda menino (1 Co 14.20), ignorante (1 Co 12.1) e carnal. (1 Co 13.1)¹⁵

O que é um cristão espiritualmente maduro e como isso pode ser alcançado? O teólogo assembleiano responde:

Segundo Efésios, este crente cresce à “medida da estatura completa de Cristo”, isto é, o caráter de Jesus desenvolve-se progressivamente em sua vida.

[...]

Através dos ministérios da igreja, do desenvolvimento do fruto do Espírito (Ef 4.7-16; Gl 5.22), da leitura das Escrituras (2 Tm 3.16) e das recomendações encontradas em 1 Ts 5.16-23, o crente atinge o seu objetivo – a maturidade cristã.¹⁶

O pentecostalismo atual tem se afastado muito dessa realidade, imaginando ser suficiente os dons espirituais. Eles — os dons — são muito importantes, mas nada representam se não houver amor (1 Co 13.1). A falta de compreensão dessa verdade tem levado muitas igrejas a supervalorizar os dons, o que termina por trazer empobrecimento espiritual, inclusive na área do carisma, porque a ausência do amor leva ao esfriamento do desejo de congregar, o que se reflete em uma vida cristã cada vez mais apática, criando um ambiente inadequado para a obtenção e o exercício dos dons.

É preciso ter disposição para praticar o amor ensinado por Jesus. Como ensina Paulo,

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. (1 Co 13.4-7)

O Papel do Espírito Santo

Nos últimos anos, tem sido dada considerada ênfase para a teologia lucana (Lucas-Atos), especialmente para demonstrar a atualidade dos dons espirituais. João, todavia, apresenta uma pneumatologia mais voltada para a obra interior do Espírito, não relacionada, necessariamente, com a experiência demonstrada por meio do carisma. Justamente por ser conhecido como o apóstolo do amor, embora tenha falado também do Espírito na experiência inicial do

batismo (Jo 1.32,33) — o mesmo batismo de fogo de que fala Lucas (Lc 3.16) — João registra, de forma inédita, as palavras ditas por Jesus aos discípulos sobre o contínuo ministério do Espírito Santo no interior do crente.

Jesus falou do Espírito da verdade, o qual não apenas habitaria com os discípulos, mas estaria neles, o que se cumpriu após sua ressurreição (14.17; 20.22). Trata-se de uma morada permanente em todos os regenerados. Como se sabe, essa é uma obra distinta do batismo no Espírito Santo, que é uma experiência marcada pelo falar em línguas (At 1.4-8). Já essa morada permanente habita em todos que nascem de novo e vivem em contínua comunhão com Deus, conservando-se como templo e morada do Espírito Santo (1 Co 6.19).

Esse outro Consolador¹⁷ tem como missão nos ensinar todas as coisas pertinentes ao Reino de Deus (14.26). Ele nos guia em toda a verdade (16.13), o que é imprescindível especialmente nesses dias, quando cresce o engano espiritual (1 Tm 4.1). Ele testifica de Cristo (15.26) e o glorifica (16.14). É dEle o exclusivo papel de convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo, ou seja, não há como alguém ser salvo por um mero assentimento mental da doutrina cristã. É preciso haver essa obra do Espírito (16.8-11). Para não sermos enganados por filosofias ou doutrinas estranhas, precisamos viver em comunhão permanente com o Espírito Santo, em tempos de tanta apostasia (1 Tm 4.1; 2 Ts 2.3).

Prisão e Crucificação

Em diversas ocasiões, durante seu ministério, Jesus afirmou que não havia chegado a hora (Jo 2.4; 7.6,8,30,43,44; 8.20). Vimos isso em capítulos anteriores, especialmente no de número 10. Agora, orando ao Pai, Ele diz claramente: “É chegada a hora” (17.1). Terminada a intercessão pelos discípulos, daqueles e de todos os tempos (o que nos inclui),¹⁸ Jesus saiu da cidade, atravessou o ribeiro do Cedrom e entrou no horto que ali havia, o Getsêmani. Ele e “seus discípulos” (18.1). Foi no jardim que Jesus, mais uma vez e de forma definitiva, entregou-se à vontade do Pai, a despeito de tudo o que enfrentaria nas últimas horas de vida (Mt 26.39-42). Seu exemplo de abnegação e renúncia deve ser seguido por todos que professam seu nome (1 Pe 2.21). Tudo o quanto o Pai pedir precisamos fazer com alegria, confiando sempre em sua perfeita e soberana vontade.

As últimas horas de Jesus foram de intensa agonia. Um julgamento cercado de ultrajes e escárnio (18.12-40). Um processo de completo abandono por parte dos discípulos, como havia predito (Mt 26.56). Pedro, o mais enfático, o negou três vezes (18.16-27). Enfim, os judeus religiosos tinham a Jesus preso, como tanto esperavam. Compareceu perante Anás e Caifás, o sumo sacerdote, para ser interrogado. Já tinham uma sentença de morte; queriam apenas formalizar o intento. Diante de Pilatos, o único fundamento

que apresentaram foi justamente o motivo de o terem rejeitado: “Nós temos uma lei, e, segundo a nossa lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus” (19.7).

Com isso, aquela geração de judeus estava declarando, de forma cabal, a completa rejeição do Filho de Deus, o que persiste até nossos dias pela absoluta maioria do povo de Israel. Preferiram a soltura de um criminoso, Barrabás (18.40), e exigiram a morte de Jesus (19.6,15).

Ele Venceu a Morte

No capítulo 11, Jesus, o Filho de Deus, revelou seu pleno poder sobre a morte quando ressuscitou Lázaro. Agora, no capítulo 20, Jesus, o Homem Perfeito, vence a morte quando ressuscita dentre os mortos (20.1-9).¹⁹ O ápice da vitória de Cristo é, sem dúvida, o fato de, no terceiro dia, ter ressurgido dentre os mortos. Sem a ressurreição não haveria redenção. Era necessário que a oferta fosse recebida pelo Pai, satisfazendo a justiça de Deus. Warren W. Wiersbe diz que “A cruz e o túmulo vazio são os ‘recibos’ de Deus, dizendo que a dívida foi paga”.²⁰ A confirmação, portanto, era devolver a vida ao Messias crucificado, pois, como diz Paulo, “[Ele] por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para nossa justificação” (Rm 4.25). Matthew Henry aponta, inclusive, para o fato de os inimigos de Jesus, os membros do clero judaico, terem

lutado para negar a ressurreição do Filho de Deus, reprimindo as notícias desse sinal (Mt 28.11-15).²¹

Porque era disto que dependia o cumprimento da sua missão pela nossa redenção. Se Ele der sua vida como um resgate, e não retomá-la, não parecerá que sua doação foi aceita como uma expiação. Se Ele ficar prisioneiro pela nossa dívida, e assim permanecer, nós estaremos perdidos 1 Coríntios 15.17.²²

Como já assinalamos, essa vitória de Cristo decorreu de todo um processo de obediência e entrega, que começou com sua decisão de submeter-se à encarnação (Fp 2.6-8). Iniciou-se aí o enfrentamento do império da morte, que a todos assombrava (Hb 2.14). Ao aceitar fazer-se semelhante aos homens, o Filho de Deus estava desafiando os poderes daquele que tinha o domínio desse império, o Diabo, por causa da condição pecaminosa de todos os seres humanos (Rm 3.9,10,23). É por isso que o escritor aos hebreus afirma que Jesus participou da natureza humana (carne e sangue), “para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão” (Hb 2.14,15).²³

Jesus viveu toda sua vida em plena obediência ao Pai: “em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hb 4.15). A partir da encarnação começou o processo de triunfo de Cristo sobre a morte: “Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu. E, sendo consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem” (Hb 5.8).

Ressuscitado pelo Pai

A morte e ressurreição de Jesus nos faz aludir às duas naturezas de Cristo, a divina e a humana, que na teologia é denominado de união hipostática. No Concílio de Calcedônia (451 d.C.), esse aspecto da Cristologia ficou bem definido, “Sendo o ponto culminante da luta contra uma longa fileira de heresias cristológicas, declarou que a fé ortodoxa no Senhor Jesus Cristo focaliza-se nas suas duas naturezas, a divina e a humana, unidas na sua Pessoa única”.²⁴ Sendo Deus assim como o Pai e o Espírito Santo, quando o Filho se fez carne era Deus vindo habitar entre os homens (Jo 1.14). Portanto, aquele Homem, Jesus de Nazaré, filho de Maria, era o próprio Deus, sendo uma Pessoa com duas naturezas (CI 2.9). Na obra *Teologia Sistemática*, editada por Stanley Horton, David R. Nichols faz referência ao trecho de uma carta de Cirilo a João de Antioquia, que reproduz:

Por isso confessamos que nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, é Deus completo e ser humano completo, com uma alma racional e um corpo. Ele foi gerado pelo Pai antes de todas as eras, quanto à sua divindade, mas no fim dos dias Ele nasceu, por amor a nós e para a nossa salvação, da Virgem Maria, quanto à sua humanidade. Ele mesmo é coessencial com o Pai, quanto à sua divindade, e coessencial conosco, quanto à sua humanidade, pois ocorreu uma união entre duas naturezas, em consequência da qual professamos um só Cristo, um só Filho, um só Senhor.²⁵

Como já vimos, o Filho não deixou de ser plenamente Deus por ter se encarnado, e também não deixou de ser plenamente homem por

ser Deus ao mesmo tempo. É um grande mistério não atingível por nossa limitada mente. O que queremos dizer, então, é que quando acontece a morte há a falência do corpo, mas, naturalmente, isso em nada comprometeu a essência divina. Como o sacrifício foi perfeito, a morte não poderia deter o corpo de Jesus. Por esse motivo, quando as mulheres chegam ao sepulcro, no primeiro dia da semana, já encontram o sepulcro vazio (٢٠.١,٢). Jesus não estava mais ali; e, agora, todas as vezes que aparece está em corpo glorificado, sem qualquer limitação física (Lc 24.29-31,36; Jo 20.19,26).²⁶

Há inúmeras referências ao ato de ressurreição de Jesus praticado pelo Pai. Pedro assim pregou no dia de Pentecostes: “Varões israelitas [...]: A Jesus Nazareno [que vós] crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela” (At 2.22-24). Outras passagens são: (At 3.15,26; 4.10; 5.30; 10.40; 13.30; 17.31; 1 Co 6.14, 15.15; 2 Co 4.14; Gl 1.1; Ef 1.20; Cl 2.12). Mas para que reafirmemos que a morte foi a sujeição do Jesus-homem, encarnação do Filho, sem reduzir em nada sua divindade e poder, existem, também, diversos textos que apresentam o próprio Filho operando a ressurreição.

Já tratamos desse assunto no capítulo 10, quando analisamos a declaração de Jesus: “[...] dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder

para a dar e poder para tornar a tomá-la. Esse mandamento recebi de meu Pai” (10.17,18). A retomada da vida decorreu, portanto, de uma autoridade que o Pai conferiu ao Filho, por sua completa entrega sacrificial. Ou seja, Ele conquistou esse direito. O fato de existirem passagens bíblicas que fazem referência ao Pai ressuscitando o Filho e outras ao próprio Filho devolvendo a vida ao corpo no qual havia encarnado são verdades equivalentes, pois, conforme diz Warren W. Wiersbe, “o Pai e o Filho operam juntos em perfeita harmonia (Jo 5.17,19)”.²⁷ Foi pela autoridade do Pai que o Filho assim agiu, como já ocorrera em todas as demais fases do processo redentivo. Não há como a mente humana conceber tudo isso, que se apresenta como um paradoxo, mas, como diz F. F. Bruce, “faz parte do relacionamento sem par que existe entre o Pai e o Filho”.²⁸

O Valor da Ressurreição

A ressurreição de Jesus é muito mais do que um fato, é poder operante, capaz de transformar milhões e milhões de pessoas... Tantos quantos ouvirem e crerem no Evangelho, sem a necessidade de qualquer nova prova física ou material desse grande e glorioso milagre (Rm 1.16,17). O registro evidencial da ressurreição de Jesus nas Escrituras, com o assento das devidas testemunhas, era necessário para composição da revelação escrita. Está feito. Agora,

o poder do Espírito Santo, e não a apresentação de provas materiais, é o que evidencia, no interior do crente, que Jesus está vivo e é poderoso para salvar. Na verdade, nem mesmo os apóstolos creram por verem o sepulcro vazio. A fé foi gerada quando o entendimento deles foi aberto com a exposição das Escrituras,²⁹ tornando a ressurreição um fato imutável (Lc 24.26-32; 45-47).³⁰ Com diz A. W. Tozer:

O Espírito Santo veio retirar a evidência do cristianismo dos livros de apologética e carregá-la para dentro do coração humano, e é exatamente isso que Ele faz.

É possível ler o Evangelho de Jesus Cristo para os incrédulos de Bornéu, ou na África, pessoas que nunca conseguiram conceber a premissa básica de seus argumentos lógicos, então seria completamente impossível que eles decidissem, em termos lógicos, se o cristianismo é de Deus ou não. Pregue sobre Cristo a eles e acreditarão e serão transformados, abandonarão suas iniquidades e mudarão da maldade para a retidão e ficarão felizes com tudo isso [...]. Como? Pelo testemunho imediato do Espírito Santo no coração deles.³¹

A morte e ressurreição de Cristo foram o tema central da mensagem dos crentes primitivos, justamente porque esses fatos são a razão maior de nossa esperança (At 2.22-24,32; 3.13-15; 4.10; 8.5,32-35). Na igreja de Corinto havia, da parte de alguns, a negação da ressurreição dos santos. Paulo prega sobre a ressurreição invocando justamente o fato de Jesus ter ressurgido dentre os mortos: “Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de

mortos? E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou” (1 Co 15.12,13).

A ressurreição de Cristo, deste modo, é o fato e o fundamento maior da nossa fé e esperança, e no que consiste o poder de nossa pregação (1 Co 15.14).³² Além de apontar para um futuro de glória, a ressurreição de Jesus tem, também, um elevado e indispensável valor em nosso presente, que é dar sentido e propósito a nossa vida, tirando-nos da miserabilidade de uma existência meramente terrena e banal, que leva a desesperos como o existencialismo (1 Co 15.19). Em tempos tão sombrios, quando tristezas e angústias se multiplicam no mundo, em Cristo podemos desfrutar paz e alegria, sabendo que a vida não se resume a essa existência terrena. Há um céu que nos espera (Jo 14.1-3).

Com sua ressurreição, Cristo nos assegura plena vitória sobre a culpa do pecado, pelo perdão e pela purificação que recebemos por seu sangue derramado na cruz (1 Jo 1.7). Mais do que isso, Ele nos dá poder para viver livres do poder do pecado (Rm 6.8-15). Por sua ressurreição fomos vivificados e temos vida espiritual, pois Ele nos gerou de novo para uma viva esperança (Ef 2.1; 1 Pe 1.3). No presente, podemos desfrutar diariamente dessa nova vida, mantendo comunhão com Ele. E não precisamos temer o amanhã. Em Cristo temos vida eterna, pois Ele venceu a morte (Ef 1.14; 1 Jo 3.24; 4.13; 5.11-13).

- ¹ *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, p. 62. “Essa ressurreição significa a glorificação e exaltação de Jesus, a vitória esmagadora sobre Satanás, sobre o pecado, sobre a morte e sobre o Inferno.”
- ² HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Novo Testamento*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 1063.
- ³ Esta é uma paráfrase da declaração feita por Warren W. Wiersbe em seu *Comentário Bíblico Expositivo*, p. 500.
- ⁴ “Somente o cristianismo tem um Deus, que se tornou humano, que literalmente morreu pelo seu povo, e que ressuscitou novamente, em poder e glória, para governar seu povo, para sempre.” (*Bíblia de Estudo Cronológica. Aplicação Pessoal*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 1002)
- ⁵ “Lugar-comum. Argumento, ideia ou expressão muito conhecida e repisada; chavão, clichê.” (*Dicionário Aurélio*)
- ⁶ O gesto de Jesus tinha um valor simbólico específico, pedagógico e inspirador, mas que não representa a instituição de uma prática para a igreja. Não é repetido ou mesmo mencionado em qualquer outro momento, por Jesus ou pelos apóstolos. O registro de Maria ungindo os pés de Jesus é absolutamente específico e até diferenciado (Jo 12.1-3), enquanto a referência feita por Paulo a Timóteo em relação às viúvas está claramente relacionada com a antiga prática de recepção aos hóspedes (1 Tm 5.10), referida com esse sentido em algumas passagens do Antigo Testamento (Gn 18.4; 19.2; 43.24; 1 Sm 25.41). Deve-se observar que mesmo nessa prática doméstica, afeita à hospitalidade, os registros veterotestamentários indicam o anfitrião providenciando a água e o hóspede lavando os próprios pés. Assim, também por isso, não servem de suporte para a prática do lava-pés como um ato religioso e litúrgico. Todavia, assim como outras práticas mencionadas no Novo Testamento, se alguém assim o fizer de coração, em uma ou outra ocasião, como um gesto de verdadeira humildade e para a glória de Deus, não há como cogitar que não honre e agrade a Deus. Não podemos estabelecer padrões rígidos, pois Deus não age dessa forma. O erro é quando alguém elege determinada prática como regra espiritual e condena quem não a segue. Entender isso é compreender a verdadeira liberdade cristã (Rm 14.1-23).
- ⁷ *Bíblia de Estudo Pentecostal*, p. 1598.
- ⁸ Durante a Reforma Protestante, os reformadores enfatizaram os méritos de Cristo em contraposição às doutrinas católicas, que atribuíam valor espiritual aos “tesouros da igreja”, ao ensino das indulgências, à autoridade papal e aos santos. A Reforma pregava a centralidade de Cristo e plena suficiência da sua obra salvífica. Das 95 teses, a de número 58 menciona expressamente os “méritos de Cristo”.
- ⁹ MURRAY, Andrew. *Humildade. A Beleza da Santidade*. 3.ed. São Paulo: Editora dos Clássicos, 2005, p. 26,27.

- 10 *Ibidem*, p. 27,28.
- 11 *Ibidem*, p. 33,34.
- 12 *Ibidem*, p. 34,35.
- 13 As citações bíblicas seguem as versões utilizadas no original do texto citado.
- 14 Igreja no sentido de templo.
- 15 *Bíblia com Comentários de Antonio Gilberto*, p. 1753.
- 16 *Ibidem*.
- 17 “Outro”, no grego, é *allon*, “da mesma espécie”. O Espírito é Deus, tanto quanto o Pai e o Filho.
- 18 Jesus disse: “Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em mim” (Jo 17.20).
- 19 “ [...] foi como ser humano que Jesus morreu. Como Deus Filho, Ele vive eternamente com o Pai. Na experiência que Jesus teve da morte, temos uma das comprovações mais poderosas de que a sua humanidade foi completa. Ele era tão humano que sofreu a morte de um criminoso.” (HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática. Uma Perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 324,25)
- 20 WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo. Novo Testamento 1*. 1.ed. Santo André, SP: Editora Geográfica, 2012, p. 500.
- 21 Interessa notar que os próprios judeus não tinham como negar a ocorrência da ressurreição, porque eles mesmos haviam solicitado a Pilatos que o sepulcro fosse guardado com segurança. Isso fazia com que, para eles mesmos, fosse irrefutável a ressurreição (Mt 27.62-66).
- 22 *Op. cit.*, p. 1063.
- 23 Há uma longa discussão na teologia sobre até que ponto Jesus participou da nossa condição humana. David R. Nichols diz: “Na sua humanidade, Jesus participou dos resultados não-morais do pecado (de Adão e Eva) sem que *Ele mesmo se tornasse pecaminoso*”. HORTON, p. 332.
- 24 HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática. Uma Perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 327,28.
- 25 *Ibidem*.
- 26 Quando viram a Jesus ressuscitado, os discípulos pensaram estar vendo um espírito. Para que os discípulos não tivessem dúvida de que era o mesmo Jesus que havia sido crucificado, Ele mostra-lhes as mãos e os pés e diz que o tocassem, “pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho”. Mais do que isso, Jesus comeu peixe assado e mel diante deles (Lc 24.36-41).

- ²⁷ WIERSEBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo. Novo Testamento 1*. 1.ed. Santo André, SP: Editora Geográfica, 2012, p. 426.
- ²⁸ BRUCE, F. F. *João. Introdução e Comentário*. 1.ed. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 199.
- ²⁹ Nesse caso, o Antigo Testamento pregado pelo próprio Cristo ressuscitado.
- ³⁰ Em Atos observamos como os crentes primitivos tinham a ressurreição como um fato imutável, sem qualquer tipo de contestação pelos que criam, ou a necessidade de revolver-se a evidências ou provas materiais, embora estivessem tão perto dos fatos, dos lugares e das pessoas que testemunharam a ressurreição. Os apóstolos davam testemunho e a ressurreição era crida, produzindo imediato efeito transformador na vida dos ouvintes, como no Dia de Pentecostes (At 2.41). Conforme D. A. Carson observa: “Para João, como para todos os cristãos primitivos, a ressurreição de Jesus era o fato imutável sobre o qual a fé deles se fundamentava; e a fé deles, em grande parte, dependia do testemunho e do comportamento transformado daqueles que haviam realmente visto o Jesus ressuscitado”. (CARSON, D. A. *O Comentário de João*. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 633) Quanto a nós, hoje, temos esse testemunho nas Escrituras, inspiradas pelo Espírito Santo, que testifica de Cristo por meio da pregação e de sua comunhão diária com os crentes.
- ³¹ TOZER. A. w. *Como Ser cheio do Espírito Santo*. São Paulo: Ágape, 2019, p. 42,43.
- ³² *Declaração de Fé*, p. 62. “A morte e a ressurreição de Jesus são o centro da pregação do evangelho.”

Para que Creiais que Jesus É o Filho de Deus

João 20.26-31

João caminha para a conclusão de sua obra, quando anuncia o propósito de seus registros, como, aliás, se viu desde as primeiras palavras de seu Evangelho. Mais uma vez, vale-se da expressão “sinais”¹ e não “milagres”, e afirma: “Jesus, pois, operou também, em presença de seus discípulos, muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro” (20.30). O apóstolo explicita que são inúmeros os sinais não registrados, indicando como precisou fazer uma seleção (os 7 sinais) para compor seu testemunho pessoal da deidade de Jesus. Recordemos que, dos quatro evangelistas, somente João e Mateus (ou Levi)² foram testemunhas oculares dos sinais, porque compunham o colégio dos doze. Marcos e Lucas colheram de terceiros as informações para seus Evangelhos.

Ainda da expressão joanina, verificamos o cuidado de afirmar que os sinais foram realizados “em presença de seus discípulos”, indicando (1) que Jesus fez questão de agir publicamente, para que houvesse testemunho, e (2) que com o entendimento espiritual alcançado, os discípulos haviam identificado os milagres como o

que de fato eram, sinais ou provas da divindade de Jesus. Quanto ao propósito do registro joanino, reproduzimos o versículo-chave, que já mencionamos: “Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.31). Essa declaração de João nos concita a considerar o significado de cada título ou nome mencionado.

Jesus Cristo, Filho de Deus

Primeiro, João vale-se do nome “Jesus”, que foi dado ao homem, ao filho de Maria, conforme dito pelo anjo Gabriel, que a visitou: “E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus” (Lc 1.31). O filho que nasceria a Maria, depois do processo de concepção virginal,³ receberia o nome de Jesus.⁴ Assim, em sua humanidade, era esse o nome que identificava o Filho de Deus, à vista de todos. Mas a compreensão não poderia ficar restrita ao aspecto meramente humano. Então, João prossegue: “[...] que Jesus é o Cristo” (20.31). Era indubitável para todos que conviveram com Jesus que Ele era homem em sua natureza plena. O mundo testemunhou esse fato, mas Ele não era um homem comum. Era o Cristo, ou seja, o Messias ou o Ungido, o prometido a Israel no Antigo Testamento.^{5 6}

Aí já teríamos, portanto, um homem com uma missão especial, que seria resgatar Israel como nação. Mas isso não seria restrito

aos judeus. Sem a compreensão da divindade de Cristo, permitir-se-ia uma aplicação meramente nacional e terrena de sua missão, muitas vezes com conotação estritamente política.⁷ Para que houvesse a obra redentora, o homem Jesus precisaria ser mais do que um messias humano, um profeta. Precisaria ser um Messias divino, ou seja, o próprio Deus vindo à Terra para a missão redentora, por esse motivo João disse: “[...] Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”.⁸ O teólogo Benny C. Aker acentua esse propósito dos escritos joaninos:

A natureza deste Evangelho sugere que os crentes endereçados por João precisavam ser incentivados a permanecer crendo em Jesus como o Filho divino de Deus. [...] Para incentivar seus leitores, o autor escolheu seletivamente certos sinais milagrosos que formam a base da sua obra e estabelecem uma crença fundamental em Jesus como o **Messias divino. Este Messias não era o mesmo tipo de messias que o judaísmo esperava**, pois Jesus excedeu essa expectativa. O judaísmo tinha dificuldade em crer que Jesus era divino.⁹ (Grifo nosso)

A mesma observação quanto à necessidade da haver o reconhecimento do Messias divino, ou seja, como o Cristo revelado no Antigo Testamento, é feita pelo teólogo David R. Nichols. Se Cristo fosse apenas o Messias que Israel esperava, não haveria lugar para a igreja, que, no fim, reunirá judeus e gentios:

O Judaísmo esperava que o Messias desempenhasse um papel de destaque na libertação política da nação; o Cristianismo ensina que Jesus é verdadeiramente o divino Messias, embora tenha recusado o governo político na sua primeira vinda – o que, na teologia cristã, como realidade futura, leva à necessidade da segunda vinda. São duas verdades baseadas, obviamente, nos ensinamentos de Jesus relatados no Novo Testamento. As duas vindas de Cristo são dois polos no plano de

Deus, sendo cada um deles necessário para o quadro completo de Jesus, o divino Messias. Essa divisão das profecias não é possível na teologia do Judaísmo e continua sendo uma grande barreira entre os dois sistemas.¹⁰

Em João estava contemplada a revelação plena, que não foi compreendida pelos judeus: o homem Jesus é o Cristo (o Messias prometido no AT), sendo, Ele mesmo, o Filho de Deus.¹¹ Ou seja, Jesus, homem, era o Messias divino, e não apenas o Messias que o judaísmo esperava, para a restauração presente, terrena, de natureza política. NEle, o Reino de Deus terá uma consumação futura, que perpassará pela restauração espiritual dos judeus como nação, mas não sem antes abrir-se a oportunidade para redenção de toda a humanidade, de todo aquele que crer em Jesus Cristo, o Filho de Deus, sem distinção entre judeu ou gentio (Gl 3.26-28; Cl 3.11; Tt 2.11).

O Propósito de João

O propósito de João com seu Evangelho era levar sua comunidade — e a todos quantos tivessem contato com seus escritos — à fé na deidade de Jesus, o Messias. Isso teria um impacto espiritual extraordinário, não apenas nos primeiros séculos da igreja, mas por toda a história do cristianismo. Não pode haver salvação sem a fé nessa verdade, daí João dizer: “[...] e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (20.31). É exatamente a fé em Jesus, o Cristo, o Filho de Deus, que nos assegura vida eterna. O Verbo se encarnou

para nos redimir com seu sacrifício perfeito, oferecido voluntariamente na cruz do Calvário. Esse é o epílogo do Evangelho de João, o Evangelho do Filho de Deus.

Verifica-se, assim, que o propósito de João era de natureza dúplice conjunta: (i) registrar seu testemunho da revelação de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, para que, (ii) crendo nessa verdade, se tenha vida em seu nome. Não se trata, portanto, de um propósito sem um resultado específico. Isso refletia o eterno plano divino, que é trazer vida eterna ao homem por meio do Filho encarnado. Por esse motivo foram feitos tantos sinais evidentes de sua divindade, não apenas para mostrá-los aos homens, mas também para redimi-los de seus pecados. Para tal, o Verbo se encarnou (Jo 1.11-13). A João, assim como aos demais evangelistas — mas especialmente a ele, como já acentuado —, coube registrar esses sinais, a fim de levar seus leitores (e ouvintes) à fé. Assim, há um propósito divino, que é a encarnação redentiva, e um propósito doutrinal,¹² que é o registro dos sinais para consolidação da fé salvífica. Em todo esse processo, atuaram soberanamente as três pessoas da Trindade, desde a concepção eterna do plano de redenção à inspiração do ancião João para escrever o quarto Evangelho.

A Incredulidade de Tomé

No domingo da ressurreição, à tarde, Jesus apareceu aos discípulos, que estavam reunidos a portas fechadas, com medo dos judeus (20.19), talvez pelo fato de já circular a falsa notícia, plantada pelos sacerdotes, de que eles — os discípulos — teriam furtado o corpo de Jesus (Mt 28.11-15). Depois de saudá-los, Jesus mostrou-lhes as mãos e o lado, numa prova cabal de sua humanidade. O mesmo corpo crucificado havia ressurgido dentre os mortos, embora não mais sujeito a limitações físicas. Os discípulos se alegraram ao ver o Mestre. Foi nessa ocasião que Jesus soprou sobre eles o Espírito Santo, operando a obra de regeneração, como estudamos no capítulo 4.

Tomé não estava presente naquela ocasião, e soube depois do acontecido (20.24). Embora todos os discípulos testificassem de que haviam visto a Jesus, ele não acreditou no testemunho deles: “Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei” (20.26). A exigência de Tomé era muito específica. Oito dias depois Jesus reaparece, e se dirige diretamente ao discípulo descrente: “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente” (20.27).

Nenhuma outra exegese se permite ao texto, senão a de que Jesus considerou a atitude de Tomé uma nítida manifestação de incredulidade, pela rejeição do testemunho verbal. Ademais, foi

justamente a suficiência do anúncio da ressurreição que Jesus salienta em seguida: “Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram!” (20.29). Induvidoso, portanto, que Cristo enfatiza a necessidade de sua ressurreição ser acreditada por meio do testemunho, porque não se tratava de um fato inusitado, mas repetidas vezes anunciado por Ele e bem registrado nas Escrituras. Por isso Jesus valeu-se das profecias do Antigo Testamento para trazer compreensão aos discípulos, como registrado por Lucas (Lc 24.25-27,44-47).

A Exigência de Evidências

Era essencial que Jesus se apresentasse vivo com muitas e infalíveis provas (At 1.1-3), para que sua ressurreição ficasse registrada como um fato histórico, incontestável. As evidências comporiam a revelação divina pelas Escrituras inspiradas, as quais, pregadas, são o veículo suficientemente poderoso para que se creia na ressurreição e em seu poder: “a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10.17). De fato, tão logo foram cheios do Espírito Santo, os discípulos (agora apóstolos) começaram a pregar o Evangelho, com extraordinários resultados, a começar por Pedro, o pregador do Dia de Pentecostes. Quase três mil almas se converteram por meio da pregação (At 2.41). Isso vai se tornar uma característica marcante da Igreja Primitiva, que jamais se valeu da

apresentação de provas materiais ou argumentos filosóficos em sua missão kerigmática, ou seja, de pregação do Evangelho (Mc 16.15,20; At 4.31,33; 6.7; 8.4-8,14-17,30-38).¹³ Não é razoável que agora, há quase dois mil anos de História da Igreja, voltemos para antes do Pentecostes, quando o testemunho dos discípulos não tinha poder para produzir fé e se exigia evidências. Depois que a igreja recebeu o poder do Espírito Santo, é a pregação do Evangelho que tem o poder de levar o descrente à fé, não somente na ressurreição, mas em toda a obra da salvação (Rm 1.16). O Espírito Santo — e somente Ele — é quem pode convencer o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo (Jo 16.8,9).

A. W. Tozer (1897-1963), considerado um verdadeiro profeta do século XX, escreveu:

O problema é que estamos tentando confirmar a verdade do cristianismo apelando para evidências externas. [...] Estamos completamente no caminho errado, irmãos! Esse, definitivamente, não é o cristianismo do Novo Testamento. Esse é um apelo lamentável, choroso e tolo para a carne. Esse nunca foi o testemunho do Novo Testamento, nunca foi a maneira de Deus fazer as coisas — nunca! É possível satisfazer o intelecto dos homens com evidências externas, e Cristo, de fato, apontou para evidências externas quando esteve aqui na terra.¹⁴

Falando sobre o testemunho do Espírito Santo, que se dá na pregação da Palavra, Tozer prossegue:

[Jesus] disse, entretanto: “Estou enviando a vocês algo melhor. Estou retirando a apologética cristã do campo da lógica e colocando-a no campo da vida. Estou entregando minha deidade, e minha prova não será um apelo a um general ou primeiro-ministro.¹⁵ O Espírito do Deus vivo trouxe uma evidência que não precisava de lógica; ia direto para a alma

como um raio de luz, como o penetrar direto de uma lança afiada no coração.¹⁶

Seguir pela trilha da necessidade de evidências pode levar a situações insolúveis, porque não se pode utilizar o mesmo critério para as questões essenciais da fé cristã, como a encarnação do Filho de Deus. Quanto à ressurreição como um fato histórico, Eusébio de Cesareia (263-340 d.C.), no clássico *História Eclesiástica*, traz importante registro sobre a amplitude dessa crença mesmo entre as autoridades romanas:

A fama da notável ressurreição e ascensão de nosso Senhor havia se disseminado, de modo que, seguindo um antigo costume de os governantes das nações comunicarem ocorrências recentes ao imperador, para que nada lhes escape, Pôncio Pilatos transmite a Tibério um relato dos detalhes com respeito à ressurreição de nosso Senhor, cuja história já havia se espalhado por toda a Palestina. Nesse relatório, também comunicou que havia certificado outros milagres a respeito do Senhor e que, tendo sido já ressuscitado dos mortos, grande multidão de pessoas acreditavam ser Ele um Deus. Tibério apresentou a questão ao senado, mas diz-se que a proposição foi rejeitada, ao que parece, porque não tinham examinado a questão antes, de acordo com uma antiga lei entre os romanos, de que ninguém podia ser contado entre os deuses exceto por voto e decreto do senado; na realidade, porém, porque a doutrina salutar do evangelho não necessita de confirmação e de cooperação dos homens.

O senado dos romanos, portanto, rejeitou a doutrina de nosso Salvador conforme foi anunciada, mas Tibério mantendo ainda a opinião antes formada, não elaborou projetos irracionais contra a doutrina de Cristo. Esse é o testemunho de Tertuliano [...] em sua *Apologia* pelos cristãos...¹⁷

¹⁸

Destaca-se a observação feita por Eusébio de Cesareia sobre a não aprovação da doutrina pelo senado romano, que é o fato de que as verdades do Evangelho não necessitam de confirmação e de

cooperação dos homens. É o próprio Deus que por revelação ao espírito humano faz com que creia e compreenda o Evangelho em toda sua plenitude (Ef 1.7-13,15-23; 3.14-19). Destacando algumas expressões de Paulo, que disse: “Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça [...] em quem também vós estais, **depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação**; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa” (Ef 1.7,13). “[...] que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação, tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos [...] **que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e pondo-o à sua direita nos céus**” (Ef 1.17,18,20) (grifo nosso).

O próprio Paulo, sendo judeu devoto e tendo conhecimento de todas as notícias acerca da ressurreição de Jesus, era um terrível perseguidor da igreja, até que “este mistério [foi-lhe] manifestado pela revelação”, como “[tinha] sido relevado pelo Espírito aos [...] santos apóstolos e profetas” (Ef 3.3,5). Esta, pois, é a autêntica e sobrenatural obra de revelação do Evangelho, incluindo a ressurreição de Cristo e seu poder. Por isso mesmo, disse Paulo: “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las porque elas se

discernem espiritualmente” (1 Co 2.14). Como diz Tozer, “As verdades espirituais não podem ser recebidas pelos meios ordinários da natureza”,¹⁹ daí ser absolutamente inadequado tentar difundir a fé cristã apelando para a argumentação filosófica ou investigações históricas fundadas em documentos ou provas científicas. A Bíblia é a verdade, absolutamente suficiente para revelar ao homem o perfeito e eterno plano de Deus em Cristo, a Palavra encarnada. “Bem-aventurados os que não viram e creram!” (Jo 20.29).

Incredulidade e Heresias

Além da mentira orquestrada sobre o “desaparecimento” do corpo de Jesus, os judeus, presos ao engano, patrocinariam muitas heresias nos primeiros séculos da fé cristã, tentando perverter os “do Caminho” (At 9.9,23; 24.14,22).²⁰ Dentre essas heresias estava o gnosticismo, que surgiu como uma crença mesclada com a filosofia platônica, como explica D. A. Carson:

O gnosticismo não era um sistema de pensamento ordenado por contornos bem-definidos, mas (conforme assinalou um estudioso) “uma mixórdia teosófica”. Ele surgiu, em parte, do neoplatonismo que se desenvolveu mais de dois séculos antes de Cristo. Essa visão de mundo colocava o que é ‘espírito’ ou ‘real’ em oposição ao que é meramente material, temporal e sem importância. O gnosticismo ia mais longe, sustentando a existência de uma espécie de redentor-gnóstico que veio para as pessoas “espirituais” e que explicou a origem delas no mundo espiritual, libertando-as, portanto, de suas amarras ao mundo material por meio desse ‘conhecimento’ (do grego *gnôsis*) de sua verdadeira natureza. Aqueles que eram verdadeiramente ‘espirituais’ recebiam essa

mensagem; aqueles que eram totalmente materiais a rejeitavam. [...] No gnosticismo já maduro do século II, Jesus era identificado como esse redentor-gnóstico, e o evangelho de João, interpretado (ou mal interpretado) de modo a justificar esse sistema de ideias.²¹

O que se percebe é que os gnósticos tentaram usurpar a fé cristã para o seu próprio sistema dualístico, que concebia a existência de um constante confronto entre as forças do bem e do mal, ambas de origem divina. Com seus próprios “apóstolos”, os gnósticos se diziam cristãos, e tinham Cristo como uma emanção do Deus Perfeito, que teria sido enviado ao mundo para trazer ao homem um conhecimento elevado — daí a expressão grega “gnosis”, conhecimento — capaz de salvá-lo das amarras da matéria, o mundo mal, que teria sido criado por um “deus mal”, a quem identificavam como sendo o Deus do Antigo Testamento, uma emanção imperfeita do Deus Perfeito.

O gnosticismo não se apresentava em forma única, mas extremamente variada, como se verifica até nos dias presentes, por isso seus métodos “salvíficos” costumavam ser diversos. Nos primeiros séculos isso dependia do “apóstolo” que os difundia. Uns radicalizavam para o lado do ascetismo, negando todo e qualquer prazer ao corpo. Outros proclamavam a necessidade de plena profanação do corpo, também sob o argumento de livrar-se do mal que viam intrínseco na matéria. Dentre esses estava o heresiarca Carpócrates, cujos ensinamentos incitavam o hedonismo.

Para além da precisa refutação ao gnosticismo que João faz também por intermédio de suas Epístolas, rechaçando aos que negavam que Jesus Cristo veio em carne (1 Jo 4.2), seu Evangelho teve importância fundamental para a definição da Cristologia nos primeiros concílios da igreja, destacando-se a conclusão quanto às duas naturezas de Jesus, divina e humana, no já mencionado Concílio de Calcedônia.

Fé no Filho de Deus

João encerra seu Evangelho com mais uma autorreferência, deixando uma nova e definitiva evidência interna de ser ele o autor do livro. Depois de referir-se ao “discípulo a quem Jesus amava, e que na ceia se recostara também sobre o seu peito” (21.20), diz: “Este é o discípulo que testifica dessas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro” (21.24). Por mais que tentemos prescrutar a importância desse testemunho para o cristianismo em todos os tempos, não conseguiremos, nem de longe, compreender e aferir os extraordinários resultados que esse Evangelho já produziu em todo o mundo, como um poderoso instrumento de Deus para proclamar e produzir fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus. João escreveu, no momento certo, um conteúdo preciso, para um propósito específico para o qual foi dirigido pelo Espírito Santo. O quarto Evangelho, esse Evangelho espiritual, veio

completar o gênero e juntar-se ao conjunto das Escrituras Sagradas, como revelação completa de Deus para toda a humanidade.

João contribui de maneira singular para o descortinar da Doutrina de Cristo, para a compreensão desse grande e maravilhoso mistério, que é a encarnação do Filho de Deus e o que ela representa para nós. Em João descobrimos que crer em Jesus como Filho de Deus nos traz vida abundante, uma vida eterna da qual desfrutamos desde o presente, como participantes das virtudes que Cristo nos dá. Ele é o Deus Eterno, o Eu Sou, o Bom Pastor, o Pão da Vida, a Luz do Mundo, o Intercessor Fiel, o Doador do Espírito Santo, a Ressurreição e a Vida. Que o Espírito Santo ilumine nosso entendimento a cada dia, para que conheçamos mais a Jesus. Que Ele viva em nós e se manifeste ao mundo por meio de nós. “E sabemos que já o Filho de Deus é vindo e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro; e no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (1 Jo 5.20).

A Ele nosso tributo de gratidão, de honra, de louvor e de adoração!

¹ Como já enfatizamos, o termo grego usado por João é *semeion*, que significa “sinal, prova, marca”, indicando que os milagres realizados por Jesus incluíam o propósito específico de revelar sua divindade.

² Mateus 9.9; Marcos 2.13,14; Lucas 5.27,28.

³ O pastor Claudionor de Andrade faz uma observação relevante quanto ao uso da expressão “concepção virginal”, em vez de “nascimento virginal”, que, para a teologia católica, significa que “quando do nascimento de Jesus, saiu Ele do ventre de Maria sobrenaturalmente, deixando-a perpetuamente virgem”.

Ressalta, contudo, o erudito que “A Bíblia, porém, afirma que Jesus, embora sobrenatural e virginalmente concebido, teve um nascimento como o de qualquer outra criança”.

- 4 “Jesus é a forma grega do hebraico *Yeshua* (Josué), que significa ‘O SENHOR salva’ (Js 1.1). O termo define a futura missão do Filho de Maria, que é salvar o seu povo dos seus pecados (Mt 1.21). O pecado é o maior inimigo da raça humana, arruinando a vida e a alma da pessoa.” *BEP*, p. 1386,87.
- 5 “O termo grego *Christos* (‘Ungido’) traduzia o termo hebraico *mashiach*, que nossas Bíblias traduzem por ‘Messias’ ou, mais frequentemente, ‘Cristo.’” (HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 313)
- 6 O Evangelho de Mateus, que foi escrito para os judeus, deu ênfase ao caráter messiânico de Jesus, apresentando-o como o Filho de Davi (Mt 1.1).
- 7 Os judeus nutriam a expectativa de um libertador nacional. Um desses momentos de crença em seu papel político foi quando quiseram fazê-lo rei, logo depois da multiplicação dos peixes e pães, na Galileia (Jo 6.15). David R. Nichols lembra que o próprio Jesus evita ser identificado como o Cristo (Mt 16.20), porque sabia que esse título “[incluía] conotação de liderança política e militar, que não fazia parte das atividades do seu Reino na sua primeira vinda”. (HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 314)
- 8 “A história das promessas messiânicas, como foi apresentada nas Escrituras, começa com o registro da afirmação de Deus à serpente e a Eva no jardim do Éden, em relação à descendência de ambas. [...] Uma das primeiras profecias messiânicas é encontrada na bênção de Jacó, quando ele diz: ‘O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregação os povos’ (Gn 49.10) [...] O vidente Balaão também previu a vinda de um rei triunfante, como foi registrado em Números 24.17,19 – ‘Uma estrela procederá de Jacó, e um cetro subirá de Israel... E dominará um de Jacó...’ [...] Isaías viu o amanhecer de um novo dia através de um menino de paz, com nomes extraordinários que pertenciam a Deus, e que do trono de Davi exerceria um governo eterno de expansão ilimitada (Is 9.2-7). [...] Jeremias também se refere ao Messias como o Renovo: ‘Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra’ (Jr 23.5).” Outras referências acerca do Messias: (Mq 2.13; 5.2; Ez 34.23,24; Zc 9.9; Sl 2; 45.6,7; 89.3; Is 42.1-9; 49.1-6; 50.4-9). Após sua ressurreição, Jesus invocou justamente essas profecias para levar os discípulos à compreensão espiritual do seu messiado (Lc 24.25-27,44-47).
- 9 AKER, B. C. *João*. In. ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger (Eds.). *Comentário Bíblico Pentecostal*. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 484,85.
- 10 HORTON, Stanley. *Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 305.

- ¹¹ Essa coexistência das duas naturezas de Cristo (divina e humana) se dá pela união hipostática, como vimos no capítulo anterior. Uma Pessoa com duas naturezas, cada uma com sua própria substância ou *hipóstases*, sendo inconfundíveis e imutáveis, inseparáveis e indivisíveis, conforme declarado no Credo de Calcedônia (451 d.C.).
- ¹² Há uma longa discussão sobre se o propósito de João estava voltado para os crentes ou descrentes, ou seja, se sua visão era doutrinal ou evangelística. Prevalece o entendimento de que o apóstolo tinha em mente a comunidade de crentes em que vivia, o que não retira, por evidente, a forte característica evangelística de seu texto, notadamente porque é em seu Evangelho que estão os principais sermões cristológicos, e declarações áureas do propósito da salvação, como a de João 3.16. Assim, a aplicação evangelística de João é incontestável, sem prejuízo de toda a base doutrinária que representa, muito especialmente, como se sabe, na Cristologia. Estudiosos como D. A. Carson chegam a considerar que o propósito principal tenha sido evangelístico, não sem considerar que, ainda assim, “por toda a história da igreja esse evangelho serviu não só como um meio para alcançar os descrentes, mas também como um meio de instrução, edificação e conforto para os crentes” (CARSON, D. A. *O Comentário de João*. 1.ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 664).
- ¹³ “KERYGMA. Substantivo grego que quer dizer ‘pregação’ ou ‘proclamação’ e que se usa tanto para o fato como para o conteúdo da pregação” (GONZÁLES, Justo. *Breve Dicionário de Teologia*. 1.ed. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 181).
- ¹⁴ TOZER. A. W. *Como Ser Cheio do Espírito Santo*. Barueri, SP: Ágape, 2019, p. 43,44.
- ¹⁵ Tozer criticava o apelo que já se fazia na igreja norte-americana, há mais de 60 anos, ao fato de certas personalidades acreditarem no cristianismo, o que era apresentando como “prova” de veracidade da fé cristã.
- ¹⁶ *Op. cit.*, p. 44,45.
- ¹⁷ CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 50.
- ¹⁸ Eusébio cita ainda a explicação dada por Tertuliano sobre Tibério ter conservado sua opinião acerca da doutrina de Cristo: “[...] a Providência divina infundiu isso em sua mente para que o evangelho, tendo maior liberdade de ação em seu início, pudesse espalhar por todo o mundo”. (*Op. cit.*, p. 51)
- ¹⁹ TOZER, A. W. *Esse Cristão Incrível*. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1989, p. 53.
- ²⁰ A expressão “o Caminho” aparece somente em Atos e era usada para designar os seguidores de Cristo do primeiro século, que os judeus consideravam integrar uma seita. Segundo French L. Arrington, “Quando depois Paulo confessa que persegue o ‘Caminho’ (At 22.4), ele quer dizer a comunidade cristã e sua mensagem da morte e ressurreição de Jesus. Em

Atos, 'o Caminho' refere-se à comunidade cristã e sua proclamação de Jesus, e a um particular modo de vida resumido como discipulado cristão" (ARRINGTON, French L. & STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal. Novo Testamento. Vol 1.* 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p.673).

²¹ *Op. cit.* p. 26,27.



MATURIDADE ESPIRITUAL DO LÍDER

Orientações Bíblicas para
um Ministério Eficaz



SILAS QUEIROZ

Maturidade Espiritual do Líder

Queiroz, Silas

9786559681716

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em quatorze capítulos, o autor mostra que apenas líderes espiritualmente maduros são capazes de conviver com hostilidades e rejeições, de suportar as provas de Deus, de valorizar o companheirismo, de discernir o princípio de autoridade e de adquirir uma vida disciplinada. ricamente embasado nas Escrituras e, contextualizado com a realidade da igreja atual, Silas Queiroz apresenta alguns níveis de maturidade que o líder precisa alcançar em sua difícil, mas gloriosa jornada de serviço a Deus.

[Compre agora e leia](#)



ELIENAI CABRAL

O Apóstolo Paulo

*Lições da Vida e Ministério do Apóstolo
dos Gentios para a Igreja de Cristo*

O Apóstolo Paulo

Cabral, Elienai

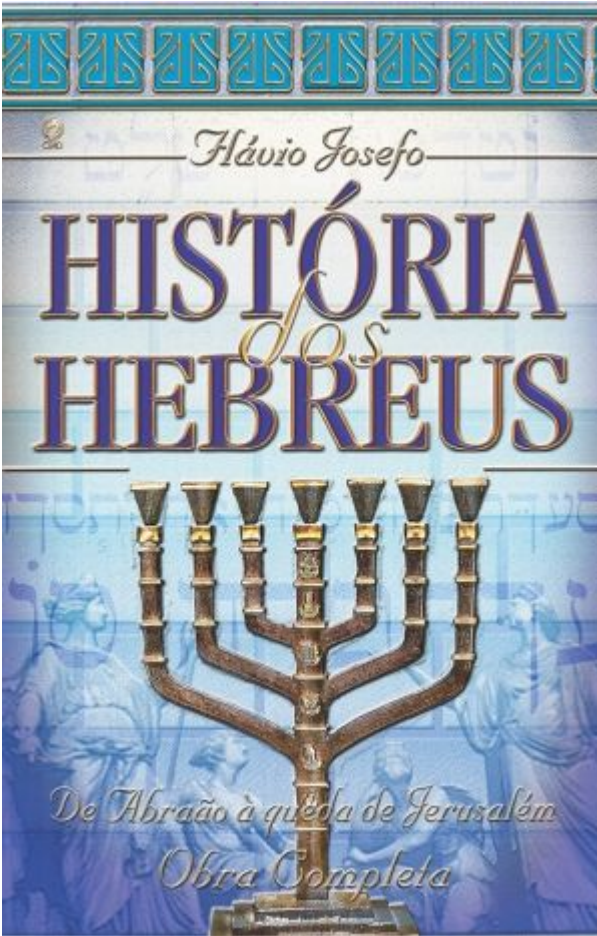
9786559681792

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao longo da história do Cristianismo, o apóstolo Paulo tornou-se o ápice da teologia cristã. A sua opção radical por Jesus o fazia vislumbrar um cristianismo que alcançasse o mundo todo. Por isso, vale a pena conhecer mais sobre Paulo. Neste livro, Elienai Cabral nos apresenta o mundo de sua época, sua vida como perseguidor, sua conversão e vocação, bem como sua mensagem, visão acerca do Espírito Santo, atuação como plantador de igrejas e discipulador, entre outras características que fizeram dele o "Apóstolo dos Gentios".

[Compre agora e leia](#)



História dos Hebreus

Josefo, Flávio

9788526313491

1568 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)

Mais de um milhão de cópias vendidas

Como ter o Coração de **Maria** no Mundo de **Marta**



Fortalecendo a Comunhão
com Deus em uma
Vida Atarefada

JOANNA WEAVER

Autora do Best-Seller Tendo um Espírito como o de Maria

Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta

Weaver, Joanna

9788526312302

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um convite para toda mulher que sente que não é piedosa o suficiente ... não está amando o suficiente ... não está fazendo o suficiente. A vida de uma mulher hoje não é realmente tão diferente da de Maria e Marta no Novo Testamento. Como Maria, você deseja se sentar aos pés do Senhor ... mas as demandas diárias de um mundo ocupado simplesmente não o deixam em paz. Como Marta, você ama Jesus e realmente quer servi-lo ... mas luta com cansaço, ressentimento e sentimentos de inadequação. Então vem Jesus, bem no meio de sua movimentada vida Maria / Marta - e ele estende o mesmo convite que fez há muito tempo às duas

irmãs de Betânia. Com ternura, ele convida você a escolher "a melhor parte" - uma vida alegre de intimidade na "sala de estar" com ele, que flui naturalmente para o "serviço de cozinha" para ele. Como você pode fazer essa escolha? Com sua nova abordagem à história familiar da Bíblia e suas estratégias criativas e práticas, Joanna mostra como todos nós - Maria e Marta - podemos nos aproximar de nosso Senhor, aprofundando nossa devoção, fortalecendo nosso serviço e fazendo as duas coisas com menos estresse e maior alegria.

[Compre agora e leia](#)



HERÓIS DA FÉ

VINTE HOMENS
EXTRAORDINÁRIOS
QUE INCENDIARAM
O MUNDO

ORLANDO BOYER

Heróis da fé

Boyer, Orlando

9788526311954

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mais de 300.000 livros vendidos! Um dos maiores clássicos da literatura evangélica. Homens extraordinários que incendiaram o mundo. A cada capítulo uma história diferente, uma nova biografia. As verdadeiras histórias de alguns dos maiores vultos da Igreja de Cristo. Heróis como: Lutero, Finney, Wesley e Moody, dentre outros que resolveram viver uma vida de plenitude do evangelho. "O soluço de um bilhão de almas na terra me soa aos ouvidos e comove o coração: esforço-me, pelo auxílio de Deus, para avaliar, ao menos em parte, as densas trevas, a extrema miséria e o indescritível desespero desses mil milhões de almas sem Cristo. Medita, irmão, sobre o amor do Mestre,

amor profundo como o mar, contempla o horripilante espetáculo do desespero dos povos perdidos, até não poderes censurar, até não poderes descansar, até não poderes dormir." (Carlos Inwood). Esta obra contém as biografias de grandes servos de Jesus. Conheça a vida de pessoas verdadeiramente transformadas por Deus e que, por isso, servem-nos como exemplos de vida. Um estímulo para também buscarmos ser reconhecidos como verdadeiros Heróis da Fé. Um produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)